

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

ANA CRISTINA LAVRATTI

**Notícia em meio digital online:
da leitura à tradução colaborativa**

Florianópolis – SC – 2017
ANA CRISTINA LAVRATTI

Lavratti, Ana Cristina
Notícia em meio digital online: da leitura à
tradução colaborativa / Ana Cristina Lavratti ;
orientadora, Meta Elisabeth Zipser, 2017.
145 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão,
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução,
Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Teoria da Tradução,
Jornalismo digital, Hipermidia, Tradução
Funcionalista. I. Zipser, Meta Elisabeth. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de
Pós-Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

Ana Cristina Lavratti

**NOTÍCIA EM MEIO DIGITAL ONLINE:
DA LEITURA À TRADUÇÃO COLABORATIVA**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do
Título de “Mestre” e aprovada em sua forma final pelo
Programa de Estudos da Tradução (PGET)

Florianópolis, 31 de maio de 2017.

Prof.^a Dr.^a Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Meta Elisabeth Zipser
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Andreia Guerini

Examinadora

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Maria José Roslindo Damiani Costa

Examinadora

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Maria José Baldessar

Examinadora externa

Universidade Federal de Santa Catarina

**Notícia em meio digital online:
da leitura à tradução colaborativa**

Dissertação de Mestrado apresentada pela aluna Ana Cristina Lavratti à PGET como requisito para a conclusão do Curso de Mestrado em Estudos da Tradução

Orientadora: Meta Elisabeth Zipser

Florianópolis – SC, maio de 2017

Pra minha mãe, Zarife Beylouni Lavratti, eterna Zazá... Que as janelas do céu estejam bem limpas, pra que possas ver com nitidez a família que tenho pra amar e o aprendizado que insisto em conquistar.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão a todos os amigos mestres e doutores que me encorajaram a ingressar no universo acadêmico e aos mestres e doutores que se tornaram meus amigos ao longo desta jornada. Gratidão sincera também à CAPES, que me honrou com a concessão de bolsa de estudos ao longo do ano de 2016.

*“A gente escreve o
que ouve,
nunca o que houve”
(Oswald de Andrade)*

RESUMO

A crescente interação em meio digital online, possibilitada pelo advento de novas mídias, transforma o tradicional leitor do fato em tradutor, de fato? A partir da análise da cobertura online do jornal Le Figaro aos atentados a Paris em 2015, que representam a pior onda de violência vivenciada na França desde a 2ª Guerra Mundial, esta pesquisa apresenta um paralelo entre Jornalismo e Tradução, a fim de ilustrar como os usuários de uma mesma fonte podem adquirir distintos conteúdos, construindo diferentes sentidos e influenciando seus interlocutores. Libertando da rigidez da leitura linear, em que a sequência é pré-definida por páginas numeradas, o leitor na internet define como, quando e qual conteúdo pretende consumir, usufruindo de um protagonismo valioso explorado aqui sob a luz da Tradução Funcionalista. Retratando a repercussão dos atentados nas redes sociais e simulando dois percursos de leitura no blog *Attentats de Paris*, este Estudo de Caso aponta como, ao eleger seus próprios caminhos para compreender a abrangência e os reflexos de um fato, o leitor em linguagem hipermídia exercita a tradução no sentido *lato sensu*. Com base em Nord, para quem a tradução se sobrepõe às barreiras linguísticas e culturais permitindo que o ato comunicativo aconteça, e em Zipser, para quem a Representação Cultural auxilia o leitor na compreensão dos acontecimentos, este trabalho examina se o leitor assume um viés tradutor ao interferir, por meio das reações expressas na web, na forma como outros apreendem e compreendem a mesma informação.

Palavras-chaves: Teoria da tradução, Funcionalismo, Jornalismo digital, Hipermídia.

ABSTRACT

As soon as new medias are increasing interaction on digital media online, does the traditional reader become a new kind of traductor? When analysing digital edition of Le Figaro newspaper, that centralizes news from the November 2015 Paris attacks, which represents the worst wave of violence suffered in France since the 2nd World War, the present work offers a parallel between Journalism and Traduction, pretending to illustrate the way different lectors in Hypermedia language, when surfing the same webpage, are able to purchase different contents, build different meanings and influence the readers that come next. Free from the accuracy of linear lecture, where the sequency is predefined by numbered pages, webreaders can choose how, when and what content they prefer to consume. This worthy empowerment they take advantage of is explored here beneath the Functionalist Perspective. Displaying the way Paris attacks caused a buzz in social medias, and simulating distinguished paths to navigate the same blog *Attentats de Paris*, this Case Study shows the way webreaders, by electing their owns routes to generate a version within reach of their comprehension, are assumed to translate news on a *lato sensu* way. Based on Nord's Functionalism, for whom translation overlays linguistic and cultural fences, allowing the communicative act to perform, and Zipser's upgrade, for whom journalist's subjective views presume a cultural representation between the fact and the news, this work aims to present how a webreader approaches his status of a collaborative translator since by reacting, commenting or endorsing information given through social network shares, he may influence the translation of the content his circle of contacts will make.

Key-words: Translation theory, Functionalism, Digital journalism, Hypermedia.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

1 – INTRODUÇÃO.....	13
2 – A TRADUÇÃO COMO ATO COMUNICATIVO.....	17
2.1 – Da tradução literal às deformações em prol do sentido.....	17
2.2 – Perspectiva Funcionalista.....	21
2.3 – Autonomia sob influências.....	24
2.4 – Da comunicação oral à notícia na velocidade do instante.....	28
3 – JORNALISMO EM DISCUSSÃO.....	33
3.1 – Apuração em apuros: o hiato entre representatividade e responsabilidade.....	38
3.2 – Hipóteses de leitura no rastro da linguagem hipermédia.....	40
3.3 – A convergência como propulsora de transformações sociais.....	43
3.4 – Redes sociais: as breaking news invadem o Twitter.....	45
3.5 – Conexão em tempo integral: do Facebook ao Google+.....	47
4 – TEXTO E LEITURA.....	49
4.1 – Estudo de caso: interação em tempo real na cobertura dos atentados a Paris.....	52
4.2 - Do pânico ao #prayforparis: onde validar a verdade.....	59
5 – LEITOR-TRADUTOR.....	69
5.1 - Da produção coletiva à tradução colaborativa.....	81
6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	97
APÊNDICE A – PRIMEIRA SIMULAÇÃO DE LEITURA.....	109
APÊNDICE B - SEGUNDA SIMULAÇÃO DE LEITURA.....	123
APÊNDICE C - INTERAÇÃO GERADA POR REPORTAGEM VEICULADA UM ANO APÓS OS ATENTADOS.....	133

1 INTRODUÇÃO

O Instituto Verificador de Comunicação anunciou em setembro de 2016 que a Folha de São Paulo, pela primeira vez em sua história, teve mais acessos na versão digital do que na versão impressa. A média de leitura diária na internet, de 161,8 mil pessoas, agora corresponde a 51% de sua circulação, contra 154,7 mil (49%) que mantêm a tradição de folhear o papel¹. A migração do leitor de jornal impresso para o ciberespaço, onde a leitura deixa de ser um processo previsível, com a ordem dos conteúdos condicionada ao número da página e com a íntegra das informações disponível em um único volume, vem transformando não só a logística de produção e circulação da notícia, mas também a forma de apreensão dos conteúdos.

Debruçados neste novo modelo comunicativo, com novos participantes, novas linguagens e a reutilização da informação sintonizada “à vertiginosa velocidade do ‘instante’, já não local, mas sim mundial” (ZAMITH, 2011, p 22), pesquisadores vêm analisando e sistematizando a mudança sob as mais distintas óticas. Um comportamento, no entanto, não parece estar sendo explorado: ao navegar na web sem roteiro prévio, em busca de dados que aproximem o fato da sua capacidade de compreensão, migrando de portais de notícias para redes sociais, onde é “convocado” a participar, julgar, se expressar e explicar, torna-se o leitor, de fato, um tradutor do fato?

Com base em Nord, para quem a tradução se sobrepõe às barreiras linguísticas e culturais permitindo que o ato comunicativo aconteça, e em Zipser, para quem a Representação Cultural auxilia o leitor na compreensão dos acontecimentos, esta pesquisa explora a relação entre os novos recursos disponibilizados em linguagem hipermídia e o movimento do leitor para traduzir o fato no sentido lato sensu do verbo, de construir a sua própria versão. A lacuna de estudos semelhantes, alçando o leitor a coadjuvante no ato tradutório, sugere a condição inovadora deste estudo, que propõe como objetivo geral examinar o viés tradutor do leitor na web.

Para abordar tal fenômeno, a escolha do corpus recaiu sobre o meio blog, pela expressiva e inerente intimidade entre autor e leitor.

1 Extraído do portal da Associação Brasileira de Imprensa, com dados do Instituto Verificador de Circulação. Disponível em <http://www.abi.org.br/folha-tem-circulacao-digital-maior-do-que-a-impressa/> Acesso em 20 de outubro de 2016.

Conciliando linguagem verbal (formal ou não-formal, de acordo com seu propósito) com linguagem não-verbal, recorrente em fotos e artes, os blogs permitem que os leitores comentem livremente os assuntos, já que a “interação é uma das principais características desse gênero textual².”

No caso específico do blog *Attentats de Paris*, criado na noite do massacre que deixou 130 mortos na capital francesa, a expressiva participação dos leitores transparece por meio de comentários dirigidos à redação, conversas entre os leitores nos próprios posts, ou ainda o compartilhamento dos conteúdos nas redes sociais.

A mesma premissa, de que o público contribuiu efetivamente na cobertura dos atentados, induzindo traduções ainda mais abrangentes dos episódios, denota como objetivos específicos desta pesquisa:

- a) analisar se nesta dinâmica muito mais interativa para aceder a conteúdos o leitor ultrapassa sua condição primária, de quem traduz para si, assumindo um papel ampliado, de quem interfere na tradução de todos aqueles vinculados à sua rede de contatos virtuais;
- b) abordar o caráter *lato sensu* da tradução, menos explorado do que sua faceta Interlingual;
- c) ilustrar as particularidades da interface Jornalismo-Tradução em meio digital online, em especial no meio blog, considerando-se que, no habitual esforço para facilitar a compreensão, apresentando as notícias com “deslocamentos, diferenciações e adequações ao ambiente de recepção” (ZIPSER, POLCHLOPEK, 2014, p 10), o jornalista conta agora com a contribuição dos próprios leitores.

Desenvolvido pelo diário francês *Le Figaro*, jornal com 190 anos de tradição, o blog *Attentats de Paris* corresponde aos requisitos da pesquisa por explorar na web um fato com repercussão mundial. Sob o ponto de vista técnico, a escolha recaiu sobre este corpus por conciliar textos objetivos, textos opinativos, vídeos, fotografias, a devida contextualização por meio de hiperlinks e ampla interação nas redes sociais, onde o massacre fez despontar recursos inéditos como a ferramenta *Safety Check* do Facebook, até então disponibilizada apenas em tragédias naturais. A atualidade do fato, o desconhecimento de outras pesquisas sobre o cobertura em questão, e a necessidade de se contextualizar o ocorrido justificaram uma abordagem qualitativa, apontando o Estudo de Caso como ferramenta mais propícia para a

2 Extraído do portal Toda Matéria. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/genero-textual-blog/> Acesso 25 de março de 2016.

investigação, pela capacidade de englobar a complexidade de uma situação real com impactos não só imediatos mas também a longo prazo. Os dados foram coletados do blog *Attentats de Paris* entre novembro de 2015 e novembro de 2016, e complementados com informações de agências de notícias e redes sociais que repercutiram os mesmos fatos.

Assim como na tradução profissional de um texto “os tradutores reconhecem os defeitos e os compensam, tanto na compreensão como na fase de transferência, mediante sua competência de recepção textual e seus conhecimentos gerais do mundo”, (NORD, 2016, p 73) o leitor em linguagem hipermídia exercita o mesmo papel, compensando as lacunas de conhecimento com uma curiosidade específica e uma navegação customizada. Neste sentido, este Estudo de Caso explora movimentos possíveis e prováveis do leitor, a interação entre leitor e redes sociais, e a interface entre imprensa e redes sociais, sempre sob a ótica da Tradução Funcionalista, segundo a qual um texto não opera isoladamente e só é concretizado mediante a recepção do leitor.

Se “... a recepção de um texto é determinada pelas competências do receptor” (NORD, 2016, p 32), e a informação “será processada pelo leitor e transformada (ou não) numa opinião a respeito do fato” (ZIPSER, 2002, p 46), dependendo da colaboração do leitor para adquirir o texto, em linguagem hipermídia este caráter ativo transparece de forma ainda mais acentuada. A partir dos avanços de Nord, que defende modificações no texto fonte segundo critérios de um tradutor não apenas bilíngue mas também bicultural, e de Zipser, que reconhece as marcas do jornalista, do veículo e do contexto da imprensa em um texto jornalístico, esperamos contribuir vinculando a autonomia do leitor em ambiente digital online a um conceito ampliado de tradução.

Para examinar se, assim como o tradutor e o jornalista, o leitor em linguagem hipermídia também realiza diferentes leituras conforme o seu propósito, esta pesquisa está dividida em seis capítulos. A distribuição contempla da visão ampliada da tradução como ato comunicativo aos avanços desencadeados pela corrente Funcionalista, no Capítulo 2. O Capítulo 3 explora os diferenciais do jornalismo a partir do advento da mídia digital online - incluindo o impacto destas mudanças na logística de produção de notícias e na relação entre produtor e consumidor de conteúdo – e também o novo trunfo para a contextualização e compreensão dos fatos: a linguagem hipermídia. O Capítulo 4 apresenta o corpus da pesquisa, no caso, o blog *Attentats de Paris*, enquanto no Capítulo 5 a explanação ganha um teor prático, com a simulação de diferentes possibilidades de leitura e de reação por parte de um leitor que além do país em pânico, a França, poderia estar no

Canadá, na Bélgica, na Suíça, em países da África ou do Caribe onde o francês é idioma oficial ou recorrente. O Capítulo 6 resgata as bases da tradução intralingual para sugerir o novo papel do leitor, que ao operar suas escolhas de navegação, reutilizar informações já postadas e externar sua subjetividade desencadeia um processo tradutório. Por fim, o Capítulo 7 faz as considerações finais, apontando o viés tradutor assimilado pelo leitor em ambiente digital online.

Presumindo que a diversidade de contextos, culturas e estruturas linguísticas com que se depara ao longo da navegação pode estar impelindo o leitor a exercer o papel adicional de tradutor, aliado aos conceitos de que todo texto está inserido em um processo comunicativo (NORD, 2005) e que a tradução não se limita a processo linguístico (VERMEER; REISS, 2013), cabe propor um paralelo entre os problemas pragmáticos, culturais e linguísticos com os quais o tradutor se depara, no exercício do seu trabalho, e os eventuais obstáculos enfrentados pelo leitor em um ambiente com memória e conteúdos infinitos.

A possibilidade de abordar a Tradução em sua dimensão *lato sensu*, marcada pela subjetividade, pela apreensão da realidade, pela decodificação das mensagens em um ambiente menos comum, o da Tradução intralingual sob o ponto de vista do leitor/navegador na web, justifica não apenas esta pesquisa, mas outras futuras, necessárias para disseminar a complexidade, a abrangência e o valor intrínsecos ao ato de traduzir.

2 A TRADUÇÃO COMO ATO COMUNICATIVO

Relativamente recente, a disciplina Tradução costuma ser investigada em sua faceta interlingual, reconhecida como a tradução propriamente dita. Jakobson, no entanto, sistematiza três formas essencialmente distintas de tradução. Além da tradução interlingual, que envolve um par de idiomas e os fenômenos decorrentes da interpretação de um signo verbal em uma língua diferente daquela onde consta originariamente, o autor caracteriza a tradução intralingual e a tradução intersemiótica igualmente como processos tradutórios.

Também chamada de transmutação, a tradução intersemiótica “consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais”, (JAKOBSON, 2010, p 81), enquanto a tradução intralingual “consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua”. (JAKOBSON, 2010, p 81) Independentemente de o processo tradutório ser inter ou intralingual, é notório o papel ativo do leitor na aquisição dos conteúdos, já que “... a recepção de um texto é determinada pelas competências do receptor.” (NORD, 2016, p 32)

Neste ensejo, de apresentar a evolução do processo tradutório até o reconhecimento de que cabe ao receptor concretizar o texto, a próxima seção permeia as raízes da tradução, quando a transferência ainda era feita palavra a palavra, a classificação dos textos segundo suas Funções, as características do Funcionalismo e os fatores que influenciam tanto a redação quanto a apreensão de dado conteúdo. Na sequência, enfatizando o *corpus* digital online desta pesquisa, são explorados os diferenciais do meio blog em relação aos meios impressos, a nova dinâmica multilateral na produção de notícias e o comportamento de horda do leitor (RECUERO 2009b, p 1), que assim como se deixa influenciar pela preferência da “massa” também induz a compreensão dos que o sucederem na leitura de posts com comentários liberados e opção de compartilhamento.

2.1 Da tradução literal às deformações em prol do sentido

Compreender a complexidade do fenômeno tradutório, que como legítimo ato comunicativo não se limita à transferência para outro idioma, por englobar adaptações, atualizações, interpretações e deslocamentos culturais, exige que se volte às origens de um confronto sem consenso. Com raízes seculares, o impasse “literal-livre-fiel”

proclama ora o transporte preciso de cada palavra ora a suscinta transposição do sentido. Para Munday, “a distinção entre tradução *word-for-word* e *sense-for-sense* remete a Cícero (no século I a.C) e a St. Jerome (no século IV d.C.) e forma a base dos estudos da tradução nos séculos que nos precedem.” (MUNDAY, 2008, p 19³)

No Império Romano, a atividade tradutória consistia em substituir cada palavra do texto fonte, geralmente em grego, pelo equivalente gramatical mais próximo em latim. Foi St Jerome quem, corajosamente, ousou revisar e corrigir traduções anteriores do Novo Testamento (tomando como base o texto fonte em grego) e traduzir o Velho Testamento a partir do hebreu, provocando grande controvérsia por rejeitar a aproximação *word-for-word*, alegando a possibilidade de a tradução literal do texto fonte corromper o senso original. Afrouxando as regras com pertinente cautela para o contexto da época, em 1540, Dolet sistematiza cinco propriedades essenciais ao tradutor, listadas por Munday em ordem de relevância:

- a) compreender perfeitamente o sentido e o material do autor do original, sentindo-se à vontade para esclarecer confusões;
- b) ter perfeito conhecimento de ambos os idiomas, do texto fonte e do texto meta, a fim de não reduzir a majestade da linguagem;
- c) evitar se render à tradução *word-for-word*;
- d) evitar expressões pouco usuais, como aquelas em latim; agregar as palavras de forma competente, o que é incompatível com a rigidez do *word-for-word*. (MUNDAY, 2008, p 27⁴).

Denotando uma evolução natural do movimento tradutório, Dryden reduz a tradução a três categorias: Metafrase (literal, com tradução palavra a palavra e linha a linha); Parafrase (com sentenças completas sendo substituídas por frases que correspondem fielmente ao sentido); e Imitação (como uma adaptação, com liberdade para abandonar frases e palavras); sendo complementado por Tytler, para quem o mérito do trabalho tradutório se revelava quando o falante de outro idioma absorvia, por meio do texto traduzido, o mesmo sentido que o leitor no idioma de origem.

Autorizando o tradutor a compor um panorama de perdas e ganhos no exercício tradutório, desde que observando a completa transcrição das ideias, o caráter e a fluência da composição original, os preceitos de Tytler não impedem a academia inglesa de viver um período de ostracismo e marginalização, com novos pensadores

3 Tradução nossa.

4 Tradução nossa.

despontando em diferentes partes do mundo. Pioneiro da análise estrutural da linguagem, Jakobson alerta sobre a hipocrisia de se analisar a tradução de forma isolada do contexto comunicativo. Para o autor, “as tentativas de construir um modelo de linguagem sem relação nenhuma com quem a fale ou ouça, e de hipostasiar assim um código desligado da comunicação efetiva, ameaçam reduzir a linguagem a uma função escolástica”. (JAKOBSON, 2010, p 104)

Contribuindo com a normatização do trabalho de um tradutor gradualmente mais autônomo, Nida elenca três passos da tradução prescritiva: a Análise da estrutura hierárquica, que diferencia as palavras segundo níveis; a Análise dos componentes, que identifica características específicas em um grupo de palavras; e a Análise da estrutura semântica, que encoraja o tradutor a desvendar a complexidade semântica de um termo, ou seja, seu espírito, a fim de esclarecer as ambiguidades, garimpar diferenças culturais que merecem ser elucidadas e atuar com liberdade.

Para blindar o texto traduzido do excesso de interferência do tradutor, o mesmo autor também divide a transferência de conteúdos do texto fonte para o texto meta em três etapas: Literal (a partir do mapeamento das interlinearidades), Mínima (que pressupõe a adaptação gramatical necessária para tornar o texto legível) e por fim Literária, envolvendo modificações e trocas, porém desconsiderando omissões, adições e outras variantes que com o passar dos anos renderam inúmeras críticas à teoria, considerada rudimentar. Por fim, na tentativa de “traduzir” o caráter flexível da tradução, distingue a equivalência em Formal e Dinâmica, sendo esta última voltada à correspondência de significado, considerando o contexto do leitor.

Nos anos 1960, Levý vai adiante, recorrendo à interface entre a tradução e outras artes para analisar a verve criativa do processo, defendendo a tradução como processo criativo original que extrapola as questões de gramática e estilo. No âmbito da tradução poética, especificamente, afirma como “não é possível negar o direito de duas traduções paralelas coexistirem, reconhecendo obviamente que ambas são criações concebidas de forma autônoma e artisticamente coerentes.” (LEVÝ, 2011, p 73⁵) Neste sentido, sugere que quanto maior é a

5 Tradução nossa.

autonomia do tradutor, mais precisa será a reprodução do original, pois o texto traduzido não estará algemado ao significado literal de cada palavra do texto fonte.

Reconhecendo a natureza híbrida da tradução, com o ambiente linguístico limitado a mero cenário, Levý questiona ainda os dramas vivenciados pelo tradutor - agente de decisão por excelência - para que o texto meta⁶ realize na mente do receptor a mesma impressão do texto fonte⁷, mantendo os valores cognitivos do trabalho. Neste sentido, o tradutor pode optar pela veracidade, quando captura e transmite a realidade, ou pela similaridade, quando comunica ao leitor os principais atributos do original, mas desvia propositalmente de uma cópia mecânica. “A veracidade na tradução também envolve uma compreensão do significado relativo dos valores individuais em um trabalho literário.” (LEVÝ, 2011, p 100⁸)

Em seu anseio por exercer a criatividade o tradutor torna-se suscetível a uma série de variantes, como a permanente transformação da língua, o risco de algumas expressões se deteriorarem com o tempo, a coexistência de várias traduções de um mesmo texto fonte, quando algumas soluções já apresentadas por outros tradutores são notórias no contexto sociocultural contemporâneo, quando algumas convenções sociais estão relacionadas a períodos específicos ou a fenômenos históricos internacionais e não devem ser alteradas. O impacto da disseminação da mensagem originária em outra cultura e o propósito subliminar de converter o receptor do texto meta ao discurso dominante da cultura de origem passam a ser igualmente explorados, até Zohar inserir a prática tradutória em um complexo polissistema, reconhecendo o sistema sócio-semiótico como uma estrutura aberta e heterogênea, inserida em outra ainda maior, da cultura, e dependente de inúmeras relações.

A partir da compreensão de que a tradução interage com uma série de fenômenos, o rígido ofício prescritivo, submisso a regras, normas, práticas de avaliação e instrumentos didáticos, sucumbe à performance vigorosa da corrente descritiva, que reconhece as

6 Texto traduzido

7 Texto originário, no qual se baseia o texto traduzido

8 Tradução nossa.

suscetibilidades do tradutor. Inerentes a um polissistema, os cânones literários contemporâneos e o jogo de forças da cultura dominante estão entre os fatores que influenciam na tomada de decisões. Se a tradução ocupar uma posição central no sistema, no entanto, o “tradutor não se resume a procurar modelos prontos no seu repertório particular, por meio dos quais os textos fontes seriam transferíveis. Ao contrário, ele deve estar preparado para em alguns casos violar as convenções domésticas.” (EVEN-ZOHAR, 1990, p 50)

Desde a primeira escolha feita, o tradutor está influenciando todo o resultado do trabalho, à medida em que opera trocas, cada vez mais centrado no contexto do receptor. “Tradutores operam primeiramente e prioritariamente norteados pelo interesse da cultura *para a qual* estão traduzindo, e não pelo interesse do texto fonte, muito menos da cultura de origem.” (TOURY, 1985, p 19, tradução nossa). Por mais que considere o contexto do leitor e se sujeite às Normas, definidas conforme a alternância de poder e a tensão entre múltiplos elementos, nenhum exercício tradutório, para Berman, é imune à deformação. Segmentado, o processo de destruição da letra em favor do sentido compreende, segundo o autor, 13 estágios distintos:

- a) a racionalização;
- b) a clarificação;
- c) o alongamento;
- d) o enobrecimento e a vulgarização;
- e) o empobrecimento qualitativo,
- f) o empobrecimento quantitativo;
- g) a homogeneização;
- h) a destruição dos ritmos;
- i) a destruição das redes significantes subjacentes;
- j) a destruição dos sistematismos textuais;
- k) a destruição (ou a exotização) das redes de linguagens vernaculares;
- l) a destruição das locuções e idiotismos;
- m) o apagamento das superposições de línguas.

Submissa a estas forças deformadoras, a tradução, para Berman, é fundamentalmente iconoclasta. “Ela desfaz a relação *sui generis* que a obra instituiu entre a letra e o sentido, relação onde é a letra que “absorve” o sentido. Ela o desfaz para instituir uma relação inversa, onde das ruínas da letra deslocada brota um sentido “mais puro”.” (BERMAN, 2007, p 62)

2.2 Perspectiva Funcionalista

Pioneiro da análise estrutural da linguagem, Jakobson amplia o debate em torno da tríade significado-equivalência-tradutibilidade ao defender que “a equivalência ocorre ao nível da mensagem, entre os textos, e não de unidades do código linguístico separadamente, pois essas unidades são diferentes pelo fato de pertencerem a dois sistemas de signos (línguas) igualmente diferentes e que compreendem a realidade de modos distintos.” (ZIPSER; POLCHLOPEK, 2014, p 48)

Desviando da ideia castradora de que cada palavra tem um significado fixo, Nida propõe “uma definição funcional dos significados, no qual a palavra adquire uma significação através do seu contexto e, conseqüentemente, produz várias respostas de acordo com a cultura na qual é empregada.” (ZIPSER; POLCHLOPEK, 2014, p 49) Aprofundando a própria teoria, ele fragmenta a questão do “significado” sob três aspectos: Linguístico (propriedade da gramática de dar infinitos usos a significados finitos), Referencial (aquele do dicionário) e Emotivo (ou conotativo). Mas e se o significado não emergir do texto, e sim do contexto do leitor?

A partir desta inquietação, na Alemanha dos anos 1970 e 1980, a tradução ganha uma abordagem muito mais flexível. A corrente Funcionalista valoriza de forma sem precedentes os aspectos culturais externos ao texto. Os primeiros avanços neste sentido se dão com Reiss vinculando a adequação do texto meta à transmissão, pelo tradutor, das funções predominantes do texto fonte. Abordadas inicialmente por Malinowski em 1923 e Bühler em 1934, as funções do texto são renomeadas e complementadas por Jakobson nos anos 1960 como:

- a) Referencial: ligada ao tema / contexto / referência;
- b) Emotiva: ligada ao remetente;
- c) Conotativa: ligada ao destinatário;
- d) Fática: ligada ao canal / meio da mensagem;
- e) Metalinguística: ligada ao código;
- f) Poética: ligada à essência da mensagem.

Ao reconhecer a coerência, o atributo crítico e a capacidade do tradutor de interpretar o texto fonte – preservando a função sem a tradicional submissão ao rigor da forma – o Funcionalismo fomenta uma mudança de paradigma. Em vez da equivalência e da fidelidade, a nova corrente da tradução, como o próprio nome sugere, privilegia as funções do texto fonte. Com o olhar centrado no público, autoriza até mesmo mudanças intencionais na forma e no conteúdo, norteadas pelo propósito do trabalho, com o tradutor julgando o que merece ou não ser adaptado ao ambiente de chegada.

Contemporâneo de Reiss e cúmplice em sua abordagem, Vermeer dissemina a expressão grega *skopos* ao defender que “o propósito da tradução é o que determina os métodos e estratégias a serem empregados para se produzir um resultado funcionalmente adequado, isto é, que comunique sem descaracterizar os textos como original e tradução.” (ZIPSER; POLCHLOPEK, 2014, p 61) Para imprimir ao texto meta um propósito “equivalente em relação ao conteúdo conceitual, à forma lingüística e à função comunicativa do texto fonte”, o tradutor Funcionalista baseia-se em três princípios:

- a) A transmissão da função predominante do texto fonte é o fator principal para julgar o texto meta;
- b) A importância dos critérios de instrução varia de acordo com a tipologia textual;
- c) O reconhecimento de que a função comunicativa do texto meta pode divergir daquela do texto fonte e que o texto meta pode ser dirigido a um público diferente do que fora intencionado pelo autor, razão pela qual se faz necessário avaliar a funcionalidade do texto meta em relação ao contexto da tradução. (ZIPSER; POLCHLOPEK, 2014, p 60)

Centrado no lado humano do processo, Vermeer subverte padrões canônicos da competência tradutória ao defender que traduzir não é “meramente e nem primeiramente um processo lingüístico” (ZIPSER; POLCHLOPEK, 2008, p 61), e sim um processo suscetível às particularidades do tradutor, o sistema cultural em que ele está inserido e o propósito/*skopo* da tradução. Para Venuti, que desmembra a Teoria do *Skopo* em três aplicações, considerando o processo de tradução (seu objetivo), o resultado da tradução (sua função), e o modo de tradução (sua intenção),

“transcodificar, seguindo a perspectiva do texto fonte em vez de prospectar a cultura alvo, é diametralmente oposto à teoria da ação tradutória, mas esta visão não exclui a possibilidade de que transcodificar seja o legítimo *skopo* daquela tradução... o critério decisivo é sempre o *skopo*.” (VENUTI, 2000, p 223)

Tradutora para o inglês dos originais em alemão de Reiss e Vermeer, Nord também se dedica à sistematização do processo tradutório, elencando cinco fatores que influenciam a transferência intercultural em uma tradução:

- a) as barreiras culturais;
- b) os tipos de tradução (documento ou instrumento);
- c) as formas de tradução (interlinear, literal, filológica, exotizante, equi-funcional e homóloga);
- d) a estratégica tradutória, sempre relacionada à “tarefa” especificada por quem demandou o trabalho em questão.

Para Nord, confrontar o leitor do texto fonte e do texto meta em diferentes aspectos, seu contexto (quais informações seriam reconhecidas pelo leitor do texto meta); sua cultura (semelhanças e diferenças nas convenções de comportamento); estrutura linguística (incluindo falsos amigos); e questões específicas (como jargões e neologismos) também auxilia o tradutor a encontrar soluções para os problemas pragmáticos, culturais, linguísticos e específicos da tradução. O mesmo esforço, conforme explorado mais adiante, percebe-se no leitor/tradutor na web, à medida que “customiza” as notícias postadas em meio digital com comentários acessíveis ao seu círculo de contatos e uma linguagem condizente com o meio em questão.

2.3 Autonomia sob influências

Considerando a influência direta da cultura no processo tradutório, Nord (2005) amplia o background necessário ao tradutor, a quem cabe conhecer tanto a cultura dada (geografia, clima, arte, arquitetura, decoração, etc, relacionados ao contexto da obra) quanto a cultura do comportamento em suas manifestações comunicativas (verbais, não-verbais e paraverbais) e não-comunicativas (valores e hábitos que permitem ao indivíduo ser como todos, ou, de forma mais pontual, os comportamentos que tornam a pessoa aceitável pela sociedade). Nenhum recurso, no entanto, garante ao tradutor cumprir com a intenção do autor perante o leitor do texto meta, já que:

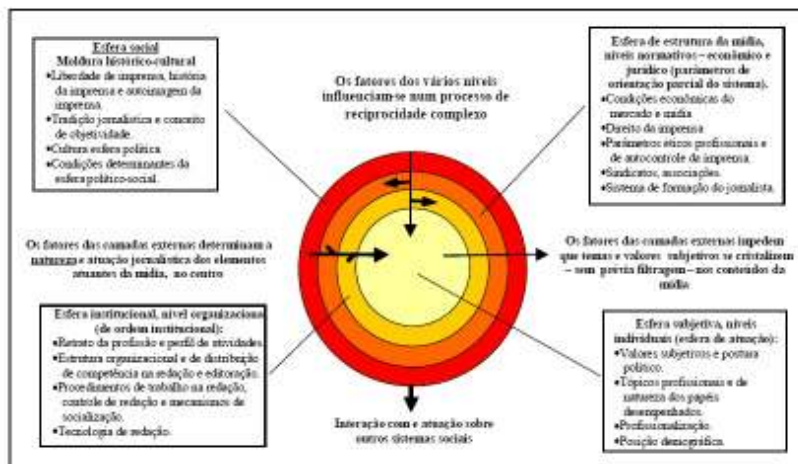
- a) a tradução é uma ação, ou seja, é uma situação comunicativa que está inserida num contexto de situação real e autêntico;
- b) Todo texto, traduzido ou não, tem uma função;
- c) Essa função só é concretizada no momento da recepção (da leitura) do texto por parte do destinatário, o que faz com que os textos tenham sempre um caráter prospectivo, isto é, os textos são sempre produzidos pensando-se no leitor final. (ZIPSER; POLCHLOPEK, 2008, p 64)

Para ampliar as possibilidades deste destinatário concretizar o texto traduzido por meio da leitura, “o tradutor deve ser não só bilingue

como também bicultural, de modo a reestruturar o contexto de produção do Texto Fonte (TF) para então estruturar o contexto de recepção do Texto Traduzido (TT),” (ZIPSER; POLCHLOPEK, 2008, p 66) decidindo, até mesmo, se mantém ou não no texto meta a função específica do texto fonte. Contudo, nem o profundo conhecimento da realidade e das expectativas do leitor nem o completo zelo na tradução das funções, formas e conteúdos exime o destinatário de deter a palavra final. “O texto oferece a informação, que será processada pelo leitor e transformada (ou não) numa opinião a respeito do fato. Se o leitor não colaborar, adquirindo o texto... para lê-lo, informar-se e formar sua opinião a respeito, o texto jornalístico não terá razão de ser.” (ZIPSER, 2002, p 46)

Em linguagem hipermídia, especificamente, ler constitui uma edição particular, “uma atualização das significações de um texto, já que a interpretação comporta também um elemento de criação pessoal.” (FREITAS; COSTA, 2011, p 17) Para aproximar a notícia deste leitor, ativo e autônomo, cabe ao jornalista/tradutor dos fatos gerenciar múltiplas variáveis, “ditadas pelas esferas políticas, sociais, econômicas, pela condicionante da história, pela extensão da liberdade de imprensa, pelo teor de formação dos seus agentes, e, não menos importante, pelo perfil do público a quem a reportagem se destina.” (ZIPSER, 2002, p 10)

Figura 1 - Modelo Pluriestratificado Integrado.



Fonte: Esser (1998, apud ZIPSER, 2002, p 31).

Esta complexa rede de influências, marcada pela interação e pela reciprocidade entre os vários níveis do processo, é sistematizada por Esser (apud ZIPSER, 2002) por meio de um Modelo Pluriestratificado Integrado (Figura 1). A máxima influência sobre o texto jornalístico, para Esser, provém da Esfera Social, que compreende desde as determinantes político-sociais até o histórico da imprensa (tradição da mídia, liberdade x censura, etc). A segunda maior influência, conforme o Modelo de Esser, considera o comportamento da imprensa em relação a parâmetros econômicos e jurídicos (o mercado da mídia, a formação do jornalista, o corporativismo dos profissionais da área, etc).

Sucessivamente, por ordem de influência, a produção está sujeita à Esfera Institucional (estrutura e tecnologias de que o veículo de comunicação dispõe, etc) e à Esfera Subjetiva, ou seja, fatores intrínsecos a quem escreve. A reciprocidade, neste caso, opera tanto interiormente, com as quatro Esferas interagindo de modo que uma compense a exacerbação da subjetividade das demais, quanto exteriormente, com a imprensa interagindo com outros sistemas sociais.

Reconhecendo a suscetividade dos profissionais da imprensa, sujeitos a todos os fatores elencados acima no processo de produção da notícia, Zipser estabelece a interface jornalismo-tradução, vinculando a tradução do fato noticioso a uma Representação Cultural:

“A leitura que fazemos das notícias é, a exemplo da leitura de uma tradução, apenas uma das muitas que um mesmo fato/texto pode receber, de acordo com o contexto cultural para o qual se destina... Essas várias leituras fazem com que o enfoque dado ao fato sofra deslocamentos, diferenciações, adequações ao ambiente de recepção.” (ZIPSER; POLCHLOPEK, 2014, p 10)

Sofrida pelo fato noticioso à medida que a transcodificação de uma cultura para a outra não é isenta, objetiva, neutra, imparcial e consensual, esta Representação Cultural, para Zipser, envolve marcas específicas do contexto do leitor-destinatário, que operam como Filtros Culturais,

“isto é, elementos naturais que integram o sistema de comunicação intercultural e que são pautados nos valores culturais da sociedade para a qual o texto se destina, encurtando assim a distância entre o fato ocorrido e aquele veiculado pela imprensa, em especial quando as notícias transitam em ambientes internacionais. Do fato à reportagem, esses filtros atuam no processo de

construção de sentido dos textos, auxiliando o leitor na compreensão dos acontecimentos.” (ZIPSER; POLCHLOPEK, 2014, p 9)

Mesmo quando ocultas, reitera Zipser, “as marcas culturais do contexto do leitor-destinatário” estão sempre presentes no relato formal do fato noticioso. Neste anseio, de contemplar um presumido receptor, a produção do texto sofre uma série de influências extratextuais e intratextuais (Figura 2). A interação entre os fatores extratextuais (perfil do emissor, sua intenção, do perfil do receptor, do meio no qual a mensagem é publicada, onde e quando circula, qual o propósito do post e a função do texto) e os fatores intratextuais (tema, conteúdo, léxico, sintaxe, estruturação, pressuposições, elementos não-verbais e supra-segmentais) define o Efeito do Texto, ou seja, o resultado do ato comunicativo entre emissor e receptor (Figura 3).

Figura 2 - Fatores extratextuais e intratextuais que influenciam a tradução.

MODELO DE CHRISTIANE NORD			
TEXTO FONTE		TEXTO META	
	TEXTO FONTE	QUESTÕES DE TRADUÇÃO	TEXTO-META
FATORES EXTERNOS AO TEXTO			
Emissor			
Intenção			
Receptor			
Meio			
Lugar			
Tempo			
Propósito (motivo)			
Função textual			
FATORES INTERNOS AO TEXTO			
Tema			
Conteúdo			
Pressuposições			
Estruturação			
Elementos não-verbais			
Léxico			
Sintaxe			
Elementos supra-segmentais			
Efeito do texto			

Fonte: Zipser (2002).

Figura 3 – Fatores intratextuais e extratextuais que, segundo Nord, influenciam a tradução, com os respectivos detalhamentos.

FATORES EXTRATEXTUAIS		Ponto de vista do autor/emissor do texto	
<i>Elementos externos ao texto</i>		<i>Pergunta</i>	<i>Detalhamento</i>
Emissor	Quem escreve?	Pessoa (ou instituição, etc.) que elaborou o texto.	
Intenção do emissor	Para que? O que o emissor deseja causar com o texto?	Divulgar, informar, ensinar, explicar, instruir, ordenar, etc. [se relaciona com a função e efeito do texto]	
Receptor	Para quem?	Público-alvo ao qual o texto está direcionado.	
Meio	Que tipo de canal de comunicação?	Impresso (ex.: revista, jornal, livro, etc.) ou oral (ex.: rádio, televisão, etc.).	
Lugar	Onde?	Lugar em que o texto foi produzido e publicado (cidade, país, etc.)	
Tempo	Quando?	Data, período de tempo, etc.	
Propósito [motivo]	Por que? Com que motivo?	O(s) motivo(s) da publicação do texto	
Função textual	Com que função?	Função(ões) da linguagem (referencial, emotiva, conativa, fática, metalingüística e poética). [se relaciona com a intenção do emissor e com o efeito do texto]	
FATORES INTRATEXTUAIS		Componentes linguísticos inerentes ao texto (conteúdo e forma)	
<i>Elementos internos ao texto</i>		<i>Pergunta</i>	<i>Detalhamento</i>
Tema	Sobre o que fala o emissor?	Assunto geral tratado no texto	
Conteúdo	O que?	Assuntos abordados no texto; abordagem do tema	
Pressuposições	Que conhecimentos prévios pode ter o receptor?	Experiências anteriores relativas ao tema	
Estruturação	Como está organizado o texto?	Organização textual (tópicos, número de páginas, bloco, colunas, etc.). De uma ordem geral para uma mais específica.	
Elementos não-verbais	Apresenta elementos não-verbais? Quais?	Fotos, gráficos, ilustrações, etc.	
Léxico	Que tipo de palavras?	Escolha das palavras.	
Sintaxe	Que tipo de estruturas frasais são utilizadas?	Tamanho das orações, complexidade, etc.	
Elementos supra-segmentais	O que dá tom ao texto?	Pensamentos interpolados, uso de parênteses, itálico, negrito, caixa alta, etc.: tom do texto via pontuação.	
EFEITO		Resultado do processo comunicativo entre o emissor e o receptor, ou seja a interação entre os fatores internos e externos ao texto.	
<i>Elemento</i>		<i>Pergunta</i>	<i>Detalhamento</i>
Efeito do texto	Com que efeito?	Qual a repercussão do texto sob o receptor? [se relaciona com a função textual e intenção do emissor]	

Fonte: Abreu, Juliana de (2014), adaptado de Zipser (2002).

Desta conjugação de fatores que influenciam o Efeito do Texto, o meio em que a notícia circula – fator determinante no gênero textual adotado – é abordado com maior profundidade na seção a seguir.

2.4 – Da comunicação oral à notícia na velocidade do instante

Até a prensa de Johannes Gutenberg estreitar o vínculo entre o papel e a informação, o som de uma palavra era mais valorizado do que seu aspecto visual. Nestas sociedades anteriores ao século XV, com comunicação prioritariamente oral, as mensagens eram emitidas e recebidas ao mesmo tempo, ou seja, “emissores e receptores partilhavam uma situação idêntica e, em geral, um universo análogo de significado. Os atores da comunicação estavam embebidos no mesmo banho semântico, no mesmo contexto, no mesmo fluxo vivo de interação.”

(FREITAS; COSTA, 2011, p 20) Com o advento da impressão, com a informação consumida a distância, longe de seu autor, ganham espaço novos gêneros textuais.

Divididos por Bakhtin entre primários (as conversas espontâneas do cotidiano) e secundários (mais elaborados conforme sua finalidade), os gêneros do discurso denotam a transformação por que passa a vida social, já que “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais.” (BAKHTIN, 1999 apud FREITAS; COSTA, 2011, p 50) Além das palavras eleitas e do perfil dos interlocutores, o repertório de gêneros discursivos também é suscetível ao contexto da interação: qual a duração da conversa, seu tema, onde se passa, com qual intenção e quanto os envolvidos valorizam aquele encontro. Para Bakhtin, os aspectos extraverbais afloram porque toda “expressão linguística está orientada para outro, seja um interlocutor em particular ou um auditório social.” (BAKHTIN, 1999 apud FREITAS; COSTA, 2011, p 60)

Realizada sob tantas influências, a comunicação é facilitada por meio de signos em comum, adotados ou adaptados ao longo de uma relação essencialmente dialógica. No ato da escrita, esta dinâmica torna-se ainda mais visível quando “o sujeito lança mão de palavras que vêm do discurso do outro que, da passagem da esfera interdiscursiva para a intradiscursiva, vão, aos poucos, tornando-se próprias e transformando-se, novamente, em contrapalavras num permanente processo de construção de sentidos.” (FREITAS; COSTA, 2011, p 132) Para Sontag, que reconhece o peso da acumulação histórica, capaz de vergar e corromper a linguagem à medida em que é compartilhada, “contar é recontar. E onde existe um recontar, um testemunho compenetrado, também existe sempre a possibilidade – ou melhor, a probabilidade – de um engano.” (SONTAG, 2005, p 31)

Mutação semelhante percebe-se hoje no ciberespaço. A comunicação mediada pela internet vem alterando a forma de ler, escrever e conversar, desencadeando novos códigos, convenções e gêneros discursivos, com características intrínsecas ao site, chat, blog, aplicativo ou rede social em que se dá a interação. Ao digitar um post ou mensagem, por exemplo, os usuários de internet ultrapassam a fronteira do alfabeto tradicional, compensando a ausência de gestos e de entonação com elementos supra-segmentais (já elencados na Tabela de Nord entre os Fatores intratextuais que influenciam a tradução). No intuito de aproximar o texto digitado da oralidade, criam “códigos de

escrita específicos, como alongamento de letras, sinais de pontuação, uso de letras maiúsculas, de emoticons (caracteretas)...” (FREITAS; COSTA, 2011, p 71) Para dar o tom informal da conversa, simulando um diálogo presencial, também tiram proveito dos sistemas logográfico e semiótico e de recursos do alfabeto, Entre os mais comuns, digita-se krida para querida, aki para aqui, bora para embora, tamujunto para estamos juntos.

À medida que novas palavras e expressões, postados em seu próprio idioma ou com frequência em língua estrangeira, se proliferam no ambiente informal e democrático da web, mais os usuários são encorajados a escrever à sua maneira, não raro postando conteúdos que integrantes de outras tribos não se julgam aptos a decifrar. Se por um lado estas marcas culturais permitem a identificação de usuários com estilos e interesses em comum, por outro podem compor um obstáculo extra à compreensão, juntamente com os idiomas, dialetos e jargões que convivem e se confundem na World Wide Web. Acessíveis ou não, nos dois casos refletem a época e o meio em questão.

Sempre vinculados à dinâmica contemporânea, os gêneros textuais “surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas” (MARCUSCHI, 2002, p 19), e com a mesma facilidade com que se consolidam, podem ser extintos, dada sua suscetibilidade ao contexto. Nos períodos de vigência, no entanto, “caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas particularidades linguísticas e estruturais.” (MARCUSCHI, 2002, p 20) No século XXI, em especial, além das novas linguagens os gêneros textuais são marcados pelo desenvolvimento de “novas narrativas convergentes (multimídia) e de novas formas de recuperação e reutilização da informação, tudo isto à vertiginosa velocidade do ‘instante’, já não local, mas sim mundial.” (ZAMITH, 2011, p 22)

Entre os fenômenos que melhor reproduzem a pressão que a “velocidade do instante” exerce sobre a mídia estão os blogs temáticos criados por veículos de comunicação em situações específicas, sejam elas previsíveis, como as Olimpíadas do Rio de Janeiro em 2016, ou completamente adversas, como os atentados a Paris em novembro de 2015. Em ambos os casos, a centralização das notícias em um blog (com atualização permanente e capacidade ilimitada de armazenamento) permitiu que veículos impressos suprissem a demanda por informação de seus leitores no longo período que separa uma edição do jornal da próxima, 24 horas mais tarde.

Abreviação da expressão em inglês *weblog*, sendo *web* a teia e *log* o diário de bordo, os blogs são utilizados tanto para fins pessoais quanto institucionais. Conciliando linguagem verbal (formal ou não-formal, de acordo com seu propósito) com linguagem não-verbal, recorrente em imagens e artes, os blogs são criados e atualizados de forma fácil e gratuita. Com isso, proliferam-se na web tendo como marca registrada a intimidade entre autor e leitor, já que, como consenso, “os leitores podem interagir com o autor do blog, fazendo comentários nas postagens dos artigos. A interação é uma das principais características desse gênero textual⁹.”

Para Gillmor, os blogs representam uma transformação já que “a mídia impressa e as televisões são um meio um-para-muitos. O telefone é um-para-um. E agora nós temos um meio que é tudo o que se quis: um-para-um, um-para-muitos e muitos-para muitos” (GILLMOR, 2004¹⁰) com qualquer autor capaz de alcançar distribuição mundial. Essenciais no contexto da evolução do jornalismo, os blogs, para Gillmor, são uma forma extremamente democrática de jornalismo já que, enquanto na mídia tradicional os amadores eram eventualmente bem-vindos, nos blogs o domínio é dos amadores, com a bem-vinda participação de profissionais. Da mesma forma, ao contrário das redações onde as barreiras para ingresso são grandes, a criação de um blog é simplificada, com a maioria das ferramentas necessárias extraídas da própria internet.

Para concretizar sua natureza interativa, os blogs mantêm estreito vínculo com as redes sociais, a fim de atrair leitores e potencializar a circulação de seus conteúdos, ora reproduzidos *ipsis litteris* ora corrompidos com críticas e comentários. Nesta dinâmica sem leis e fronteiras, reutilizar a informação, em vez de ação isenta, torna-se um processo autoral, com compartilhamentos impregnados por opiniões. Para Shirky, vivenciamos “um extraordinário aumento da nossa capacidade de compartilhar, de cooperar uns com os outros e de empreender ações coletivas, tudo isso fora da estrutura de instituições e organizações tradicionais” (SHIRKY, 2012, p 23), com cada nível de envolvimento marcado por um nível distinto de dificuldade.

9 Extraído do portal Toda Matéria. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/genero-textual-blog/> Acesso 25 de março de 2016.

10 Obra com direitos criativos comuns, disponibilizada na íntegra na internet, sem numeração por página (citação com tradução nossa).

Um processo colaborativo, por exemplo, prevê a participação de muitos, com nenhum dos envolvidos merecendo os créditos individualmente. A cooperação, por sua vez, demanda uma identificação entre os interlocutores, com a devida sincronização dos comportamentos, enquanto a Ação Coletiva exige um esforço ainda maior, já que “requer que um número de pessoas se comprometa a empreender determinado esforço em conjunto e fazê-lo de maneira a tornar a decisão do grupo obrigatória para os membros individuais.” (SHIRKY, 2012, p 47) Neste sentido, ao comentar espontaneamente uma informação, o leitor pode não atingir o vínculo exigido em uma cooperação ou ação coletiva, mas ainda assim configura-se um colaborador no processo tradutório, ao somar sua reação a um conjunto heterogêneo de reações que, por sua vez, afetará a compreensão dos demais.

A seguir, o capítulo 3 explora os diferenciais do jornalismo a partir do advento da mídia digital online - incluindo o impacto destas mudanças na logística de produção de notícias e na relação entre produtor e consumidor de conteúdo – e também o novo trunfo para a contextualização e compreensão dos fatos: a linguagem hipermídia.

3 – JORNALISMO EM DISCUSSÃO

O histórico vínculo entre notícias e papel blindou os jornais a tal ponto que nem o advento do rádio e da televisão constituiu ameaça à circulação dos periódicos. Com a democratização do acesso à rede mundial de computadores, no entanto, tem início uma mudança tão impactante quanto irreversível: a migração dos conteúdos jornalísticos, e consequentemente dos consumidores de notícias, para a internet. Quase centenária, a Folha de São Paulo registra pela primeira vez na história, em setembro de 2016¹¹, mais acessos na versão digital online (51% dos leitores) do que na versão impressa (49% dos leitores). Mais do que alterar o modo de ler, as novas tecnologias impactam toda a dinâmica de produção e consumo da notícia, permitindo que a própria audiência traduza os fatos no sentido *lato sensu* da ação, de construir sua própria versão.

Até atingir este patamar inédito de interatividade, instantaneidade, hipertextualidade, multimídia, ubiquidade, memória e personalização (PAVLIK, 2001, apud ZAMITH, 2011, p 57), a imprensa percorre um longo caminho em terreno tortuoso e obscuro. Apesar da retaguarda de grupos de comunicação de grande porte, a transferência de conteúdos para a World Wide Web se dá de forma lenta e experimental, com os veículos estreando em meio digital de forma insegura e incipiente, atualizados, em muitos casos, apenas uma vez por semana. “O primeiro site jornalístico brasileiro foi o Jornal do Brasil, criado em maio de 1995, seguido pela versão eletrônica do jornal O Globo. Na mesma época, a Agência Estado, agência de notícias do Grupo Estado, também colocou na Internet sua página.” (FERRARI, 2006, p 25)

Acostumados a enfrentar barreiras muito mais robustas para externar uma opinião, em geral recorrendo a cartas, aquisição de selos e postagens via Correios, os leitores reagem automaticamente, configurando uma nova relação entre mídia e sociedade, ou, respectivamente, entre superestrutura e infraestrutura, conforme distinção de Bakhtin (2011). Com a audiência cada vez mais presente no processo – até então unilateral - de produção da notícia, “o homem passa a ser parte da mídia, e a mídia parte do homem.” (LOPEZ; DITTRICH,

11 Extraído do portal da Associação Brasileira de Imprensa, com dados do Instituto Verificador de Circulação. Disponível em <http://www.abi.org.br/folha-tem-circulacao-digital-maior-do-que-a-impressa/> Acesso em 20 de outubro de 2016.

[s.d.] p 3) Refletindo esta nova interface, “a mídia torna-se determinante no desenvolvimento da sociedade e a sociedade passa a ser ponto-chave na realidade dos meios de comunicação de massa. Cria-se, aqui, uma relação de interação e interdependência entre infraestrutura e superestrutura” (LOPEZ; DITTRICH, [s.d.] p 3), com imprensa e público se retroalimentando em um fluxo contínuo.

Desprovido das limitações dos veículos tradicionais, o meio digital online revela um potencial de excelência para que o jornalista configure-se o líder remoto de um fórum. Em vez de detentor de informação exclusiva, primeiro a saber e único com acesso às fontes oficiais, o profissional da imprensa passa a mediar uma audiência educada e consciente, e precisa demonstrar “uma responsividade muito mais pró-ativa.” (BARDOEL; DEUZE, 2001, p 12) Na prática, ser o primeiro a difundir dada informação depende mais do acesso à internet do que de uma formação específica. “Para a divulgação dos factos presenciados basta, “ao qualquer cidadão”, o acesso à internet e a respectiva publicação, não necessitando para isso de muito conhecimento informático.” (AROSO; CORREIA, 2007, p 5) Esta produção pública, para Jenkins, ocorre porque

“se os antigos consumidores eram tidos como passivos, os novos consumidores são ativos. Se os antigos consumidores eram previsíveis e ficavam onde mandavam que ficassem, os novos consumidores são migratórios, demonstrando uma declinante lealdade a redes ou a meios de comunicação. Se os antigos consumidores eram indivíduos isolados, os novos consumidores são mais conectados socialmente. Se o trabalho de consumidores de mídia já foi silencioso e invisível, os novos consumidores são agora barulhentos e públicos.” (JENKINS, 2008, p 45)

Imprevisível, impaciente e impetuosa, esta nova audiência usufrui da interação com a máquina (dimensão seletiva), com os outros via máquina (dimensão comunicativa) e das duas formas, quando o meio dá “aos utilizadores um maior poder tanto de seleção de conteúdos (interatividade seletiva) como em possibilidades de expressão e comunicação (interatividade comunicativa).” (ZAMITH, 2011, p 28) Esta sobreposição de atividades, com o formador de opinião e seu respectivo público ocupando posições cada vez mais próximas, diferencia de forma significativa o jornalismo convencional, exercido historicamente, do jornalismo contemporâneo, muito mais participativo.

Como exemplo também vinculado a atentados terroristas, no ataque às Torres Gêmeas em 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, coube à nascente comunidade de blogueiros de Nova York incluir entre os posts uma abundância de links para artigos de pequenas a grandes organizações midiáticas, nacionais e estrangeiras, além de postar a “visão personalizada do que estava sendo visto, com fotografias, provendo mais informação e contexto do que os grandes grupos de comunicação estavam provendo.” (GILLMOR, 2004¹²) Antes mesmo de os blogs emergirem, Traquina apontava a natureza dinâmica do trabalho jornalístico, justamente por extrair do imprevisto a sua matéria-prima:

“Enquanto o acontecimento cria a notícia (porque as notícias estão centradas no referente), a notícia também cria o acontecimento (porque é um produto elaborado que não pode deixar de refletir diversos aspectos do próprio processo de produção. Assim, as notícias registram os constrangimentos organizacionais que condicionam o processo produtivo, bem como as rotinas criadas para controlar a anarquia inerente à atividade jornalística, devido à dupla natureza da matéria-prima do trabalho jornalístico, isto é, os acontecimentos podem ocorrer a qualquer momento e em qualquer lugar”. (TRAQUINA, 1999, p 135-136)

Com escolhas sujeitas a fatores intra e extratextuais, o jornalista sofre a mesma influência do meio que um tradutor literário, submetendo-se à “condição geográfica, histórica, social, econômica e à hierarquia existente nas redações (editores, redatores, chefes de redação) ou editoras (revisores, agentes, o próprio autor do texto original).” (ZIPSER; POLCHLOPEK, 2014, p 9) Para Zipser (2002), em notícias com dimensão internacional, essa interferência dos profissionais e dos veículos estabelece filtros culturais. Não no sentido de censura, como o termo filtro poderia sugerir, mas no de lente de aumento, proporcionando por meio da Representação Cultural a adequada compreensão por parte do leitor.

Além da subjetividade do autor, o perfil da audiência, com suas leituras prévias e o contexto em que vive, e a função (skopos), inerente àquela notícia, também impactam o resultado. Sob a ótica Funcionalista de Nord (2005), para quem todo texto está inserido em uma situação

12 Tradução nossa

comunicativa, cada fator, interno ou externo ao texto, opera como uma variável que afeta a concretização do mesmo por meio da leitura. Da definição da pauta às mudanças mais sutis, no léxico ou na sintaxe, toda escolha pode alterar a função do texto, transformando um discurso informativo em expressivo ou, ainda, uma abordagem imparcial em opinativa. Não obstante o perfil e a autonomia que o formador de opinião detém, uma subordinação naturalmente ele mantém: à reação de um público tão ativo quanto ávido por respostas.

Nesta nova dinâmica multilateral da imprensa, “onde a informação evolui para uma espécie de “conversa” ou “seminário” onde todos fazem ouvir a sua voz”, (FIDALGO, 2009, p 2) cabe aos *players* um novo papel: valorizar o contexto que norteia o texto. Já não basta dar o furo, divulgar primeiro, assegurar a manchete nas *breaking news*. Tirando proveito da linguagem hipermídia, o jornalista apura e avaliza a informação circulante, situando a notícia de forma diacrônica, apontando antecedentes e fatos relacionados, e sincrônica, detalhando as circunstâncias geográficas, políticas e sociais que a envolvem.

Além dos jornalistas, as fontes também são diretamente afetadas pelo Jornalismo Participativo, à medida que o receptor (seja leitor, ouvinte, espectador ou usuário da web) assume atributos de emissor, com autonomia para pautar, comentar, informar e pesquisar os fatos conforme a especialidade do seu interesse. A supremacia das fontes oficiais, que costumam monopolizar a opinião pelo respaldo que ostentam sobre determinado assunto, passa a ser ameaçada pela crescente presença das fontes oficiosas e independentes. Esta nova arquitetura do jornalismo, descentralizada, “altera a relação de forças entre os diversos tipos de fontes porque concede a todos os usuários o status de fontes potenciais para os jornalistas.” (MACHADO, 2002, p 6) Na mesma esteira, para o autor, “implode com a lógica do predomínio das fontes profissionais porque transforma os próprios usuários em fontes não menos importantes.”

Por mais automatizadas que sejam as colaborações do leitor em meio digital online, é ele quem detém, ainda que de forma espontânea e inconsciente, o manejo da informação, que será apreendida conforme sua cultura, conhecimento de mundo, modo de vida e a perspectiva das coisas. “Todos esses fatores afetam a forma como receptores lidam com um texto” (NORD, 2016, p 55), especialmente em ambiente web, “onde a racionalidade dos atores individuais é subjugada pela observação do comportamento dos demais.” (RECUERO, 2009b, p 1)

Tanto os signos linguísticos quanto os não-verbais (a entonação e os gestos na comunicação oral, o design e as imagens em publicações)

contribuem com o ato comunicativo, mas nem a correta adequação do conteúdo para o meio em que circula assegura à mensagem uma compreensão padronizada. Para Nord

“pode-se dizer que o texto, como um ato comunicativo, é completado pelo receptor. Disso conclui-se que são atribuídas a um texto tantas funções quanto receptores houver. Todos nós já vimos como uma mesma pessoa em diferentes momentos da sua vida pode ‘ler’ o mesmo texto de muitas formas diferentes. Se essa pessoa fosse um tradutor, teria certamente produzido diferentes traduções”. (NORD, 2016, p 42)

Cruzando conceitos de Jauss e Sartre, COSTA corrobora:

“Não é possível saber quando um texto agradará ou não, porque a resposta não está nele, mas sim na interação com determinado(s) leitor(es). Entre os fatores que Jauss considera preponderantes para o sucesso de uma obra em uma dada cultura em um dado momento, estariam as normas culturais e as suposições prévias dos leitores-receptores (fatores esses que compõem o “horizonte de expectativa”). “A recepção, para ele, seria a maneira pela qual o leitor concretiza o potencial do texto em um determinado sentido, dados o contexto em que ele o lê, seu repertório e as suas disposições pessoais.” (COSTA, 2016, p 214)

Paralelamente à suscetibilidade do leitor, que pode extrair diferentes conclusões ou sensações de um texto conforme a ocasião em que o explora, a oscilação nas funções de um texto opera com a mesma força em linguagem hipermídia, onde se enquadra o *corpus* desta pesquisa. “Nem sempre é possível que um texto, como um todo, seja designado para uma única função. Isto é válido para os chamados ‘gêneros complexos’ ou para hipertextos que incorporam textos pertencentes a tipos textuais distintos” (NORD, 2016, p 38), ou seja, ainda que idealmente o texto esteja no canal mais adequado para cumprir seu propósito, os atalhos sugeridos para mapas, fotografias, artes e outros conteúdos que complementam a informação podem esconder ou desvirtuar a função inicial.

A modificação da função ao longo do percurso surge de forma reiterada no blog *Attentats de Paris*, onde um único post com função Referencial, a reportagem “Sting no Bataclan: Nós devemos celebrar a vida e a música”, recebe mais de 350 comentários. No caloroso debate

em meio digital online, cada contribuição altera o conjunto da matéria, induzindo o juízo crítico dos demais acerca do cantor convidado para a reinauguração do Bataclan. Neste sentido, por mais que o jornalista tente sincronizar a cobertura ao perfil do seu público, ele não detém o ponto final da matéria. A partir do momento em que os comentários são liberados, novas funções podem ser atribuídas a um texto específico e ao blog como um todo. Isto porque, de forma geral, “cada texto tem o seu lugar em uma configuração de elementos (= fatores) particulares e interdependentes, cuja constelação determina sua função. Se apenas um elemento é alterado, a posição dos outros elementos dentro da configuração será inevitavelmente alterada também.” (NORD, 2016, p 55)

Para Vermeer, antecessor de Nord no reconhecimento às competências do leitor, “se o emissor quer comunicar, se submete à personalidade do receptor, ou, para ser mais preciso, adapta-se ao papel que ele espera que o receptor espera dele. Isso inclui o julgamento que o emissor tem do receptor.” (NORD, 2016, p 40) Mas como presumir o perfil do leitor e prospectar suas demandas quando os leitores em ambiente digital online compõem um público heterogêneo em todos os aspectos: idade, hábitos, condições sociais e geográficas, alcance intelectual e até mesmo restrições legais? Provável resposta a esta demanda, a concessão de maior autonomia ao leitor é explorada na próxima seção.

3.1 Apuração em apuros: o hiato entre representatividade e responsabilidade

Teoricamente segmentadas em Científica, Cultural, Normativa, Operacional e do Cotidiano, as cinco teorias da comunicação de massa, para Jensen, mantêm um ponto em comum: “permitem às pessoas agirem como estudiosos, reguladores, profissionais e usuários da comunicação... e praticamente todos possuem uma noção de como a comunicação opera, e aos interesses de quem.” (JENSEN, 2008, p 34) Por outro lado, considerando-se que o exercício do jornalismo exige não apenas a aquisição, confirmação e contextualização da notícia, como também “a obediência a determinados princípios éticos para se orientar no terreno conflituoso do espaço midiático onde concorrem múltiplos interesses” (FIDALGO, 2009, p 5), o empoderamento dos leitores revela um aspecto até recentemente negligenciado, exigindo a atualização dos códigos de ética da profissão, “com a definição dos direitos e deveres dos usuários como fontes, alargando um processo antes restrito aos

jornalistas e aos membros do público detentores de cargos oficiais ou envolvidos nos fatos.” (FIDALGO, 2009, p 5)

A demanda, ainda que recente, parece ser consenso, a partir do momento em que a livre expressão dizima a passividade dos espectadores. “Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo.” (JENKINS, 2008, p 28) É consenso, no entanto, que no Jornalismo Participativo “o público deixa de ser encarado como uma massa disforme, passiva, e passa a ser constituída por pessoas activas, prontas para darem a sua opinião, contribuir com os seus conhecimentos e/ou contactos.” (JERÓNIMO, [s. d.], p 1-2) Ainda assim, as prioridades do leitor “estão longe de se aproximar daqueles que são os valores e preocupações fundamentais do jornalismo. O interesse do cidadão é, simplesmente, disponibilizar determinada informação, e a isso não se pode chamar notícia.” (CANAVILHAS, 2008, p 155)

Na prática, por mais que a tecnologia venha municiando o cidadão comum das ferramentas necessárias para se sentir fotógrafo, cinegrafista e repórter, o compromisso de representar o fato culturalmente - explorando, explicando, contextualizando e permitindo a correta interpretação do ocorrido por parte do leitor –cabe sempre ao jornalista, responsável por mostrar os dois lados da notícia a partir de uma apuração rigorosa, que contemple quatro níveis de esclarecimento, conforme sistematiza Canavilhas em sua proposta de pirâmide invertida. A Unidade Base corresponde ao essencial da notícia. Em seguida, o Nível de Explicação procura esclarecer o porquê e como. O Nível de Contextualização deve acrescentar informações, inclusive recorrendo a links internos. E no Nível de Exploração “os links de definição aprofundam mais determinados pormenores, com eventuais ligações a arquivos externos.” (CANAVILHAS, 2008, p 159)

No grau mais profundo da abordagem, ao atingir o Nível de Exploração, vinculando a informação factual a assuntos afins já divulgados, o jornalista dispõe agora de uma aliada com memória infinita. Por meio da hipermissão, vinculando a notícia a links correlacionados, propondo outras leituras que viabilizem a contextualização sincrônica e diacrônica da notícia, a imprensa concede ao leitor, independente de sua formação e *background*, a chance de traduzir o fato, de link em link, até atingir uma versão ao alcance da sua compreensão.

3.2 Hipóteses de leitura no rastro da hipermissão

Se todos os dias o jornalismo precisa incorporar novas tecnologias para assegurar uma circulação acima do volume crescente de digital influencers¹³, historicamente a exploração do potencial do ciberespaço foi muito mais penosa. A transferência de conteúdos do jornal impresso para o meio digital online é marcada por experiências empíricas, dada a dificuldade de se apreender um processo inédito, complexo, marcado por cinco fases, ora distintas ora concomitantes.

O primeiro momento é de transposição, já que basicamente resume-se ao shovelware: “os produtos oferecidos, em sua maioria, eram reproduções de partes dos grandes jornais impressos, que passavam a ocupar um espaço na Internet.” (MIELNICZUK, 2001, p 2) Na segunda geração, considerada pela mesma autora como a fase da metáfora, as empresas passam a explorar novas ferramentas de rede, com links chamando as notícias entre uma edição e outra do jornal impresso, o e-mail ampliando a interface entre jornalista e leitor e os leitores entre si, e por meio de fóruns de debates, explorando os recursos do hipertexto.

Apenas na terceira geração tem início a exploração das características do suporte web, com atualização contínua, recursos multimídia, interatividade e contextualizações por meio de hipertextos. As ações, desde então, deixam de ser pensadas para o jornal impresso e posteriormente traduzidas para a internet e passam a ser formatadas já considerando as potencialidades do ciberjornalismo. As gerações seguintes são complementadas por BARBOSA, com a base de dados ganhando ênfase na quarta geração por meio do

“desenvolvimento de sistemas de gestão de conteúdos (SGC) mais complexos [...]; proliferação de plataformas móveis; consolidação do uso de blogs; ampla adoção de recursos da Web 2.0; incorporação de sistemas que habilitam a participação efetiva do usuário na produção de peças informativas; produtos diferenciados criados e mantidos de modo automatizado; sites dinâmicos; narrativas multimídia; utilização de recursos como RSS (Really Simple Syndication) para recolher, difundir e compartilhar conteúdos; aplicação da técnica do tagging na documentação e na publicação das informações; [...] ampla

13 Pessoas que acumulam seguidores e popularidade na web.

adoção do vídeo em streaming; [...] maior integração do material de arquivo na oferta informativa; produtos experimentais que incorporam o conceito de web semântica; emprego de metadados e data mining para categorização e extração de conhecimento” (BARBOSA, 2008, p 9).

Por fim, a quinta geração refere-se ao uso de dispositivos móveis ao longo de todo o processo, desde a produção até a circulação de conteúdos, com produtos autóctones configurando um cenário “de atuação conjunta, integrada, entre os meios, conformando processos e produtos, marcado pela horizontalidade nos fluxos de produção, edição, e distribuição dos conteúdos, o que resulta num continuum multimídia de cariz dinâmico.” (BARBOSA, 2013, p 33)

Fazendo jus às novas demandas, ferramentas e formas de circulação, os veículos de comunicação deixam de considerar a tecnologia como mera “bandeira” do processo para incorporar um novo formato, em que todas as etapas de produção de conteúdos são pré-definidas pelo próprio ciberespaço. Gradualmente, a era do control C control V¹⁴, em que os conteúdos são reproduzidos *ipsis litteris* do jornal impresso para a web, vai perdendo vulto, exigindo uma redistribuição do controle entre todos os membros do sistema, com os usuários-fontes convidados a compreender a responsabilidade que têm e a representatividade que detêm, e os jornalistas cientes do seu papel na tradução dos fatos, a fim de contemplar as especificidades da sua audiência e do canal de divulgação. Para Zipser (2002), ao selecionar as informações que correspondem à demanda e ao perfil do seu público, o jornalista faz mais do que relatar o fato: ele o representa culturalmente, seja por meio de signos verbais ou não-verbais, já que “às vezes os elementos não-verbais informam mais ao leitor do que a mensagem transmitida no texto¹⁵.” (NORD, 2005, p 120)

Neste intento, de traduzir o fato para a presumida condição social e intelectual do seu público, o jornalista recorre a dois atributos intrinsecamente ligados ao meio digital: a linguagem hipermídia, que destitui o modelo linear de leitura, e a convergência, com distintos formatos dispostos em uma mesma página. Ao contrário da fase

14 Atalhos de teclado para copiar e colar.

15 Tradução nossa para “It may happen that the non-verbal elements convey a piece of information that is even more relevant to the reader than the message transmitted by the text.”

preliminar de migração para o ciberespaço, quando a presença na web se limitava ao shovelware, hoje os produtos são autóctones. Já nascem formatados para se propagar em meio digital. Para satisfazer visão, audição e tato. E para surgir na hora e ordem que convier ao leitor. “O momento em que se recebe informação deixa de estar pré-determinado para se transformar num ciclo contínuo e, muitas vezes, direto, o que permite aos emissores abrirem novas hipóteses de relacionamento com os consumidores.” (CANAVILHAS, 2010, p 6)

Dependendo do site, aplicativo ou redes sociais em que serão postadas, as notícias ganham redação e redirecionamentos distintos, customizados conforme a audiência. “Nada que não seja a falta de compreensão da modificação porque passa o jornalismo nas sociedades contemporâneas justifica a transcrição total dos conteúdos comprados das agências de notícias, divulgados com um dia de antecipação pelas próprias agências.” (MACHADO, 2002, p 9) Tradição e reputação à parte, o fato é que nenhum veículo passa ao largo das transformações impostas pelo avanço tecnológico e impelidas pelos Millenials¹⁶, para quem tocar na tela representa uma experiência muito mais concreta do que folhear o papel. Apesar da incorporação permanente de novas ferramentas¹⁷ por parte de veículos impressos tradicionais, o percentual de jornais diários credenciados no Senado americano caiu de 37% para 32%, enquanto os correspondentes de meios mais interativos se multiplicam desde 2009.

À medida que a produção de conteúdos torna-se cada vez mais coletiva, e seu consumo cada vez mais individualizado, com o leitor elegendo quando ler, em qual formato, se deseja contribuir, comentar ou compartilhar, configura-se uma nova dinâmica de circulação da informação. Como novas possibilidades acarretam novos desafios, se por um lado a falta de filtros dificulta a apreensão da verdade, por outro o excesso de conteúdos demanda novas formas de seduzir e fidelizar o leitor. As redes sociais na internet, em especial Twitter e Facebook, passam a exercer papel essencial nesta fase marcada pela convergência, em que os mais distintos formatos e diferentes atores – incluindo jornalistas e consumidores – convivem e se confundem, movendo a inquietante e insaciável indústria da informação.

16 Nascidos após 1980.

17 Jornal The New York Times, impresso há 165 anos, incorporou vídeos, podcastings, blogues para coberturas ao vivo e realidade virtual, conforme dados do Huffington Post.

Essencialmente ativo e interativo, o leitor em meio digital online tem atuação decisiva na repercussão dos atentados a Paris em novembro de 2015 como demonstram as simulações de navegação no blog *Attentats de Paris* apresentadas no capítulo 5. Com acesso livre para postar comentários no próprio post ou compartilhar os conteúdos nas redes sociais, o leitor não apenas “interpreta” para si. Sempre que tornar expressa uma reação, tem sua “visão” disseminada, incorporando um viés tradutor. Ainda que de forma não-intencional, à medida que registra “seu olhar”, está propenso a influenciar a leitura dos que virão a seguir, como sintetiza Costa no contexto da tradução interlingual:

“De certa forma, lembrar o papel de leitor exercido pelo tradutor evidencia, também, um fator incontornável: como todo leitor, o tradutor lê através do seu olhar. Sua bagagem cultural, ideológica e até emocional terão impacto sobre a leitura e, conseqüentemente, sobre a tradução. Lembrar o papel de leitor do tradutor o humaniza – não se trata de uma máquina de decodificação, mas de um ser humano vulnerável a todas as implicâncias de seus contextos interno e externo. (COSTA, 2016, p 123)

Definido como objetivo geral desta pesquisa, o retrato deste novo leitor, autor de um percurso único em linguagem hipermídia, capaz de influenciar com suas reações a compreensão dos leitores futuros, torna-se visível na repercussão dos atentados a Paris em novembro de 2015 e em especial nas simulações apresentadas a partir de um mesmo endereço de partida, a capa do blog *Attentats de Paris*.

3.3 A convergência como propulsora de transformações sociais

Ao aproximar as notícias da palma da mão, a internet móvel leva os tradicionais conglomerados de mídia, com concessões de TV e rádio e impressão de jornal, a repensar e transformar suas funções. Até então padronizadas, as coberturas passam a ser customizadas para computadores e dispositivos móveis, explorando os pontos fortes de cada meio e assegurando infinitas possibilidades de leitura e disseminação. Amadurecida em três fases (como produto, como sistema e como processo), a convergência, conforme Salaverría, exige uma série de adequações dos veículos de comunicação. Na esfera tecnológica, um mesmo conteúdo pode ser consumido instantaneamente a partir de múltiplos suportes e canais. Na esfera empresarial, a demanda por produtividade exige novas formas de organização logística. Na esfera da

informação, os formatos são disponibilizados através de diversas plataformas. E na esfera profissional passa a ser valorizado o jornalista polivalente, “capaz de produzir uma informação para o jornal impresso, a internet e, em determinados casos, também para um informativo em rádio e televisão.” (SALAVERRÍA, 2008, p 43)

Ao longo desta evolução, os antigos meios são pressionados a conviver com os emergentes – muito mais aptos a espalhar seus conteúdos -, e todos juntos passam a interagir com seus consumidores. Com isso a convergência não se restringe a um aparelho com múltiplas funções nem tampouco a uma finalidade. De fato, “representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos.” (JENKINS, 2008, p 27-28) Revolucionário, este processo “ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros... Opera como uma força constante pela unificação, mas sempre em dinâmica tensão com a transformação” (JENKINS, 2008, p 36), respondendo por avanços tecnológicos, mercadológicos, culturais e sociais.

É compreensível, portanto, que este viés mais participativo, com forças top-down e bottom-up agindo ao mesmo tempo, seja mais confuso e menos estável, já que “a convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento.” (JENKINS, 2008, p 40) Toda esta complexidade, agravada pela crescente autonomia do receptor e pela dificuldade de regulação do mercado (sem uma atuação limitada os veículos deixam de estar condicionados a regimes específicos) acarreta, para o autor, tanto oportunidades quanto prejuízos. Isso porque “cada vez que deslocam um espectador, digamos, da televisão para a internet, há o risco de ele não voltar mais.” (JENKINS, 2008, p 45)

Com consumidores suscetíveis, sugados para um labirinto com endereço fixo de entrada mas sem percurso pré-estabelecido, os jornais online e seus respectivos blogs encontram nos sites de redes sociais um eficiente aliado para fortalecer sua marca, disseminar seus conteúdos e fidelizar os leitores. Os sites de redes sociais ou as redes sociais na internet (RSI), popularmente designados redes sociais ou mídias sociais, têm sua evolução distinguida em três fases: as Redes 1.0, iniciando a comunicação em tempo real entre os usuários, as Redes 2.0, a partir do Orkut, e as Redes 3.0, com a mobilidade potencializando o uso do Facebook e Twitter.

Como os usuários recebem informações mesmo nos períodos offline – pois todo o conteúdo postado para visualizações coletivas ou

enviado em mensagens individuais fica armazenado - as redes sociais tornam “muito mais rápido, simples e menos custoso difundir informações, espalhar ideias e conversar com os outros atores que estão geograficamente distantes.” (RECUERO, 2012, apud SOUSA, 2013, p 81) Shirky (2012) corrobora, reconhecendo a revolução imposta pelas redes sociais ao padrão de comunicação que vigorava desde a institucionalização do jornalismo. Sob a ótica da Teoria Ator-Rede (TAR), mais do que meios passivos, as redes sociais são mediadoras atuantes, capazes de modificar conexões que, naturalmente, ao se estabelecerem também se transformam.

“Rede, para a TAR, não é infraestrutura... não é o que conecta, mas o que é gerado pelas associações. Não é algo pronto, por onde coisas passam, mas o que é produzido pela associação ou composição de atores humanos e não-humanos.” (LEMOS, 2013, p 53) A opção por se comunicar pelo Twitter, por um blog ou por e-mail, por exemplo, altera o curso da ação, atestando o conceito da TAR de que as mídias (atores não-humanos) têm o mesmo caráter actante dos interlocutores. “Uma conversa entre dois colegas de trabalho através do e-mail seria diferente se fosse mantida via Twitter. E também não seria a mesma se ocorresse através de comentários em um blog de acesso público. Como se pode observar, a mídia nestes casos não é um mero condutor de dados.” (PRIMO, 2012, p 633)

Tirando proveito destes novos players, continuamente disponíveis por meio de dispositivos móveis como tablets e smartphones, o jornalismo assume sua ambição de ubiquidade, com a cobertura, a distribuição e a circulação das notícias ocorrendo concomitantemente. Tão logo é produzida a informação é reproduzida, passando a circular em homepages próprias, via Twitter, Facebook, What’s App, Instagram, LinkedIn e demais redes de penetração específica, desencadeando o feed-back que retroalimenta os veículos de comunicação e tecendo o jornalismo onipresente pós-redes sociais.

3.4 Redes sociais: as breaking news invadem o Twitter

Considerado um microblogging, por permitir a difusão de textos de até 140 caracteres, com uma tónica inicial estipulada como “O que você está fazendo?”, o Twitter surge em 2006 e desde 2008 é formalmente explorado pelos principais veículos de comunicação brasileiros. A princípio, se limita à transposição de conteúdos produzidos para outros meios. Posteriormente, a mobilidade e a interatividade exigem uma adaptação, com conteúdos formatados

conforme os limites e a linguagem desta ferramenta. Atraindo cadastrados de forma exponencial (com 1 milhão de usuários em 2008¹⁸ e mais de 33 milhões em 2013, apenas no Brasil), o Twitter tem utilização bastante simplificada, com o usuário selecionando pessoas a seguir (following), convidando seguidores (followers), publicando tweets com fotos, textos de até 140 caracteres ou links que redirecionam para outra URL, exercitando a fluidez da leitura em hipermídia.

Somada à instantaneidade característica das redes sociais, a possibilidade de passar o tweet adiante, inclusive designando destinatários a quem aquela informação diz respeito, potencializa a circulação dos posts, gerando o que vem a ser convencionalizado como uma troca de capital social. Isso porque a prática do retweet “gera valores tanto para quem faz o retweet como para quem é retuitado. Assim, citar a fonte dá credibilidade para a informação que, por sua vez, também gera valores para quem fez o retweet.” (RECUERO; ZAGO, 2011, apud RECUERO, 2011, p 10)

Considerando que os usuários, com frequência, passam os posts adiante de forma automática - porque outros assim o fizeram, e não por convicção naquele conteúdo – a “cascata de informação” movida pelos retweets não necessariamente traduz os assuntos mais relevantes, e sim o que, no momento, interessa aos influencers. “A consequência óbvia disso é que pessoas com maior número de seguidores têm mais chance de ser retuitadas porque são mais visíveis na rede e quanto mais retuitadas, mais visíveis se tornam e mais retuites recebem.” (RECUERO, 2009b, p 1)

Com protocolos próprios, e sem qualquer submissão aos critérios do jornalismo, os mobilers, que usam dispositivos móveis para digitar, vêm impelindo novas práticas ao Twitter e ao Facebook, ambas redes preenchidas originalmente com o dia-a-dia e o estado de espírito de seus usuários. Em fevereiro de 2016, uma pesquisa do PEW Research Center de Jornalismo e Mídia, realizada em parceria com a John S. and James L. Knight Foundation¹⁹, revela que entre 2013 e 2015 o percentual de “leitores” de notícias subiu de 52% para 63% no Twitter e de 47% para 63% no Facebook.

Apesar do empate no percentual de usuários que se atualizam nestas duas redes sociais, a pesquisa aponta que cada plataforma conta com características diferenciadas de leitura. Ou seja, denotando o que preconizam a Teoria Ator Rede, ao demonstrar que assim como os

18 Dados do Ibope/Net Ratings.

19 Dados do PEW Research Center em fevereiro de 2016.

atores o meio também tem caráter actante (influencia o diálogo), e a Tabela de Nord, que prevê a influência do meio (fator extratextual) sobre o texto produzido, a pesquisa deduz como o leitor assume comportamentos distintos conforme a rede social em que navega. As mulheres, por exemplo, preferem ler sobre saúde, entretenimento, pessoas e eventos das suas comunidades no Facebook, e sobre a previsão do tempo, entretenimento, segurança e saúde no Twitter. E a busca por breaking news no Twitter é quase o dobro daquela registrada no Facebook, com um percentual de 59% contra 31% dos usuários, respectivamente, acompanhando as coberturas em tempo real. Ainda segundo o PEW Research Center, os principais assuntos seguidos são:

- a) Política e governo – 72% no Twitter e 61% no Facebook;
- b) Relações internacionais – 63% no Twitter e 51% no Facebook;
- c) Negócios – 55% no Twitter e 42% no Facebook;
- d) Esportes – 70% no Twitter e 55% no Facebook.

Como resposta às constantes inovações, a busca por notícias nas redes sociais vem crescendo entre usuários de todas as idades. No Facebook, os maiores interessados neste tipo de informação são menores de 35 anos, o que reitera a intimidade dos Millenials com o jornalismo digital online. Por fim, a pesquisa realizada em março de 2015 com 2.035 entrevistados maiores de 18 anos mostra que 46%, quase a metade dos usuários do Twitter, seguem organizações e formadores de opinião, enquanto no Facebook apenas 28% comentam posts sobre política e Governo, são Amigos ou curtem as páginas de jornalistas, comentaristas e organizações.

3.5 Conexão em tempo integral: do Facebook ao Google+

Site de rede social mais acessado no Brasil, o Facebook é criado na Universidade de Harvard, em 2004, pelo aluno Mark Zuckerberg. Menos de uma década mais tarde, atinge a marca de 1,11 bilhão de usuários ativos, com mais da metade explorando a ferramenta diariamente, inclusive para fins comerciais. “A utilização do Facebook pelos veículos de comunicação é um dado adquirido, nomeadamente como agregador de notícias, como plataforma de difusão de informação e até como uma forma de captar leitores.” (RODRIGUES, 2010, p 11)

Assim como no Twitter, no Facebook também cabe a máxima de que a quantidade de amigos influencia diretamente na visibilidade que os posts de tal pessoa terão. E o mesmo vale para a interação. Quanto mais interativo o usuário for, respondendo cada comentário que seus posts recebem, mais será beneficiado pelos algoritmos desta rede social,

figurando com maior frequência na timeline dos amigos, de quem segue seu perfil ou curte sua fanpage. O que mais circula, portanto, não é necessariamente o conteúdo de maior valor, já que o compartilhamento dos posts – como pressupõe a cascata de informação - não está condicionado a nenhuma racionalização a respeito. “A cascata é característica de um comportamento de horda” (RECUERO, 2009b, p 1), com posturas impelidas pela “massa” que nem sempre refletem as reais perspectivas individuais.

Outras duas redes com captação exponencial de usuários, utilizadas pelo blog Attentats de Paris para estimular a interação entre os leitores, são o Google+ (chamado Google Plus) e o LinkedIn, a rede social de negócios lançada em 2003 que renovou suas ferramentas em janeiro de 2017, com o Messaging Overlay flutuando no topo da página, incitando os usuários a ingressarem em conversas instantâneas, cada vez menos formais e mais dinâmicas, em assumida aproximação ao Messenger, ferramenta de mensagens pessoais do Facebook.

Mais recente, de 2011, a rede social Google+ agrega uma série de serviços da gigante de softwares Google Inc, permitindo de conferências remotas ao compartilhamento de dados e links. Na carona das redes sociais, por mais distinções que tenham uma da outra, prolifera-se um mesmo fenômeno: a difusão maciça de informações em linguagem hipermídia (tratado a seguir). A quantidade de links compartilhados transfere a leitura – que costumava ser linear – para um labirinto com roteiros imprevisíveis, com os usuários cada vez mais autônomos em relação aos formatos que desejam explorar, seja arte, fotografia, áudio, vídeo ou texto. Os conteúdos que desejam ler, a hora e a ordem em que vão consumir devida informação são igualmente flexíveis, já que “o leitor em hipermídia é um leitor ativo, que está a todo momento estabelecendo relações próprias entre diversos caminhos.” (LEÃO, 1999, p 16) A distribuição de conteúdos na web de forma não-sequencial, passíveis de serem desbravados a partir de conexões infinitas, por meio de escolhas racionais, induzidas ou automatizadas, constitui a linguagem hipertextual, explorada com maior profundidade a seguir.

4 TEXTO E LEITURA

Assim como fruía a leitura a seu modo nas antigas enciclopédias impressas, e como desfruta a Bíblia guiado por capítulos e versículos, e não pela numeração das páginas, o leitor na web também adquire uma condição protagonista, à medida que um texto elástico se expande e contrai conforme as suas solicitações. “No hipertexto, todo leitor é também um pouco escritor, pois, ao navegar pelo sistema, vai estabelecendo elos e delineando um tipo de leitura. O conceito de texto flexível requer e cria um leitor ativo.” (LEÃO, 1999, p 46)

No rastro da crescente interatividade, a relação obra-autor-espectador também ganha novos contornos, migrando, conforme descreve Leão metaforicamente, da forma de triângulo para a circular. “Sobre esse círculo móvel, a obra, o autor e o espectador não ocupam mais posições estritamente definidas e estanques, mas trocam constantemente estas posições, cruzam-se, confundem-se ou se opõem, contaminam-se” (LEÃO, 1999, p 42), sem a antiga submissão a um meio específico. Os vídeos, até então restritos à televisão; os áudios, típicos da rádio, e os textos e fotos, intrinsecamente ligados ao jornal impresso, agora fundem-se em um mesmo ambiente, permitindo ao destemido usuário que o desbrave, sem riscos ou prejuízos, afinal “... desta vez a expansão não está se dando sobre barcos pelos oceanos ou qualquer veículo sobre a superfície do globo, usando lanças ou arco e flecha, mas sim através de cabos de fibra ótica, satélites, ondas magnéticas, redes telefônicas, periféricos, modems, computadores, programas e interfaces.” (NEVES, 2006, p 30)

Ao se deslocar para este novo contexto de navegação, interativo e não-linear, o hipertexto jornalístico passa a ser definido como “uma escrita inacabada e composta de múltiplas lexias que multiplicam as possibilidades de produção de sentido e introduzem elementos de ruptura na unidade textual estabelecida pelo autor.” (URETA, 2009, p 13) Ou seja, além dos novos parâmetros de temporalidade e espacialidade, para Ureta o discurso passa a ser polifônico: autor mais leitor-autor. “Pesquisar na www é ao mesmo tempo se encontrar nas multiplicidades e se perder; é avançar e recuar o tempo todo; é não mais separar e ao mesmo tempo, com todas as forças, tentar distinguir; é o ilimitado e o limitado que tentam se manifestar e se confundem” (LEÃO, 1999, p 42), promovendo uma experiência até então improvável de imersão na leitura.

Essencialmente suscetível à rede semiótica do leitor, a leitura em hipermídia é marcada pela autogênese, com a rede se formando e

transformando a cada clique. “O fato de o centro estar em todo lugar e em lugar nenhum faz com que o caráter acêntrico e o policêntrico se conjuguem simultaneamente.” (LEÃO, 1999, p 71) Protagonista desta exploração, o leitor irá apreender o conteúdo conforme suas próprias associações e interesses, já que “cada página da rede é composta por palavras iluminadas que podem nos levar a outros centros, e estes a outros, e mais outros, infinitas vezes.” (LEÃO, 1999, p 70) Multifacetada e multidimensional, a leitura em trânsito é dinâmica, sedutora e ao mesmo tempo traiçoeira, com armadilhas inerentes ao excesso de flexibilidade. Entre elas, a sensação de vazio, descrita por Leão como a experiência do nó:

“... com o aumento do potencial de conexões, a navegação tende a se tornar mais complexa, mais rica. Existem instituições, no entanto, que extrapolam e organizam suas páginas na web em índices e mais índices, num movimento incessante de tópicos e mais tópicos que parece nunca acabar... É como se tivéssemos acesso sempre aos róticos e nunca aos produtos.” (LEÃO, 1999, p 28)

Desencadeador de frustração e ansiedade, “o nó é aquilo que nos faz parar, que nos impede de prosseguir, é o não-lugar que nos suga, a inércia violenta e poderosa” (LEÃO, 1999, p 28), gerado por descuido, pela ausência de pegadas que sinalizem a lógica do hipertexto; ou ao contrário, por opção, considerando-se que “um ambiente de compras bem sucedido é aquele que nos confunde, que nos desorienta, que nos mantém caminhando – já que mais caminhada acarreta maior exposição a mercadorias que podemos de repente ser compelidos a comprar.” (NEVES, 2006, p 77)

Em compensação, ao se deparar com designs funcionais de navegação, os leitores em hipermídia são capazes de criar um universo exclusivo e enriquecedor, à medida que assumem “o papel de caçadores e coletores, perseguindo pedaços da história pelos diferentes canais, comparando suas observações com as de outros fãs em grupos de discussão online, e colaborando para assegurar que todos os que investiram tempo e energia tenham uma experiência de entretenimento mais rica.” (JENKINS, 2008, p 47)

Diante de nós recorrentes ou de atalhos evidentes, a decisão em relação ao percurso a ser explorado corresponde sempre ao critério do leitor e é essencialmente suscetível às suas pressuposições: o que reconhece de dado assunto, o que vislumbra encontrar em cada link, a

expectativa de que uma informação é relevante para seu círculo de contatos, seja ela conotativa ou referencial. Como exemplo vinculado ao *corpus* desta pesquisa, o primeiro post (Figura 4) abordando o atentado terrorista no State de France (SDF), menos de um minuto após as explosões (às 21h18min de 15 de novembro de 2015, horário local), tem apenas duas curtidas no Twitter.

Figura 4 - Tweet postado às 21h18min.



Fonte: Blog Attentats de Paris do Le Figaro online²⁰.

Com um descompromissado “o que é este golpe de fogo no SDF?”, o usuário @23Halilovic antecipou-se de tal forma à divulgação do que nem ele próprio compreendia que seus seguidores não conseguem estabelecer um elo entre o post e o massacre, demonstrando total desinteresse pelo assunto. Exemplo notório do que Shirky classifica como “amadorização da massa”, o tweet de um cidadão tão próximo aos atentados (assunto do próximo capítulo) ilustra como, neste novo ecossistema midiático, a atividade de publicar deixou de ser exclusividade dos veículos de comunicação. “O futuro apresentado pela internet é a amadorização em massa da capacidade de publicação e uma mudança de “Por que publicar isto” para “Por que não?”.” (SHIRKY, 2012, p 55) O que não impede que a característica amadora do emissor desencadeie um furo sem a devida apuração ou contextualização, impedindo a compreensão por parte do leitor.

20 Blog Attents de Paris. Disponível no link <http://www.lefigaro.fr/secteur/high-tech/2015/11/23/32001-20151123ARTFIG00245-ce-vendredi-13-novembre-sur-les-reseaux-sociaux.php> Acesso em 25 de março de 2016

4.1 – Estudo de caso: interação em tempo real na cobertura dos atentados em Paris

A definição do corpus desta pesquisa iniciou pela comparação de episódios de grande dimensão, explorados pela imprensa por meio de textos objetivos, textos opinativos, vídeos, fotografias, reações nas redes sociais e a contextualização por meio de hiperlinks.

Entre as muitas coberturas internacionais exploradas com afincos neste processo seletivo estão a Copa do Mundo de 2014, que ao contrário do previsto não ficou marcada pela segurança do país e sim pela humilhação da favorita seleção brasileira em campo – ao perder da Alemanha por 7 a 1 na semifinal –; a nomeação do Papa Francisco em condições singulares, já que além de ser o primeiro pontífice sulamericano, assumiu o comando da Igreja Católica sem que o Papa anterior houvesse falecido; e os atentados de novembro de 2015 em Paris, eventualmente afunilando para a reação do candidato à presidência dos Estados Unidos à época, Donald Trump, que viralizou na web ao condenar a entrada de imigrantes muçulmanos no país.

A opção recaiu sobre a cobertura dos atentados a Paris por configurarem a pior onda de violência vivenciada na França desde a 2ª Guerra Mundial, com inerente comoção dos cidadãos comuns e das autoridades constituídas em todos os países. Estabelecido o tema, a próxima decisão foi eleger o veículo a ser pesquisado, com a escolha recaindo sobre um blog pela diversidade de opiniões e alto teor de feedback:

“... Blogs e outras mídias modernas são sistemas de feedback. São alimentados praticamente em tempo real e capturam - no melhor sentido da palavra – a multiplicidade de ideias e de realidades que cada um de nós pode oferecer. Na internet, somos definidos pelo que conhecemos e compartilhamos. Agora, pela primeira vez na história, o sistema de feedback pode ser global e quase instantâneo.” (GILLMOR, 2004²¹)

O caráter qualitativo da abordagem em meio blog, por sua vez, se justifica pelo consenso de que no meio digital online as escolhas customizadas de navegação atribuem a cada leitor a autoria de um percurso único, exclusivo e espontâneo. Neste sentido, se a coleta de dados envolvesse a navegação de 100 leitores distintos, pressupõe-se o

21 Tradução nossa.

surgimento de até 100 caminhos distintos, delineados de link em link, inviabilizando comparações.

Entre os fatores que reiteram a opção por um Estudo de Caso, com apenas duas simulações de navegação, estão a atualidade do fato, o desconhecimento de outras pesquisas sobre o cobertura em questão, a complexidade de uma situação real com impactos locais e mundiais, imediatos e futuros.

A seleção do blog *Attentats de Paris* como corpus a ser explorado, por sua vez, recai sobre o fato de estar vinculado a um veículo que é referência na mídia francesa, o jornal *Le Figaro*, com 190 anos de mercado. Paralelamente às reportagens, a participação dos usuários na reverberação dos atentados de 13 de novembro de 2015 também é explorada, por denotar o status ativo e influenciador do leitor.

Apenas dez meses após os atentados no semanário satírico *Charlie Hebdo*, a capital francesa é alvo de uma série de ataques simultâneos: à casa de shows *Bataclan*, à área externa do *State de France*, onde se encontrava o presidente francês, *François Hollande*, e a uma série de bares e restaurantes (Figura 5), culminando com 130 mortes e mais de 350 feridos. Fortemente armados, os terroristas fazem 89 vítimas fatais na casa de espetáculos, durante o show da banda *Eagles of Death Metal*²².

Antes mesmo que os investigadores pudessem descobrir as identidades dos homens-bomba ou anunciar a captura – e morte – de sete deles, o grupo extremista autodenominado Estado Islâmico (EI) adianta-se em assumir a autoria dos ataques, como resposta ao envolvimento da França em ataques aéreos contra militantes do EI na Síria e no Iraque.

22 Folha de São Paulo via UOL. Disponível no link <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/11/1706236-policia-francesa-registra-tiroteio-e-explosao-em-paris.shtml> Acesso em 25 de março de 2016

Figura 5 - Arte com horário, endereço e quantidade de vítimas dos atentatos.



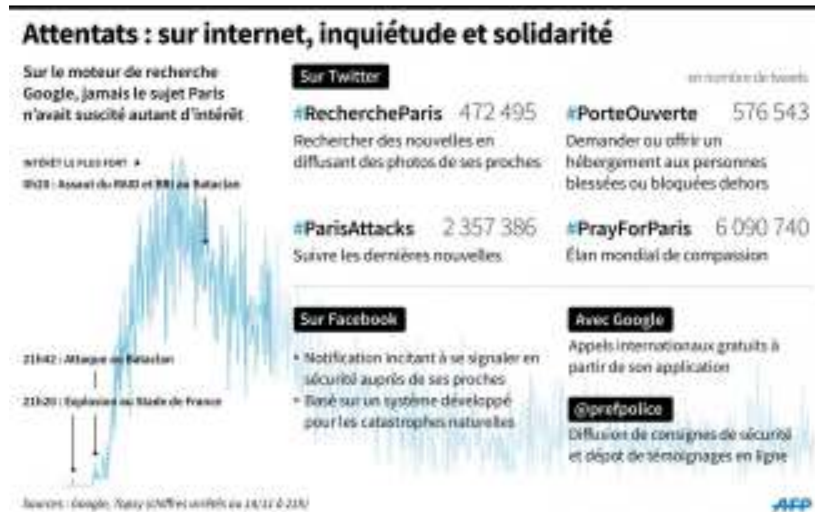
Fonte: Agência AFP²³.

Na mesma velocidade em que era decretado Estado de Emergência no território francês, um turbilhão de informações acerca do massacre prolifera alheio às fronteiras nos meios digitais. Mobilizando tanto os jornalistas de plantão quanto os profissionais de folga, o jornal Le Figaro adianta-se em reforçar seu menu de blogs com um título específico sobre a carnificina, com acesso pela URL <http://attentats-paris.lefigaro.fr/> Concomitantemente, agências internacionais de notícias, veículos de comunicação locais, sobreviventes dos ataques, autoridades mundiais ou meros cúmplices na dor das famílias atingidas aderem em massa à divulgação, preenchendo as timelines das redes sociais com informações ora precisas ora especulativas. Intencionalmente ou ingenuamente, conteúdos prestando serviço, ou ao

23 Agência AFP. Disponível no link <http://blogs.afp.com/makingof/?post/attentats-paris-reseaux-sociaux-le-vrai-l-amoitie-vrai-et-le-completement-faux> Acesso em 25 de março de 2016.

contrário, espalhando o terror, se intercalam e confundem, com o assunto Paris suscitando um interesse inédito no mecanismo de busca do Google (Figura 6).

Figura 6 – Mais de 6 milhões de repetições da hashtag #PrayforParis no Twitter em menos de 24 horas.



Fonte: Arte da Agência AFP²⁴.

Em matéria especial sobre a repercussão do massacre nas redes sociais, a editoria Tech & Web do jornal francês Le Figaro²⁵ publica no próprio blog temático *Attentats de Paris* uma reportagem destacando a agilidade e a intensidade com que as informações sobre os ataques se alastraram na web. A primeira abordagem oficial da explosão no estádio de futebol, pelo canal i-Télé às 21h35 (horário local), é seguida pela explosão do assunto nas redes sociais. Um único tweet do usuário @btbaka, postado às 21h49 (horário local) simultaneamente ao tiroteio no Bataclan, é compartilhado 558 vezes com o alerta “três intensos golpes de fogo no Bataclan. E continuam a atirar” (Figura 7). Postado

²⁴ Agência AFP. Disponível no link

<http://blogs.afp.com/makingof/?post/attentats-paris-reseaux-sociaux-le-vrai-l-a-moitie-vrai-et-le-completement-faux> Acesso em 25 de março de 2016

²⁵ Disponível no link <http://www.lefigaro.fr/secteur/high-tech/2015/11/23/32001-20151123ARTFIG00245-ce-vendredi-13-novembre-sur-les-reseaux-sociaux.php> Acesso em 25 de março de 2016.

apenas 14 minutos após o primeiro post do veículo de comunicação i-Télé, o tweet permite que cidadãos comuns tomem conhecimento do ataque simultaneamente às autoridades, com o chefe da Brigada de Buscas (BRI), Christophe Molmy, revelando só ter sido informado a respeito 10 minutos depois dos atentados.

Figura 7 - Tweet postado 14 minutos após a primeira menção dos atentados pela mídia.



Fonte: Blog Attentats de Paris do Le Figaro online.

Também próximo ao Bataclan, o usuário do Twitter @manutention posta quatro tweets a partir das 22h03 (horário local) pedindo que alertem a polícia sobre o tiroteio na casa de shows. Marcados por exclamações como “estamos aterrorizados”, seus tweets são compartilhados mais de 10 mil vezes²⁶, ainda que não incluam qualquer imagem comprovando o fato (Figura 8). À medida que mais usuários de redes sociais pressupõem que a informação seja procedente, mais o tweet deste mesmo usuário tem alcance, com o primeiro sendo compartilhado 1.453 vezes, e o último, apenas seis minutos mais tarde, sendo passado adiante 6.853 vezes.


26 Extraído do blog Attentats de Paris no link <http://www.lefigaro.fr/secteur/high-tech/2015/11/23/32001-0151123ARTFIG00245-ce-vendredi-13-novembre-sur-les-reseaux-sociaux.php> Acesso em 25 de março de 2016

Figura 8 - Timeline de @Manutention no Twitter.

LE FIGARO PREMIERE
1 mois d'essai offert sans engagement


Vers 22 heures, une personne qui se situe à proximité du Bataclan parle d'un «carnage» et demande à être secourue. Ses messages sont chaque fois retweetés plus d'un millier de fois.

LES AUTEURS ▾
SUR LE MÊME SUJET ▾
RÉAGIR (34) ▾
PARTAGER ▾
f t+ g+ v
IMPRIMER ▾
HAUT DE PAGE ↑

ALLUSAVIAROMA.COM


1 mois d'essai offert sans engagement

LES AUTEURS ▾
SUR LE MÊME SUJET ▾
RÉAGIR (34) ▾
PARTAGER ▾
f t+ g+ v
IMPRIMER ▾
HAUT DE PAGE ↑

ALLUSAVIAROMA.COM


Manu @Manutention [Suivre](#)

Appelez la police au bataclan y a un carnage
19:03 - 13 Nov 2015
↩️ ↻️ 1 453 🍷 276

Manu @Manutention [Suivre](#)

Je sus au 10 rue amelot si jamais quelqu ün peur prévenir la police
19:04 - 13 Nov 2015
↩️ ↻️ 900 🍷 120

Manu @Manutention [Suivre](#)

Y a des blessés partout et les gens veulent pas nous ouvrir ils ont peur
19:05 - 13 Nov 2015
↩️ ↻️ 1 052 🍷 164

Manu @Manutention [Suivre](#)

On a 2 blessés avec nous stp. On est terrorisés. 10 rue amelot, on est ds les étages.
19:09 - 13 Nov 2015
↩️ ↻️ 6 853 🍷 1 153

Fonte: Blog Attentats de Paris do Le Figaro online.

Uma hora mais tarde, o sobrevivente do Bataclan Benjamin Cazenoves recorre ao Facebook para pedir socorro, advertindo a gravidade do seu estado. Sem qualquer recurso para comprovar ou repudiar aquela informação, os demais usuários da rede social compartilham o post 21.700 vezes (Figura 9), instigando cada vez mais leitores a pressupor a veracidade do pedido de socorro. Em contraste com o tweet sem imagens postado do State de France imediatamente após os atentados, com apenas um compartilhamento, o post feito no

Facebook uma hora após o atentado no Bataclan, também sem imagens, é compartilhado mais de 20 mil vezes²⁷.

Figura 9: Post compartilhado mais de 20.000 vezes.



Fonte: Blog Attentats de Paris do Le Figaro online

A dimensão alcançada por um único post, sem nenhuma prova que distinga o fato do boato, ilustra a nova habilidade exigida dos leitores para transitar com segurança no meio digital: “avaliar dados muito diversos, com valor desigual e propósitos distintos que cada cidadão pode publicar sem qualquer tipo de restrição prévia.” (MACHADO, 2002, p 7) Nos Atentados a Paris de novembro de 2015, rumores inverídicos com dimensão mundial induzem e dificultam, na mesma medida, o trabalho da imprensa.

Entre as especulações divulgadas via Twitter estão “ataques confirmados” à Place de la République, à região de Les Halles e ao Trocadero, todos endereços imunes aos ataques. Os posts com dados improcedentes (Figura 10) chegam a ser compartilhados 7.079 vezes (à direita) e 10.464 vezes (à esquerda), com a probabilidade de mais milhares de compartilhamentos por quem os recebeu, potencializando o acesso a uma informação inverídica. Prédios em chamas, expedições punitivas anti-imigrantes, o Empire State Building iluminado com as cores da França e imagens do interior do Bataclan – que na realidade retratam outra casa de shows, na Irlanda – também circulam sem filtros

27 Dados da agência AFP. Disponível em: <http://blogs.afp.com/makingof/?post/attentats-paris-reseaux-sociaux-le-vrai-l-a-moitie-vrai-et-le-completement-faux> Acesso em 25 de março de 2016.

ou freios, alastrando o pânico e dificultando a cobertura oficial da imprensa²⁸.

Figura 10: Informações inverídicas compartilhadas mais de 7 mil e 10 mil vezes no Twitter.



Fonte: Blog Attentats de Paris do Le Figaro online

4.2 – Do pânico ao #prayforparis: onde validar a verdade

Com cobertura em *real time*, não tardam a surgir hashtags centradas no massacre em Paris. Pelo Twitter, imediatamente, reverbera a expressão #PorteOuverte (#PortaAberta), por meio da qual é possível elencar e identificar opções de abrigo às vítimas dos ataques. Um dia mais tarde, na rede social que já havia propagado a expressão #JeSuisCharlie em janeiro de 2015 outras duas hashtags - #PrayForFrance e #PriezPourParis (#RezoPelaFrança e #RezoPorParis) – alcançam a soma de 6 milhões e 700 mil menções no microblogging²⁹.

28 Dados da agência AFP, disponível em:

<http://blogs.afp.com/makingof/?post/attentats-paris-reseaux-sociaux-le-vrai-l-a-moitie-vrai-et-le-completement-faux> Acesso em 25 de março de 2016.

29 Dados do Le Figaro, disponível em: <http://tvmag.lefigaro.fr/le-scan-tele/polemiques/2015/11/15/28003-20151115ARTFIG00090-attentats-pourquoi-s-inflige-t-on-le-traumatisme-de-l-information-anxiogene.php> Acesso em 25 de março de 2016.

Para que os próprios usuários registrem sem dificuldade se estão a salvo, o Facebook customiza uma ferramenta exclusiva para a ocasião. Por meio do Safety Check (Figura 11), moradores e turistas conseguem informar se estão ou não nas regiões afetadas e quais pessoas dos seus círculos também estão seguras. Até então restrita a desastres naturais, a ferramenta passa a ser divulgada pela imprensa com grande repercussão. Um único post do Mailonline, por exemplo, é compartilhado quase 10 mil vezes³⁰.

Figura 11 - Padrão do Safety Check registrado pelo portal do jornal Daily Mail (UK).



Fonte: Blog Attentats de Paris do Le Figaro online

Também provando total envolvimento, o Facebook disponibiliza um filtro nas cores da bandeira da França, como sugestão para aplicação nas fotos de perfil. Simples e pontual, o mecanismo de edição vira febre nos meios digitais, com usuários de todos os idiomas e continentes externando em uníssono a consternação com os atentados (Figura 12).

30 Dados do portal do Daily Mail, da Inglaterra, disponível em: <http://www.dailymail.co.uk/sciencetech/article-3318085/Are-friends-safe-Facebook-rolls-Safety-Check-wake-Paris-attacks-Twitter-users-offer-shelter-affected.html> Acesso em 25 de março de 2016.

Figura 12 - Filtro disponibilizado pelo Facebook em condolência às vítimas.



Fonte: Blog Attentats de Paris do Le Figaro online

Com leitores em todo o mundo, o jornal americano *The New York Times* mobiliza suas equipes para garantir coberturas em todas as plataformas com a máxima agilidade, chegando a tirar do ar conteúdos de fontes anônimas postados e posteriormente não-confirmados. Entre os recursos para privar seus assinantes dos boatos e das especulações que rondam em peso as redes sociais está a criação de um registro de e-mails, com os leitores informando em quais endereços eletrônicos gostariam de ser atualizados sobre os ataques a Paris, esquivando-se do bombardeio de rumores infundados. A demanda naturalmente corresponde ao serviço, já que “mesmo com uma participação muito mais direta do público, ainda é aos veículos e instituições jornalísticas que os atores nas redes sociais na internet recorrem para legitimar, dar credibilidade, organizar e filtrar informações.” (RECUERO, 2011, p 15)

Neste sentido, por mais que se torne cada dia mais ávida e ansiosa pela informação em primeira mão, “a sociedade vai continuar a precisar de técnicos qualificados para a pesquisa, seleção, confirmação, redação e difusão de notícias.” (JERÓNIMO, [s. d.], p 3) Isto porque, à medida que mais usuários disparam o furo, promovidos no ambiente digital a “prossumidores, uma forma híbrida de produtor e consumidor” (BARDOEL E DEUZE, 2000, apud ZAMITH, 2011, p 27), o maior volume de conteúdos disponibilizados sem o filtro do juízo profissional aumenta o risco de uma notícia não ser autêntica.

Adaptando-se a este novo cenário da mídia, em que “a fronteira entre produção e leitura de notícias não pode ser claramente demarcada

ou não existe” (PRIMO; TRÄSEL, 2006, apud AROSO, 2013, p 3), o jornalista assume um papel distinto. Perde o acesso privilegiado às fontes, deixa de ser o primeiro a saber, mas em contrapartida consolida-se como baluarte da veracidade. Avalistas das informações em trânsito na web, os veículos de comunicação detêm de tal forma esta responsabilidade, de validar ou refutar conteúdos, que o Senado Federal lançou uma campanha digital, em novembro de 2016, chamada “Como não cair nos boatos de internet”, alçando ao topo da pirâmide (Figura 13) o jornal como fonte confiável da notícia.

Figura 13 - Campanha de conscientização lançada pelo Senado Federal.



Fonte: Redes sociais do Senado Federal

Assumindo o compromisso de mediador durante a carnificina em Paris, o jornal *Le Monde* põe em prática uma ferramenta interativa para blindar seus leitores dos boatos em circulação: um live-blogging, com as perguntas sobre os atentados a Paris respondidas pela internet em tempo real³¹. Enquanto isso, na esfera informal, o pronunciamento das autoridades civis, militares e religiosas viraliza em todo o mundo. Um

31 Folha de São Paulo via UOL. Disponível no link <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/11/1709253-pessao-por-maior-cobertura-de-midia-de-paris-vem-do-publico.shtml?cmpid=topicos> Acesso em 25 de março de 2016

exemplo é a imediata proliferação do tweet em que a Chanceler alemã Angela Merkel “traduz” seu sentimento nas redes sociais. O tweet “Me sinto profundamente chocada com as notícias e fotografias que chegam até nós de Paris. Meus pensamentos nestas horas estão com as vítimas do que parece ser um ataque terrorista, e também com seus parentes e todas as pessoas em Paris”³² pauta revistas, jornais e agências de notícias (Figuras 14 a 23), ilustrando a forma como a imprensa e as redes sociais se retroalimentam em um fluxo contínuo.

Figura 14 - Tweet de Angela Merkel repercute nas redes sociais da revista Der Spiegel (Alemanha).

Weltweit lösen die Anschläge in Paris Entsetzen aus.
 Bundeskanzlerin **Angela Merkel** sagte, sie sei "tief erschüttert von den Nachrichten und Bildern, die uns aus Paris erreichen." Außenminister **Frank-Walter Steinmeier** teilte via Twitter mit: "Wir stehen an der Seite Frankreichs!" Auch Bundespräsident **Joachim Gauck** zeigte sich bestürzt und

Fonte: Post do Der Spiegel nas redes sociais

Figura 15 – Expressão “profundamente chocada” é mantida pelo The Guardian (Inglaterra).

Angela Merkel said she was "profoundly shocked by the news and images from Paris". The German chancellor issued a statement saying her thoughts were with the victims, while the Dutch foreign minister, Bert Koenders, said he was "shocked and appalled by new attacks in Paris. Words are not enough".
 Canada's new prime minister, Justin Trudeau, said: "Our hearts and thoughts and prayers go out to our French cousins in this dark and

Fonte: Post do The Guardian nas redes sociais

Figura 16 - Expressão “profundamente chocada” é mantida pela agência de notícias AFP (França).

- European Union foreign policy chief Federica Mogherini.
 AFP
 11/14/2015
 Profoundly shocked
 "Profoundly shocked by the news and images from Paris"
 - Angela Merkel, the chancellor of neighboring Germany.
 Words are not enough

Fonte: Post da AFP nas redes sociais.

32 Tradução nossa.

Além de reutilizada em novos meios, a expressão *tief erschüttert*, que em português significa “profundamente chocada”, é deslocada no processo de tradução interlingual. De forma semelhante, desponta como *profoundly shocked* no The Guardian e na AFP, *profundamente conmocionada* na agência espanhola EFE e *profonda commozione* no italiano Corriere della Sera. Em contrapartida, surge mais amena com *deeply shaken* (extremamente abalada) no post das agências Press Association, NBC e Reuters, e é ainda mais suavizada com *bouleversée* (abalada) no Le Monde, e muito comovida no portal brasileiro G1.

Figura 17 - Expressão “profundamente chocada” é mantida pelo jornal Corriere della Sera (Itália).

Merkel e Cameron: «Scioccati»

«Sono scioccati dagli eventi di Parigi. I nostri pensieri e preghiere sono con il popolo francese. Faremo tutto ciò che possiamo per aiutare»: così il premier britannico David Cameron su Twitter. La cancelliera tedesca, Angela Merkel, ha espresso «profonda commozione» per gli attentati di Parigi. In un breve comunicato diffuso dopo il discorso di Hollande, Merkel ha detto che i suoi pensieri sono in questi momenti con le vittime di questi «attacchi evidentemente terroristici», con le loro famiglie e con tutti gli abitanti di Parigi.

Fonte: Post do Corriere della Sera nas redes sociais.

Figura 18 – Expressão “profundamente chocada” é mantida pela agência de notícias EFE e repercutida em veículos de língua espanhola

EL UNIVERSAL

viernes 13 de noviembre de 2015 06:46 PM

Berlín.- La canciller alemana, Angela Merkel, se mostró "profundamente conmocionada" con los atentados ocurridos en París y en los que han muerto varias decenas de personas.

En un breve comunicado, Merkel señaló que sus pensamientos están en estos momentos con las víctimas de estos "ataques evidentemente terroristas", con sus familiares y con todos los habitantes de París, reseñó Efe.

El Gobierno alemán se encuentra en contacto con el francés y le ha transmitido la solidaridad del pueblo germano.

El comunicado de la Cancillería fue emitido justo después de la declaración institucional realizada por el presidente francés, François Hollande, quien informó de que ya hay "decenas de muertos" por los ataques terroristas "en curso" y explicó que ha pedido la intervención de refuerzos militares para detenerlos.



Fonte: Post do portal El Universal nas redes sociais.

Figura 19 – Expressão “profundamente chocada” é amenizada pela agência de notícias Press Association (Inglaterra).



Fonte: Post da Press Association nas redes sociais.

Figura 20 - Expressão “profundamente chocada” é amenizada pela agência de notícias NBC News (Estados Unidos).

World leader expressed shock and sadness at the incredible violence that rocked Paris Friday night.

German Chancellor Angela Merkel said she is "deeply shaken by the news and pictures that are reaching us from Paris."

The German leader issued a statement saying her thoughts were with the victims "of the apparent terrorist attack."

Fonte: Post da NBC EUA nas redes sociais.

Figura 21 - Expressão “profundamente chocada” é amenizada pela agência de notícias Reuters (Estados Unidos e Inglaterra).



In Europe, German Chancellor Angela Merkel, whose foreign minister was attending a France-Germany soccer match with Hollande when the stadium was attacked, said, “I am deeply shaken by the news and pictures that are reaching us from Paris.”



“The German government is in contact with the French government and has passed on a message of sympathy and solidarity from the German people.”

Fonte: Post da Reuters nas redes sociais.

Figura 22: Expressão “profundamente chocada” é amenizada pelo jornal francês Le Monde.

A l'unisson du président américain, les réactions de toute la planète ont afflué dans la nuit. Angela Merkel, la chancelière allemande, qui avait défilé à quelques centaines de mètres du Bataclan lors de la manifestation du 11 janvier contre les attentats de *Charlie Hebdo*, s'est dite « bouleversée ». « Choqué » également, Jean-Claude Juncker, le président de la Commission européenne, qui avait lui aussi fait partie de ce cortège. « *La France est en première ligne dans la lutte contre le terrorisme. Mais elle n'est pas seule. Ce combat est le combat de tous les Européens, et de tous les peuples du monde libre* », a défendu le président du Conseil européen, Donald Tusk.

Fonte: Post do Le Monde nas redes sociais.

Figura 23 - Expressão “profundamente chocada” é amenizada pelo portal de notícias da Rede Globo no Brasil.

helio gurovitz: 'não vencerão'

memória globo: charlie hebdo

Angela Merkel, chanceler alemã, em comunicado oficial:
 “Estou muito comovida pelas informações e imagens que chegam de Paris. Nesses momentos, meus pensamentos vão para as vítimas de esses ataques evidentemente terroristas, para seus familiares e todos os habitantes de Paris”

Mariano Rajoy, chefe de governo espanhol, pelo Twitter:
 “Chocado com a notícia que chega de Paris. A França tem ao seu lado o povo espanhol nesses momentos tão difíceis”

Dilma Rousseff, pelo Twitter:
 “Consternada pela barbárie terrorista, expressei meu repúdio à violência e manifestei minha solidariedade ao povo e ao governo francês”

Fonte: Post do G1 nas redes sociais.

O acesso simultâneo dos jornalistas profissionais e dos internautas em geral aos mesmos conteúdos, postados e compartilhados em profusão via redes sociais, estipula uma nova relação entre emissor e receptor, produtor e consumidor, autor e leitor, público e privado, revogando limites historicamente pactuados. “A capacidade que as pessoas têm de compartilhar, cooperar e agir em conjunto está sendo espetacularmente ampliada por nossas ferramentas sociais.” (SHIRKY, 2012, p 271) Enquanto a imprensa se adapta ao novo ritmo da notícia, com cobertura coletiva e concomitante em todo o mundo, os leitores se apropriam de uma autonomia sem precedentes, traçando seu próprio percurso de navegação em busca das informações que correspondem à especificidade do seu interesse. Neste sentido, ainda que involuntariamente ou inconscientemente, amplia de forma sem precedentes sua contribuição para a efetiva apreensão dos conteúdos, o que será explorado no capítulo a seguir.

5 LEITOR-TRADUTOR

A interface Jornalismo–Tradução vem desencadeando nos últimos cinco anos uma série de pesquisas, que apesar dos focos distintos, analisam de forma muito mais premente o papel do emissor, seja ele um tradutor efetivo ou eventual, no caso um profissional da imprensa incumbido de traduzir os fatos para o perfil de quem o lê. Na Pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina, seis pesquisas recentes examinam o caráter multidisciplinar do fenômeno tradutório, explorando especialmente sua interface com o Jornalismo.

Na tese “O mundo pós “11 de setembro” em títulos”, Polchlopek (2011) aborda uma consequência da edição jornalística: a possibilidade de se compreender os desdobramentos dos atentados às Torres Gêmeas, em Nova York, por meio da sequência de títulos das reportagens. Na dissertação “Marcas culturais em interface: os caminhos de aproximação entre tradução e jornalismo”, Mazutti (2011) utiliza como corpus traduções da revista *National Geographic* do inglês para o espanhol e o português, enquadrando o tradutor como intermediador cultural. De forma semelhante, na dissertação “A representação cultural do fato noticioso: a tradução e suas refrações”, Ferreira (2012) ilustra como as escolhas lexicais feitas pelo jornalista alteram o perfil ideológico e político da presidente Dilma Roussef, eleita à época, divulgado aos leitores dos jornais *Folha de São Paulo*, no Brasil, e *La Nación*, na Argentina.

Com o mesmo foco, debruçado sobre o emissor, a dissertação “O caso AF:447: o jornalista como tradutor de fatos nas culturas brasileira e portuguesa” (Aio, 2012), compara revistas dos dois países, identificando diferentes enfoques na cobertura da emblemática queda do avião francês e posicionando a reportagem internacional como uma tradução culturalmente emoldurada. Mais recentemente, outras duas dissertações, “Tradução jornalística: alusões na tradução como fator cultural no texto telejornalístico” (Hessmann, 2013) e “O cenário cultural na tradução de um fato noticioso: uma ponte entre o espanhol e o guarani” (Rolón, 2014) demonstram igualmente como as alusões contribuem com a representação cultural da notícia.

Ao contrário das pesquisas precedentes, que analisam modificações executadas pelo jornalista no intento de facilitar a compreensão por parte do seu público, este trabalho inova ao sugerir um novo *player* no processo tradutório: o leitor em meio digital online, que

exercita a tradução em seu sentido *lato sensu*, à medida em que acede a diferentes conteúdos para aproximar o fato do seu contexto e alcance intelectual. Independentemente de os hipertextos explorados constarem sempre no mesmo idioma, parte-se da premissa de que os hiatos ideológicos, geográficos e temporais entre leitores remotos, com realidades distintas, constituem obstáculos à leitura, como exemplifica Berman, para quem as mesmas barreiras enfrentadas quando uma língua difere da outra também emergem quando o tempo se interpõe entre emissor e receptor, já que “exatamente o mesmo modelo – e isto raramente recebe o devido destaque – está em funcionamento no interior de uma única língua.” (BERMAN, 2007, p 53)

Pioneiro da análise estrutural da linguagem, Jakobson distingue três maneiras de se interpretar um signo verbal: interpretando em outra língua, sendo a tradução Interlingual a mais comumente pesquisada; interpretando signos verbais por meio de signos não-verbais, o que caracteriza a tradução Intersemiótica, e utilizando outro signo no mesmo idioma, o que constitui a tradução Intralingual. Área de interesse desta pesquisa, “a tradução intralingual de uma palavra utiliza outra palavra, mais ou menos sinônima, ou recorre a um circunlóquio. Entretanto, via de regra, quem diz sinonímia não diz equivalência completa.” (JAKOBSON, 2010, p 81)

Da mesma forma com que um sinônimo nem sempre corresponde ao completo significado da palavra que se propõe a substituir ou interpretar, os mesmos conteúdos, disponibilizados em um mesmo idioma, também podem ser apreendidos de forma distinta conforme o intervalo que separa a redação da leitura. Como atesta Berman, “qualquer leitura abrangente de um texto do passado escrito na própria língua do leitor e pertencente a sua literatura é um complexo ato de interpretação” (BERMAN, 2007, p 43-44), e por mais que este esforço não seja reconhecido, é igualmente necessário, já que cada ato de linguagem tem um determinante temporal.

“Nenhuma forma semântica é atemporal. Quando usamos uma palavra, pomos a ressoar, por assim dizer, sua vida inteira pregressa. Um texto está inserido num tempo histórico específico; ele tem o que os linguistas chamam de uma estrutura diacrônica. Ler de forma abrangente é restaurar tudo o que for possível em termo das adjacências de valores e intenções em meio às quais a fala efetivamente ocorre”. (BERMAN, 2007, p 49-50)

Considerando a dificuldade de se sistematizar a compreensão percuciente completa de um texto, e que no exercício da leitura “deve-se dominar o contexto espacial e temporal de um texto, as amarras que prendem mesmo a mais idiossincromática das expressões poéticas ao idioma circundante” (BERMAN, 2017, p 51), é natural que o leitor em hipermídia não limite sua navegação à página de partida, pela facilidade de compensar suas lacunas de conhecimento com informações e formatos adicionais.

Além da posição geográfica em que se encontra, seja ela na França, no Canadá, na Bélgica, na Suíça, em países da África ou do Caribe onde o francês é idioma oficial ou recorrente, o leitor fluente denota a realidade em que vive por meio dos percursos que prioriza ao longo da navegação. Em seu exercício para traduzir o fato, tem a possibilidade de eleger conteúdos com distintas funções (Referenciais, Emotivos, Conotativos, Fáticos, Metalinguísticos ou Poéticos, conforme distinção de Jakobson), e de se expressar como preferir, por meio de comentários no próprio post, compartilhamentos, curtidas e opiniões via redes sociais.

Para corresponder a um público notadamente heterogêneo, dada a dimensão internacional dos atentados a Paris, o jornal Le Figaro cria um blog específico sobre o assunto tão logo divulga as primeiras notícias acerca da carnificina. Disponível para leitura a partir da URL <http://attentats-paris.lefigaro.fr/>, o blog *Attentats de Paris* tem acesso livre, eventualmente induzindo os leitores a buscar conteúdos aprofundados, restritos a assinantes, já que os links são inerentes ao gênero blog. “A atividade mais comum na web é redirecionar: apontar para o conteúdo de outras pessoas. Jornais e outros veículos estão aprendendo a tirar o máximo proveito disso em seus sites, redirecionando para artigos e dados publicados em outros sites.” (GILLMOR, 2004³³)

Apesar dos nós eventuais, com os quais não-assinantes se debatem ao migrar para o conteúdo *premium* do Le Figaro online, o blog consolida-se como referência sobre o assunto, permanecendo no ar e recebendo atualizações um ano após o massacre. A opinião do filósofo Charles Pépin, intitulada “Em um ano, nada mudou”, ilustra a sobrevida do blog ao reproduzir um artigo veiculado no caderno Madame, do jornal Le Figaro, em 13 de novembro de 2016 (Figura 24).

33 Tradução nossa

Figura 24 - Conteúdo do caderno Madame, do jornal Le Figaro, reproduzido no blog um ano após os atentados³⁴.



Fonte: Blog Attentats de Paris do Le Figaro online.

Tirando proveito das vantagens do meio digital em relação ao impresso, o blog usufrui de todas as potencialidades da internet, como interatividade, instantaneidade, hipertextualidade, multimídia, ubiquidade, memória e personalização (PAVLIK, 2001, apud ZAMITH, 2011, p 57) conforme demonstram, a seguir, alguns posts selecionados.

Com diferentes formatos convergindo em uma mesma página (multimídia), o leitor se abstém de recorrer a hiperlinks para a visualização de vídeos. Na reportagem “A sexta-feira 13 de novembro nas redes sociais”, o blog *Attentats de Paris* disponibiliza em meio a textos e fotografias um vídeo (Figura 25) com o barulho da explosão no State de France visualizado quase 600 milhões de vezes.

34 Extraído do blog Attentats de Paris. Disponível no link <http://madame.lefigaro.fr/societe/charles-pepin-la-joie-est-une-reponse-au-fracas-du-monde-281016-117533> Acesso em 14 de novembro de 2016.

Figura 25 – Vídeo disponibilizado juntamente com textos e fotos.



Fonte: Blog *Attentats de Paris* do Le Figaro online³⁵.

A hipertextualidade é onipresente no blog *Attentats de Paris*, com a maioria dos posts redirecionando a conteúdos já disponíveis na versão online do jornal Le Figaro. Por mais que as reportagens sejam as mesmas, a leitura no blog é facilitada, já que aborda um único tema, ao contrário do jornal, que mantém a atualização dos mais distintos assuntos nacionais e internacionais. No anexo desta pesquisa é possível visualizar como, a partir de uma mesma URL de entrada, o leitor pode afunilar a consulta, adquirindo conteúdos completamente distintos, de acordo com seu interesse.

Nas duas simulações de navegação em anexo o ponto de partida é a capa do blog *Attentats de Paris*. Na primeira simulação, o leitor parte da manchete principal “Os momentos marcantes da homenagem de François Hollande às vítimas” (Simulação 1, Clique 1³⁶). Induzido pelo índice (A redação aconselha) no pé desta mesma página, migra para a reportagem “Homenagem no Hôtel des Invalides: a classe política

35 Disponível em: <http://blogs.afp.com/makingof/?post/attentats-paris-reseaux-ciaux-le-vrai-l-a-moitie-vrai-et-le-completement-faux> Acesso em 25 de março de 2016.

36 Disponível em <http://www.lefigaro.fr/politique/le-scan/citations/2015/11/27/25002-20151127ARTFIG00115-deuil-national-les-passages-forts-de-l-hommage-aux-victimes-de-francois-hollande.php> Acesso em 29 de março de 2016.

proclama a união nacional” (Simulação 1, Clique 2³⁷). Realizando a leitura, interessa-se por uma nova abordagem, o tributo prestado às vítimas duas semanas após os atentados, deparando-se então com um nó: é redirecionado para o portal Le Figaro Premium onde 77% do texto é restrito a assinantes do jornal (Simulação 1, Clique 3³⁸). Frustrado com a possibilidade de concluir a leitura, retorna à página anterior no blog, onde encontra conteúdo semelhante publicado quatro dias antes (Simulação 1, Clique 4³⁹). Por fim, nesta primeira simulação, a emoção das homenagens desperta no leitor o interesse em recapitular os fatos, instigando-o a migrar para um resumo postado no próprio blog no dia seguinte aos atentados (Simulação 1, Clique 5⁴⁰).

A segunda simulação, também no intento de ilustrar a autonomia que a leitura em hipermídia concede ao leitor, apresenta um percurso de navegação bem distinto, apesar do ponto de partida em comum: a capa do blog. Uma das manchetes redireciona para a reportagem sobre a carnificina no Bataclan, onde os terroristas fizeram 89 vítimas fatais. O leitor, assim, tem acesso ao testemunho dramático de um espectador na reportagem “A cada rajada nós tentávamos rastejar o máximo possível para longe dos atiradores” (Simulação 2, Clique 1⁴¹). Induzido pelo índice (A redação aconselha) no pé desta mesma página, migra para a reportagem “Quando um dos atiradores se faz passar por um policial da Gendarmeria” (Simulação 2, Clique 2⁴²). Ali, depara-se com a matéria

37 Disponível em <http://www.lefigaro.fr/politique/2015/11/26/01002-20151126ARTFIG00164-hommage-aux-invalides-la-classe-politique-joue-l-unite-nationale.php> Acesso em 29 de março de 2016

38 Disponível em <http://www.lefigaro.fr/actualite-france/2015/11/24/01016-20151124ARTFIG00339-un-hommage-aux-victimes-sobre-et-solennel-vendredi.php> Acesso em 29 de março de 2016

39 Disponível em http://www.lefigaro.fr/actualite-france/2015/11/20/01016-20151120ARTFIG00087-un-hommage-national-aux-victimes-des-attentats-aura-lieu-vendredi-aux-invalides.php?redirect_premium Acesso em 29 de março de 2016

40 Disponível em http://www.lefigaro.fr/flash-actu/2015/11/14/97001-20151114FILWWW00027-attentats-a-paris-les-six-lieux-des-attaques.php?redirect_premium Acesso em 29 de março de 2016

41 Disponível em <http://www.lefigaro.fr/actualite-france/2015/11/14/01016-20151114ARTFIG00006-bataclan-chaque-rafale-on-essaye-de-ramper-le-plus-loin-possible-des-tireurs.php> Acesso em 08 de abril de 2016

42 Disponível em <http://www.lefigaro.fr/actualite-france/2016/03/16/01016-20160316ARTFIG00336-quand-l-un-des-tueurs-du-bataclan-se-faisait-passer-pour-un-sauveur-du-gign.php> Acesso em 08 de abril de 2016

em formato de texto, um vídeo exibido na própria página e a possibilidade de se deslocar para o ambiente democrático das redes sociais, interessado na crítica do cantor Jesse Hughes à segurança da casa de espetáculos (Simulação 2, Clique 3⁴³). Transferido para um post da editoria de cultura do Le Figaro, sob o título “Jesse Hughes se desculpa pelas insinuações sobre a segurança do Bataclan”, o leitor se depara com a possibilidade de conferir a repercussão da mensagem diretamente na página do músico no Facebook. Sendo assim, migra do blog para o post nas redes sociais em que o líder da banda Eagles of Death Metal retira as acusações (Simulação 2, Clique 4⁴⁴). Finalmente nesta segunda simulação o leitor desfaz a ação, retornando ao blog onde, novamente via hiperlink, consulta quais argumentos do Bataclan motivaram o músico a voltar atrás sobre as acusações expressas anteriormente nas redes sociais (Simulação 2, Clique 5⁴⁵).

Em síntese, as simulações deste Estudo de Caso ilustram como, ao optar por uma mesma fonte oficial de informação, no caso um blog vinculado a um tradicional veículo de comunicação, dois leitores podem percorrer caminhos que nem sequer se cruzam, apreendendo o conteúdo conforme suas associações e interesses: a primeira navegação culmina com a sinopse objetiva do massacre e a segunda com uma polêmica viralizada nas redes sociais. Ainda que simulado, o resultado confirma uma semelhança básica entre a tradução de uma obra e a tradução como exercício individual de compreensão: o fato de a situação comunicativa estar intrinsecamente vinculada a um contexto real e autêntico.

Assim como a multimídia e a hipertextualidade, características já ilustradas, o blog *Attentats de Paris* também tira proveito das demais potencialidades da internet, como a ubiquidade, com a notícia acessada simultaneamente por leitores em todo o mundo. Na mesma esteira, este leitor proporciona um feedback sem fronteiras, em muitos casos diretamente do local onde se dá o fato, consolidando um processo cada vez mais horizontal e influenciando todo o trabalho da

43 Disponível em <http://www.lefigaro.fr/musique/2016/03/12/03006-20160312ARTFIG00043-jesse-hughes-s-excuse-pour-ses-insinuations-sur-la-securite-du-bataclan.php> Acesso em 08 de abril de 2016

44 Disponível em <https://www.facebook.com/eaglesofdeathmetal/posts/10153854016381014:0> Acesso em 08 de abril de 2016

45 Disponível em <http://www.lefigaro.fr/musique/2016/03/11/03006-20160311ARTFIG00111-le-bataclan-reagit-aux-declarations-insensees-de-jesse-hughes.php> Acesso em 08 de abril de 2016.

imprensa. Responsável pelo segmento de redes sociais da agência France Presse, Lemarchand desabafa as dificuldades vivenciadas nos bastidores da AFP à medida que, imediatamente após os ataques, sua timeline no Twitter passa a ser “fuzilada” por “verdades, meia-verdades e informações completamente falsas”, conforme relato Metalinguístico do post Making Of:

“Não vamos menosprezar: no caso de um evento de grande magnitude, as redes sociais são um território formidável para encontrar informações, testemunhos, contatos e imagens em primeira mão. Elas detêm hoje um papel central no trabalho dos jornalistas em geral e da AFP em particular... Mas é necessário se dar conta do que se passa sob a teia, toda a dificuldade consiste em encontrar a verdade dentro desta massa movediça e gigantesca de dados.”⁴⁶

Detentor de técnicas de apuração, o jornalista afirma ter na autoria do post um dos critérios para designar se aquela informação merece ou não ser verificada. Já o leitor comum, ao contrário, pode ser induzido a nem questionar a veracidade de um post, em especial se o mesmo registrar um volume significativo de curtidas e houver sido compartilhado por alguém da sua confiança, levando a uma aquisição equivocada dos fatos, como registra Lemarchand no mesmo texto: “Um pretense ataque a Les Halles é a falsa informação mais viralizada desta noite”.

Em um paralelo com a tradução, notoriamente sujeita a fatores intra e extratextuais, percebe-se neste caso a mesma influência do meio na concretização da mensagem. À medida que mais pessoas avalizam um conteúdo fake, compartilhando o pretense post sobre o ataque a Les Halles de forma automatizada, em um comportamento de horda subjugado à reação dos demais (RECUERO, 2009b, p 1), mais a informação falsa é apreendida como verdadeira.

Com o compromisso de “balizar” a verdade, assumindo a liderança de um fórum em que todos são habilitados a se pronunciar, o jornal Le Figaro expressa na própria criação do blog temático a Instantaneidade inerente à internet. Ainda que disponha, entre suas ferramentas, do mecanismo En direct, por meio do qual informa aos leitores, na capa do site lefigaro.fr, as notícias mais recentes em ordem

46 Disponível em <http://blogs.afp.com/makingof/?post/attentats-paris-reseaux-sociaux-le-vrai-l-a-moitie-vrai-et-le-completement-faux> Acesso em 25 de março de 2016.

cronológica (Figura 26), o veículo aposta na centralização das notícias em uma mesma URL, somada aos quase 50 títulos de blogs alimentados pelo jornal. Vinculado às breaking news, explora o vasto potencial de Memória da internet, proporcionando a contextualização das notícias à medida que as atualizações trazem links para conteúdos em todos os formatos.

Figura 26 - Ferramenta En direct, na capa do jornal Le Figaro online.



Fonte: Le Figaro online.

Outro exemplo, igualmente extraído do blog *Attentats de Paris*, traz aspectos relevantes da interface Interatividade-interpretação. Uma única matéria, sob o título “Djamel, vítima de 13 de novembro, obtém a carteira de invalidez após uma greve de fome”, atinge nova dimensão – além daquela natural do blog – por meio de 6.048 compartilhamentos (Figura 27) e 174 comentários com as mais distintas tônicas, elogiando, questionando e criticando a concessão dada a um espectador do Bataclan que passou a ser cadeirante após os atentados. Na segunda vez em que teve a carteira negada, a vítima recorre à imprensa e a uma greve de fome para atrair a atenção das autoridades, dando margem a reações contraditórias nas redes sociais.

Figura 27 – Matéria com mais de 6 mil compartilhamentos nas redes sociais.

Djamel, victime du 13 novembre, obtient sa carte d'invalidité après une grève de la faim

VIDÉO - Cet entrepreneur de 36 ans, aujourd'hui en fauteuil roulant, s'est battu pour obtenir une carte d'invalidité qui lui a été refusée à deux reprises par l'administration. Il a fini par obtenir gain de cause quelques heures après avoir cessé de s'alimenter.

 (174)  (6048)



Fonte: Blog Attentats de Paris do Le Figaro online.

Disseminados pelas ferramentas disponibilizadas no próprio post, Facebook, Twitter, Google +, LinkedIn e e-mail, os comentários detêm um potencial intrínseco para influenciar o leitor seguinte, com acesso ao histórico da notícia por meio de 10 hiperlinks (Figura 28), atalho para o menu principal, interação autor-leitor, leitor-leitor e leitor-autor por meio de cinco ferramentas e a visualização de todas as reações – favoráveis ou revoltosas - que a concessão da carteira de invalidez incitou nos leitores que o precedem.

Figura 28 – Parágrafo de uma notícia contextualizada por meio de 10 hiperlinks.

LE FIGARO · fr

Emmanuel Domenach, rescapé du Bataclan et vice-président de l'association 13 novembre : fraternité et vérité

174

Pour Emmanuel Domenach, rescapé du Bataclan et vice-président de [l'association 13 novembre - fraternité et vérité](#), le cas de Djamel est révélateur d'un système qui ne fonctionne pas. «Il faut aller pleurer dans les médias pour que la ministre s'occupe de votre cas, ce n'est quand même pas normal», s'agace-t-il auprès du Figaro. Ces histoires, comme celle de Djamel, ne le surprennent même plus. Il faut dire que les exemples ne manquent pas: on se souvient de [cette rescapée du Bataclan qui s'était vue refuser une assurance en raison du «stress post-traumatique» dont elle souffrait](#). Plus récemment, l'administration fiscale avait envoyé aux proches des victimes les déclarations de revenus des personnes tuées le 13 novembre, «sans égard particulier». Depuis, [une exonération d'impôts leur a été accordée](#).

Fonte: Blog Attentats de Paris do Le Figaro online.

Reação do leitor Guiclo critica o serviço público (Figura 29), com “A administração francesa em todo o seu esplendor!!!! Que vergonha!!!!!”

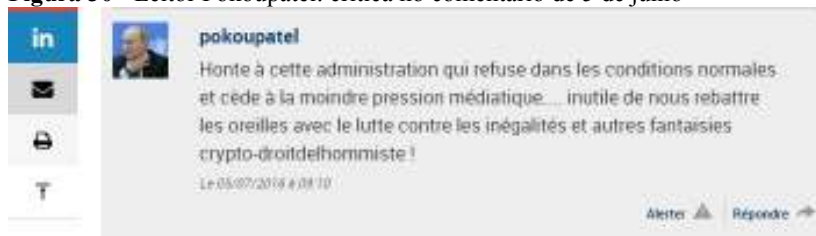
Figura 29 - Leitor Guiclo: crítica no comentário de 4 de julho.



Fonte: Blog Attentats de Paris do Le Figaro online.

Reação do leitor Pokoupatel extrapola o caso em questão (Figura 30), criticando o tratamento desigual e como as autoridades se rendem à pressão da mídia, com “Vergonha desta administração que recusa (a carteira) em condições normais e cede à pressão da mídia...”

Figura 30 - Leitor Pokoupatel: crítica no comentário de 5 de julho



Fonte: Blog Attentats de Paris do Le Figaro online.

Reação do leitor Exilado Fiscal é irônica, criticando os servidores públicos (Figura 31) com “A administração francesa em todo o seu esplendor. De um lado confisca os rendimentos dos que trabalham sob o pretexto de uma prática “social”, mas na realidade aqueles que verdadeiramente necessitam do social não se beneficiam já que os recursos são utilizados para financiar os privilégios de 6 milhões de servidores e similares.

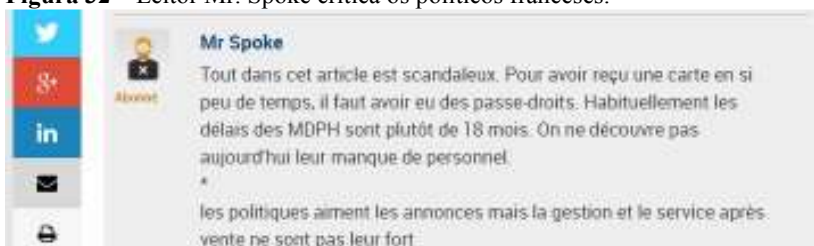
Figura 31 - Leitor Exilado Fiscal: crítica no comentário de 6 de julho.



Fonte: Blog Attentats de Paris do Le Figaro online.

Reação do leitor Mr Spoke amplia a crítica aos políticos franceses (Figura 32) com “Tudo neste artigo é escandaloso... Habitualmente o prazo do setor responsável é de cerca de um ano e meio... Os políticos amam os anúncios (positivos) mas a gestão e o serviço depois da venda não são seu forte...⁴⁷”

Figura 32 – Leitor Mr. Spoke critica os políticos franceses.



Fonte: Blog Attentats de Paris do Le Figaro online.

Sob a ótica Funcionalista de Nord (2005), para quem cada variável, seja ela interna ou externa ao texto, afeta a concretização do mesmo por meio da leitura, é manifesto o impacto da intensa interatividade na maneira como o leitor irá apreender a notícia e,

47 Tradução nossa para figuras 28 a 32 extraídas do mesmo post. Disponível em <http://www.lefigaro.fr/actualite-france/2016/07/04/01016-20160704ARTFIG00141-djamel-victime-du-13-novembre-entame-une-greve-de-la-faim.php?pagination=2#nbcomments> Acesso em 14 de novembro de 2016.

consequentemente, traduzir o fato, formulando uma opinião a respeito. Exemplos como estes preenchem com propriedade o objetivo geral desta pesquisa ao retratar o viés tradutor do leitor na web, autor de um percurso único de leitura em hipermídia, ativo e interativo, capaz de influenciar com suas reações a compreensão dos leitores futuros.

Pessoal e intransferível, a navegação é também suscetível às propriedades da internet. Quanto maior a agilidade (instantaneidade), a contextualização por meio de hiperlinks (hipertextualidade), a oferta de formatos variados (multimedialidade), a facilidade de acesso mesmo à distância da fonte (ubiquidade), as ferramentas para diálogo e *feedback* (interatividade), o vínculo com conteúdos prévios (memória) e a satisfação das preferências do leitor (personalização), mais produtiva será a pesquisa, com o sentido emergindo à medida que as intersecções eleitas contemplam os interesses genuínos do leitor. “O leitor-navegador não é um mero consumidor passivo, mas um produtor do texto que está lendo, um coautor ativo, capaz de ligar os diferentes materiais disponíveis, escolhendo seu próprio itinerário de navegação.” (FREITAS; COSTA, 2011, p 22)

5.1 - Da produção coletiva à tradução colaborativa

Responsável por vislumbrar caminhos, estabelecendo a pertinência das intersecções (índices e hiperlinks) que irão satisfazer a curiosidade do seu público, o jornalista assume um papel de tradutor na medida em que pressupõe o contexto social em que a situação comunicativa (autor-leitor) se situa (NORD, 2005), representa o fato culturalmente, incluindo as referências necessárias para que seu público compreenda dada informação (ZIPSER, 2002) e prevê as reações do leitor no ambiente digital, considerando de forma criteriosa as influências de cada elemento intra e extratextual. Por mais que se antecipe ao percurso de um pressuposto receptor, buscando corresponder às suas expectativas, o conteúdo só é fruído mediante a decisão do leitor. A cada escolha efetivada, a cada informação reutilizada, a cada reflexo impregnado de subjetividade, o leitor desencadeia um novo processo, com novas variáveis, constituindo-se, ele próprio, um colaborador na tradução do fato.

No caso específico dos atentados a Paris em novembro de 2015, capas de jornais em todo o mundo refletem não apenas a relevância internacional dos atentados (Figuras 33 a 38) como a consternação

mundial em torno deles, a partir da inclusão de termos como massacre, carnificina, terror, horror e guerra nas manchetes. Mais vinculadas a acidentes involuntários e intempéries naturais, as palavras “drama” e “tragédia” curiosamente não aparecem, induzindo o leitor a racionalizar sobre uma ação premeditada.

Figura 33 – “Massacre, pânico e explosões” nas manchetes brasileiras.



Fonte: Redes sociais.

Figura 34 - - Do Canadá à França: “carnificina” nas manchetes em francês.



Fonte: Redes sociais.

Figura 35 - França, Itália e Estados Unidos: opção por “guerra” nas manchetes.



Fonte: Redes sociais.

Figura 36 - The Sun, The Independent e The Times: preferência por “massacre” nas edições em inglês.



Fonte: Redes sociais.

Figura 37 – Portugal, Alemanha, EUA, Escócia e Inglaterra: “Terror e terrorista” nas manchetes.



Fonte: Redes sociais.

Figura 38 - Inglaterra, França e Portugal: “horror” nas manchetes.



Fonte: Redes sociais.

Sensibilizado pela variedade de recursos semióticos, das imagens que estampam a dor nas capas de jornais ao filtro nas cores da bandeira da França disseminado nas redes sociais, o leitor reage naturalmente, por meio de hashtags que indexam os conteúdos, fotos, vídeos, textos e ilustrações publicados, curtidos, comentados ou compartilhados. Um único post de autoria do jornalista Antoine Leiris, direcionado aos terroristas que tiraram a vida de sua esposa no tiroteio do Bataclan, é compartilhado 232 mil vezes. Com potencial exponencial para atingir milhões de leitores (Figura 39), denota a comoção e a apreensão mundial em torno do tema. Seu post no Facebook intitulado: “Vocês não terão meu ódio” desencadeou uma matéria no blog *Attentats de Paris*, um livro e um documentário.

Figura 39 - Resumo do post no Facebook.



Fonte: Perfil de Antoine Leiris no Facebook.

Inserido neste cenário com uma quantidade maciça de informação em trânsito, incluindo alertas oficiais dos bombeiros franceses e rumores infundados sobre novos atentados, o blog *Attentats de Paris* dispensa manchetes dramáticas e imagens sanguinárias, adotando um título

objetivo, “Atentados a Paris”, e, aparentemente, “terceirizando” o tom de revolta, que se restringe a artigos assinados por intelectuais colaboradores do blog e aos comentários que, após mediação da redação, são liberados para constar nos posts. Assim, mesmo constituindo-se como fonte formal e isenta de informação, não se abstém de incitar sentimentos e provocar a Justiça.

Cruzando a Tabela de Nord (2005), que sistematiza os fatores intra e extratextuais que operam como variáveis no processo tradutório, com o conteúdo efetivamente disponibilizado pelo blog <http://attentats-paris.lefigaro.fr/>, percebe-se um trabalho confiável e consistente, norteado pelas demandas do leitor e detentor das principais características de um blog, como interação, opinião e sobrevida das mensagens, por meio da interface com as redes sociais. Na sequência, o preenchimento da Tabela de Nord aponta fatores com potencial influência sobre a redação e a equipe responsável por desenvolver, de forma instantânea, e alimentar, de forma permanente, o blog *Attentats de Paris*.

TABELA DE NORD PARA FATORES EXTRATEXTUAIS:

Emissor:

Jornalistas e articulistas do jornal Le Figaro; com vídeos do canal de notícias iTele (com atualização 24 X 7 pelo www.itele.fr)

Intenção do emissor:

Centralizar em uma URL específica as informações acerca do massacre em Paris, em novembro de 2015; constituir-se como fonte confiável de informação para leitores em todo o mundo.

Receptor:

Leitores em situação de risco em Paris, leitores na França, nos países de língua francesa e, de forma mais abrangente, todos os interessados em se atualizar acerca do massacre via web.

Meio:

Digital online: Blog criado pelo jornal Le Figaro para manter os leitores atualizados permanentemente considerando que a versão impressa do jornal só permite atualizações na edição seguinte, 24 horas depois, e que a edição do Le Figaro online compreende um rol de pautas não-relacionadas ao massacre ou exclusivas para assinantes. Além da agilidade, o gênero textual Blog é fortemente marcado pela

convergência e pela interação, entre outras características do meio digital online.

Lugar:

Paris, com correspondentes.

Tempo:

Início imediato após os atentados, em 13 de novembro de 2015. Com publicações eventuais um ano depois.

Propósito:

Informar a população ameaçada, facilitar a compreensão do massacre, conter danos e promover a Justiça.

Função textual:

Referencial. Matérias trazem, prioritariamente, informações objetivas acerca das vítimas, dos autores, medidas de segurança para a população em geral e repercussão mundial do fato, por meio de textos, fotografias, artes e vídeos. À medida que os leitores têm autonomia para se expressar, externando sua emoção, opinião, revolta e insegurança, o blog adquire uma função Conotativa, permitindo que mesmo os leitores mais distantes traduzam o drama e compreendam a revolta vivenciada pelos franceses. Neste sentido, concomitante à prestação do serviço, no caso o abastecimento de informações confiáveis, ao permitir que os leitores e os articulistas externem a real dramaticidade do evento, o veículo ultrapassa o compromisso de informar, formando a opinião de seus leitores.

TABELA DE NORD PARA FATORES INTRATEXTUAIS:

Tema:

Terrorismo mundial, que neste caso faz 130 mortes e mais de 350 feridos em uma única noite, no ataque que configura a pior onda de violência vivenciada em Paris desde a 2ª Guerra Mundial.

Conteúdo:

Completa cobertura dos atentados em Paris de 13 de novembro de 2015, tratados pela mídia como “carnificina em Paris”, com destaque para o trauma da população, as reações políticas locais e mundiais e a opinião de especialistas. Conteúdos disponibilizados em forma de vídeos, vídeos, vídeos, fotos, ilustrações, reportagens objetivas e artigos de

opinião, somando ao *feedback* dos leitores, convergem no blog, compondo um panorama do massacre.

Pressuposições:

Interesse generalizado pelo assunto, pelo risco de a onda de terrorismo ultrapassar as fronteiras da França; sensibilidade do público à gravidade dos atentados, considerado o pior do gênero no país.

Estruturação:

Posts publicados de forma contínua e independente (com URLs distintas), com o percurso da leitura induzido por meio de índices e hiperlinks.

Elementos não-verbais:

Ícones para compartilhamento nas redes sociais, fotografias, vídeos, videoclipes, ilustrações, box com fundo preto à direita para centralizar informações sobre os terroristas, etc.

Léxico:

Nas reportagens impera a linguagem jornalística, objetiva, porém denotando a emoção dos autores pela utilização reiterada de termos como herói e horror. Nos artigos, a comoção e inquietação dos autores é ainda mais evidente.

Sintaxe:

À medida que os posts se tornam mais frequentes, e que o assunto passa a ser de domínio público, as notícias perdem a característica inerente à prática jornalística – de situar a informação como se o leitor desconhecesse o contexto – para transparecer uma abordagem menos formal. Além das frases em ordem direta, que facilitam a compreensão, a sintaxe simplificada também se manifesta por meio de entrevistas curtas (ping-pong com fontes extra-oficiais) e críticas sumárias expressas inclusive por exclamações na pontuação do título.

Elementos supra-segmentais:

Ainda que o tom dos textos da própria redação do Le Figaro seja objetivo, as contribuições de colaboradores, por meio de artigos opinativos, e a reação dos leitores, por meio de comentários em cada post, traduzem o espírito de comoção mundial. Compensando a ausência de gestos que caracteriza uma conversa presencial, a conversa desencadeada nos comentários permitidos abaixo dos posts da redação

ganha entonação por meio de uma série de sinais, pontuações exageradas e letras em caixa alta. Como exemplo, pode-se citar três comentários de 4 de julho de 2016: de Chrifus, “Pourquoi on nous montre une autre personne???”; de Cricri42, “Et l’autre qui est en prison pour avoir tué et estropié ces malheureux A UNE SALLE DE SPORT pour lui tout seul!!! Un SCANDALE D’ETAT!!”, e de Marcos Testos, “Scandaleux !!!⁴⁸”

Compondo um panorama digital do massacre, o blog contempla o leitor mais desavisado, que encontra em índices e hiperlinks recursos suficientes para compreender a evolução dos fatos de forma cronológica, e também o leitor mais esclarecido, sempre ávido por aprofundamentos. No artigo “Mulheres dos djihadistas, eternas ingênuas ou cúmplices?” (Figura 40), uma articulista do caderno Madame, centrada em questões de gênero, explora o terrorismo sob este ângulo, da participação feminina.

Figura 40 – Artigo de opinião com o título “Mulheres dos djihadistas, eternas ingênuas ou cúmplices?”



Fonte: Blog Attentats de Paris do Le Figaro online

Pressupondo um estado de agitação e a conseqüente falta de disponibilidade para longas leituras do público mais próximo aos atentados, o blog facilita a compreensão através de artes e vídeos convergindo em um post de texto. Ao contextualizar o massacre com episódios relacionados e prospectar repercussões futuras, permite que o leitor não apenas se informe (contemplando sua função Referencial),

48 Comentários extraídos do blog Attentats de Paris no post de 4 de julho de 2016. Extraído do link <http://www.lefigaro.fr/actualite-france/2016/07/04/01016-20160704ARTFIG00141-djamel-victime-du-13-novembre-entame-une- greve-de-la-faim.php>? Acesso em 23 de abril de 2017.

mas também forme uma opinião consistente a respeito (suscitando, paralelamente, uma função Emotiva).

Afunilando o conteúdo para um post escolhido mediante o critério de feed back, com 2.662 compartilhamentos e 346 comentários, percebe-se o quanto a mesma reportagem imparcial, publicada um ano após os atentados sob o título “Sting no Bataclan: Nós devemos celebrar a vida e a música” (Figura 41), suscita no blog uma leitura completamente distinta daquela que viabilizaria em jornal impresso. Isto porque a alteração de um único item da Tabela de Nord – Fatores Extratextuais / Meio – proporciona a um leitor ingênuo, sem opinião formada, não apenas os fatos, mas 346 opiniões (ora antagônicas ora consensuais) sobre a decisão de homenagear as vítimas com um show de Sting em plena reabertura da casa de espetáculos.

Figura 41 - Resumo do conteúdo reproduzido no Anexo 2⁴⁹.



Fonte: Blog Attentats de Paris do Le Figaro online.

Ainda que o texto detalhado no Anexo 2, pelo notório vínculo com um tradicional veículo de comunicação, cumpra o papel objetivo e imparcial de um relato jornalístico, a característica do meio em que a notícia circula – um blog interativo – complementa a informação com abordagens críticas, ora amenas ora agressivas, possibilitando ao longo de 346 comentários, muitos assinados pelos mesmos leitores com reiterada participação, uma “leitura paralela” do evento.

Enquanto o texto, mesmo abordando um episódio emblemático, informa com economia de adjetivos como o cantor Sting iniciou o show,

49 Extraído do blog Attentats de Paris. Disponível em <http://www.lefigaro.fr/musique/2016/11/08/03006-20161108ARTFIG00199-le-concert-de-sting-au-bataclan-complet-en-moins-d-une-heure.php> Acesso em 3 de dezembro de 2016.

como se deu a venda de ingressos, a reação da plateia, a sequência das músicas e o boicote à entrada dos membros da banda Eagles of Death Metal – disponibilizando por meio de três hiperlinks a contextualização diacrônica dos fatos -, a característica democrática do blog, com livre participação do público-leitor, desempenha um papel inverso, desencadeando um “fórum” com debates calorosos.

Além de ilustrar a influência do Meio sobre a recepção do texto, o exemplo corrobora como outro Fator Extratextual, o Propósito, no caso, altera a forma como o leitor em hipermídia adquire a informação. Ao liberar a ferramenta que permite a inclusão de comentários e a visualização de todos os comentários anteriores em um dado post, o veículo fortalece seu papel de mediador, estabelecendo conexões pontuais sobre o assunto e gerando um mosaico polifônico, com opiniões diferentes, independentes, mas igualmente importantes para a livre interpretação de um fato histórico.

Para Nord (2016), “a dimensão do motivo não se aplica apenas à razão pela qual um texto foi produzido, mas também à ocasião para a qual ele foi produzido.” (NORD, 2016, p 126). Em uma situação de comoção nacional, no caso a reabertura da casa de shows Bataclan na presença de familiares das vítimas de 13 de novembro, a cobertura online em tempo real, ainda que priorize dados objetivos, permite que o jornal *Le Figaro* informe e envolva um público autorizado a questionar, ampliar o debate e contribuir, colaborando para que cada leitor futuro traduza o fato, de fato, pela possibilidade de explorar o ocorrido sob as mais distintas perspectivas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Superada a fase do *shovelware*, quando as notícias da mídia impressa eram meramente reproduzidas no meio digital, induzindo uma leitura passiva e previsível, os conteúdos passaram a ser formatados segundo a essência do ambiente em que irão circular. Tirando proveito de uma série de atributos tecnológicos, o Jornalismo na web adquire novas características, como hipertextualidade (com hiperlinks destituindo o modelo linear de leitura), a multimídia (com distintos formatos convergindo na mesma página), a interatividade (com fluxos horizontais de produção, edição e circulação), a instantaneidade (com atualização permanente e coberturas em tempo real), a ubiquidade (com a distribuição e a circulação das notícias ocorrendo simultaneamente à cobertura), a memória (pela capacidade inesgotável de armazenar e ampliar conteúdos) e a personalização (com o usuário consumindo a notícia no formato que corresponde ao seu interesse).

À medida em que navega livremente, acessando vídeos, fotos, ilustrações, áudios e textos disponibilizados através de diversas plataformas, no computador, tablet ou celular, o leitor desfruta de uma autonomia inédita, não apenas para eleger o formato que melhor corresponde ao seu perfil, mas também o momento em que prefere consumir tal informação e a contribuição que dará à mesma, relevando, curtindo, opinando ou compartilhando os conteúdos.

Ainda que se expresse de forma espontânea, sem a consciência de que suas reações influenciam os algoritmos de circulação da notícia e a “leitura” que os demais farão da mesma, na concepção Funcionalista de Nord contribuições como afetam todo o ato comunicativo à medida que alteram a função do texto, já que “cada texto tem o seu lugar em uma configuração de elementos (= fatores) particulares e interdependentes, cuja constelação determina sua função. Se apenas um elemento é alterado, a posição dos outros elementos dentro da configuração será inevitavelmente alterada também.” (NORD, 2016 p 55)

A premissa é pontualmente ilustrada no Estudo de Caso desta pesquisa, que simula como, a partir de um mesmo endereço de partida, a capa do blog *Attentats de Paris*, dois leitores podem percorrer caminhos totalmente distintos, configurando-se cada qual o autor de um percurso único de leitura em hipermídia. Assim como eleger diferentes links para satisfazer a especificidade do seu interesse, este leitor ativo e interativo também influencia as escolhas e a compreensão dos leitores futuros. Sempre que se manifestar via blogs ou redes sociais, o registro de sua

opinião altera a ordem inicial dos elementos, impactando a função do texto e o resultado do ato comunicativo.

Em traduções interlinguais e em coberturas com abrangência internacional, alterar a função de um texto é uma prática consciente e até mesmo recorrente, a partir do reconhecimento “de que o texto meta pode ser dirigido a um público diferente do que fora intencionado pelo autor.” (ZIPSER; POLCHLOPEK, 2008, p 60) Ao considerar o perfil do seu público e a realidade geográfica, política e cultural em que está inserido, o jornalista não só exerce seu propósito, de informar, como também fortalece a interface Tradução / Jornalismo. Isto porque, ao “traduzir” a notícia, aproximando os fatos da realidade do seu leitor, o formador de opinião influencia diretamente a apreensão do conteúdo, proporcionando uma interpretação mais adequada e efetiva.

Objetivo específico desta pesquisa, a averiguação das particularidades da interface Jornalismo-Tradução em meio digital online é contemplada nos exemplos de comentários postados no blog (corpus da pesquisa) que reiteram a autonomia do leitor e ratificam o novo papel do profissional da imprensa. Apesar de todo o esforço para customizar a notícia para seu público, contextualizar os fatos de forma sincrônica e diacrônica, municiar o leitor com informações e formatos adicionais, disponíveis por meio de hiperlinks, sugeridos por menus de “notícias relacionadas” e nos espaços pré-reservados para o *feedback*, o jornalista em meio digital online precisou adaptar seu status. Em vez de detentor soberano da informação é agora mediador, consultor ou mesmo líder remoto de um fórum, responsável por validar os conteúdos em trânsito e incitar a permanente interação entre os leitores.

Como exemplos de notícias com ampla e visível resposta do público, extraídos do blog desenvolvido pelo jornal Le Figaro para centralizar as informações acerca dos atentados terroristas que fizeram 130 mortes em uma única noite, esta pesquisa apresenta um post de Benjamin Cazenoves no Facebook (compartilhado mais de 20 mil vezes desde que publicado de dentro do Bataclan), o apelo de uma vítima da casa de espetáculos por uma cadeira de rodas (com post compartilhado mais de 6 mil vezes nas redes sociais), o desabafo de um jornalista que perdeu a esposa no Bataclan, (compartilhado mais de 232 mil vezes), e a cobertura da reinauguração da casa de espetáculos (que gerou 346 comentários controversos em um único post do blog *Attentats de Paris*).

A larga participação do público, seja de forma consciente ou automatizada, crítica ou leviana, ilustra outro objetivo específico desta pesquisa: analisar se nesta dinâmica, onde detém um volume de recursos sem precedentes para buscar a informação mais condizente com a sua

faixa etária, alcance intelectual e a comunidade em que está inserido, o leitor ultrapassa sua condição primária, de quem traduz para si, assumindo um papel ampliado. Como mostra o Estudo de Caso envolvendo simulações de navegação no blog *Attentats de Paris*, diferentes leitores, mesmo ao eleger a mesma fonte para investigar um mesmo tema, podem percorrer caminhos que jamais se cruzam.

No momento em que descarta um link e elege outro, o leitor corrompe a sequência idealizada pelo autor, configurando-se, ele próprio, autor de outra versão, no caso, a mais próxima do seu alcance e compreensão. Ao migrar de link em link, atingindo ainda que de forma inconsciente a ambição *lato sensu* da tradução, de concretizar pensamentos e construir sentidos, o leitor adquire um viés tradutor, movido por seu particular propósito de entender os fatos. Se além da livre navegação, deixar seu rastro em meio digital, ele então corrobora com a hipótese desta pesquisa, de que pontualmente, também colabora com a tradução dos demais.

Ao usufruir de uma particularidade do meio blog, a efetiva interação, para se pronunciar, o leitor em hipermídia se apropria de uma série de atributos tradicionalmente exercidos pelo tradutor de idiomas e pelo jornalista/tradutor dos fatos: cabe a ele definir o propósito daquele esforço, tomar decisões, participar do diálogo, delimitar fato e ficção no esforço de construir sentidos, confrontar opiniões de leigos e especialistas, estabelecer relações mediadas pela linguagem e assumir-se protagonista do processo.

Como um espelho, na leitura em hipermídia o reflexo de cada atitude se dá exclusivamente naquela tela. No tortuoso caminho rumo à aquisição da notícia, cada escolha compõe um texto único, intuitivo, multifacetado e muito mais próximo da compreensão de quem se dispõe a cruzar as fronteiras da web, migrando de página em página na tentativa de traduzir o fato, de fato. Ato contínuo, a cada escolha efetivada, reação externada e informação reutilizada, este navegador desencadeia um novo processo, com novas variáveis, ultrapassando os limites da leitura e constituindo-se um tradutor-colaborador.

Examinar o viés tradutor do leitor em hipermídia, apresentando o leitor interativo como um colaborador na tradução que seu círculo de contatos fará do fato em questão, constitui a contribuição desta pesquisa à interface Tradução-Jornalismo. Resumido em artigo publicado na revista Estudos de Jornalismo, da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (2016), o conceito desta dissertação induz abordagens ainda mais profundas que envolvam o aspecto pouco explorado da tradução *lato sensu* em âmbito intralingual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Juliana. **Receitas culinárias alemãs e austríacas no foco da tradução cultural**: uma análise funcionalista. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. Disponível em: <http://www.pget.ufsc.br/curso/teses_e_dissertacoes.php> Acesso em: 3 de junho de 2017.

AIO, Michelle de Abreu. **O caso AF447**: o jornalista como tradutor de fatos nas culturas brasileira e portuguesa. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, 2012. Disponível em: <http://www.pget.ufsc.br/curso/teses_e_dissertacoes.php> Acesso em: 3 de junho de 2017.

AROSO, Inês Mendes Moreira. **As redes sociais como ferramentas de jornalismo participativo nos meios de comunicação regionais: um estudo de caso** (artigo in Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação, BOCC, Universidade da Beira Interior, PT, 2013). Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/aroso-ines-2013-redes-sociais-ferramenta-jornalismo.pdf>> Acesso em: 2 de janeiro de 2016.

_____. **A internet e o novo papel do jornalista** (artigo in Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação, BOCC, Universidade da Beira Interior, PT, 2003). Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/aroso-ines-internet-jornalista.pdf> Acesso em: 2 de janeiro de 2016.

AROSO, Inês; CORREIA, Frederico. **A internet e os novos papéis do jornalista e do cidadão**, artigo in Revista Eletrônica Temática Insite, 2007. Disponível em: <<http://www.insite.pro.br/2007/35.pdf>> Acesso em: 2 de janeiro de 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 5. ed. São Paulo: Wmf Martins Fortes, 2010. Tradução de: Paulo Bezerra.

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais** (in CANAVILHAS, João (Org.) Notícias e Mobilidade: O Jornalismo na Era dos Dispositivos Móveis, Labcom UBI PT, 2013). Disponível em:

<<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4185374>> Acesso em: 23 de março de 2016.

_____. **Modelo JDBD e o ciberjornalismo de quarta geração.**

(2008). Disponível em:

<http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2008_Barbosa_RedUCMx.pdf>.

Acesso em: 18 de abril de 2016.

BARDOEL, Jo; DEUZE, Mark. **Network journalism: converging competences of old and new media professionals.** University of Amsterdam, 2001. Disponível em:

<<https://scholarworks.iu.edu/dspace/bitstream/handle/2022/3201/BardoeIDeuze+NetworkJournalism+2001.pdf?sequence=1>>. Acesso em 4 de dezembro de 2016.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo.**

7. ed. Rio de Janeiro: Letras/PGET, 2007. Tradução de: Marie-Helene Torres, Mauri Furlan e Andrea Guerini.

CANAVILHAS, João. **O novo ecossistema mediático** (artigo in Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação, BOCC, Universidade da Beira Interior, PT, 2010). Disponível em:

<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-o-novo-ecossistema-mediatico.pdf>> Acesso em: 8 de fevereiro 2016.

_____. **Cinco Ws e um H para o jornalismo na web** (artigo in

Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação, BOCC, Universidade da Beira Interior, PT, 2008) Disponível em

<<http://revistas.ua.pt/index.php/prismaacom/article/viewFile/678/pdf>>.

Acesso em 4 de dezembro de 2016.

COSTA, Cynthia Beatrice, **Dom Casmurro em inglês: tradução e recepção de um clássico brasileiro**, tese, (Doutorado em Estudos da Tradução) – Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

EVEN-ZOHAR, Itamar. **The position of translated literature within the literary polysystem.** Polysystem Studies, Poetics Today, 1990.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital.** São Paulo: Contexto, 2006.

FERREIRA, Fabíola Teixeira. **A representação cultural do foto noticioso: a tradução e suas refrações**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, 2012. Disponível em: <http://www.pget.ufsc.br/curso/teses_e_dissertacoes.php> Acesso em: 3 de junho de 2017.

FIDALGO, Antonio. **Especificidade epistemológica do jornalismo, desfazendo uma ilusão do jornalismo cidadão** (artigo in Labcom UBI PT, 2009). Disponível em: <http://labcom-ifp.ubi.pt/publicacoes/201104301414-antonio_fidalgo_especificidade_epistemologica_jornalismo.pdf>. Acesso em: 8 de fevereiro de 2016.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **Leitura e escrita de adolescente na internet e na escola**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

GILLMOR, Dan. **We the media: Grassroots Journalism by the people, for the people**. O'Reilly, 2004. Disponível em <<http://www.authorama.com/we-the-media-13.html>>. Acesso em: 8 de fevereiro de 2016.

HESSMANN, Gabriela. **Tradução jornalística: alusões na tradução como fator cultural no texto telejornalístico**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. Disponível em: <http://www.pget.ufsc.br/curso/teses_e_dissertacoes.php> Acesso em: 3 de junho de 2017.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2010. Tradução de: Izidoro Blikstein e José Paulo Paes.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008. Tradução de Susana Alexandria.

JENSEN, Klaus Bruhn. **Teoria e filosofia da comunicação** (artigo in Matrizes ECA USP, v. 2, n.1, 2008. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/193/327>> Acesso em: 23 de março de 2016.

JERÓNIMO, Pedro. **Jornalismo o(ff)online**. Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal [s. d.].

LEÃO, Lúcia. **O Labirinto da hipermídia - arquitetura e navegação no ciberespaço**. São Paulo: Iluminuras, 1999.

LEMOS, André. **Espaço, mídia locativa e teoria ator-rede** (artigo in Galaxia - revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, n. 25, p. 52-65, 2013). Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/13635>> Acesso em: 23 de março de 2016.

LEVÝ, Jiri. **The art of translation**. Benjamins Translation Library, 2011. Tradução para inglês de: Patrick Corness.

LOPEZ, Debora Cristina; DITTRICH, Ivo José. **A palavra como signo ideológico no discurso jornalístico** (artigo in Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação, BOCC, Universidade da Beira Interior, PT, [s.d.]). Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/lopez-debora-ivo-palavra-signo-ideologico.pdf>> Acesso em: 23 de março de 2016.

MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas** (trabalho apresentado no GT de Jornalismo da Associação latino-americana de pesquisadores em Comunicação, em Santa Cruz de la Sierra, 2002). Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_goncalves_ciberespacofonte.pdf> Acesso em: 23 de março de 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Angela Paiva Dionisio, Anna Rachel Machado, Maria Auxiliadora Bezerra (Org.). **Gêneros Textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARTINS, Márcia do Amaral. **As contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti para a teoria da tradução**. Rio de Janeiro: Cadernos de Letras, UFRJ, 2010.

MAZUTTI, Sandra. **Marcas culturais em interface: os caminhos de aproximação entre tradução e jornalismo**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Pós-Graduação em Estudos da Tradução,

Universidade Federal de Santa Catarina, 2011. Disponível em: <http://www.pget.ufsc.br/curso/teses_e_dissertacoes.php> Acesso em: 3 de junho de 2017.

MIELNICZUK, Luciana. **Características e implicações do jornalismo na web**. Salvador: Ufba, 2001. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2001_mielniczuk_caracteristicasimpliacoes.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2017.

MUNDAY, Jeremy. **Introducing translation studies: theories and applications**. 2. ed. London: Routledge, 2008.

NEVES, Nasson Paulo Sales. **Comunicação mediada por interface: a importância criativa e social do design de interface**. Maceió: EDUFAL, 2006.

NIDA, Eugene. **Toward a science of translating: with special reference to principles and procedures involved in Bible translating**. Leiden: Brill Archive, 1964.

NORD, Christiane. **Text analysis in translation: theory, methodology, and didactic application of a model for translation-oriented text analysis**. 2. ed. New York: Rodopi, 2005.

_____. **Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática**. ZIPSER, Meta Elisabeth (Org.). São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016. Tradução de: Christiane Nord, Hutan do Céu Almeida, Juliana de Abreu, Meta Elisabeth Zipser, Michelle de Abreu Aio, Silvana Ayub Polchlopek.

POLCHLOPEK, Silvana Ayub. **O mundo pós “11 de setembro” em títulos: tecendo fios/textos entre a tradução e a narrativa jornalística**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, 2011. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/95944/293593.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 3 de setembro de 2016.

PRIMO, Alex. **O que há de social nas mídias sociais?** reflexões a partir da teoria ator-rede (artigo in Revista de Comunicação e Cultura Contemporânea, v. 10, n. 3, PosCom/UFBA, 2012). Disponível em:

<<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/6800>> Acesso em: 23 de março de 2016.

_____. **Cartografia do ensino de jornalismo digital no Brasil em 2012: um mapa de conquistas e desafios** in *Jornalismo contemporâneo: figuras, impasses e perspectivas*. Salvador: editora UFBA, 2011.

RECUERO, Raquel. **A conversão em rede, comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet**. Porto Alegre: ed. Sulina, 2012.

_____. **Deu no twitter, alguém confirma?** Anais do 9º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, SBPJor, 2011. Disponível em <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/sbpjorrecuero.pdf>> Acesso em: 3 de janeiro de 2016.

_____. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: ed. Sulina, 2009a.

_____. **Cascatas de informação, redes sociais e o Twitter**. (artigo in *Portal Social Media*, 2009b). Disponível em <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/cascatas_de_informacao_rede_s_sociais_e_o_twitter.html> Acesso em: 3 de janeiro de 2016.

_____. **Comunidades em redes sociais na internet: proposta de tipologia baseada no Fotolog.com**. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

RODRIGUES, Catarina. **Novas fronteiras do jornalismo: comunicação individual na era global** (artigo in: *Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação, BOCC, Universidade da Beira Interior, PT*, 2008. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/catarina-rodrigues-novas-fronteiras-do-jornalismo.pdf>> Acesso em: 2 de janeiro de 2016.

_____. (2010), **Redes sociais: novas regras para a prática jornalística?** (artigo in *Prisma.com - Especial Ciberjornalismo*, n.o 12 2010 (pp: 1-13). Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/prisma.com/article/view/757>>. Acesso em: 24 mar. 2017.

ROLÓN, Verónica Rosarito Ramirez Parquet. **O cenário cultural na tradução de um fato noticioso:** uma ponte entre o espanhol e o guarani. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. Disponível em:

<http://www.pget.ufsc.br/curso/teses_e_dissertacoes.php> Acesso em: 3 de junho de 2017.

SALAVERRÍA, Ramón. **La convergencia tecnológica en los medios de comunicación:** retos para el periodismo, 2008.

Disponível em:

<<http://www.raco.cat/index.php/tripodos/article/viewFile/118910/154114>>. Acesso em 4 de dezembro de 2016.

SHIRKY, Clay. **Lá vem todo mundo:** o poder de organizar sem organizações. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2012. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges

SOUSA, Maíra de Cássia Evangelista. **A dinâmica da notícia nas redes sociais na internet.** Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/122790>> Acesso em: 2 de janeiro de 2016.

STEINER, George. **Depois de Babel:** questões de linguagem e tradução. 3. ed. Curitiba: UFPR, 2005.

SONTAG, Susan. **Questão de ênfase.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005. Tradução de Rubens Figueiredo.

TOURY, Gideon. **A rationale for descriptive translation studies.** In: HERMANS, Theo. The manipulation of literature: studies in literary translation. Kent: Croom Helm, 1985.

TRAQUINA, Nelson (Org). **Jornalismo:** questões, teorias e “estórias”. 2. ed. Lisboa: Veja, 1999. Tradução de: Luís Manuel Dionísio.

URETA, Ainara Larrondo. **La metamorfosis del reportaje en el ciberperiodismo: concepto y caracterización de un nuevo modelo narrativo.** Disponível em

<http://www.unav.es/fcom/comunicacionysociedad/es/articulo.php?art_id=317>. Acesso em: 15 nov 2016.

VENUTI, Lawrence. **The translation studies reader**. 3. ed. Londres: Routledge, 2000.

VERMEER, Hans; REISS, Katharina. **Towards a general theory of translational action: skopos theory explained**. Manchester: St. Jerome Publishing, 2013.

ZAMITH, Fernando. **Contextualização no ciberjornalismo**. Tese (Doutorado em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2011. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/57280/2/zamith000148443.pdf>>. Acesso em: 12 de setembro de 2016.

ZIPSER, Meta. **Do fato à reportagem: as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural**. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Alemã) - Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2002.

ZIPSER, Meta; POLCHLOPEK, Silvana. **Do fato à reportagem: o ambiente da tradução jornalística**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

_____. **Introdução aos Estudos da Tradução**. Cartilha do Departamento de Língua e Literatura Estrangeira, Centro de Comunicação e Expressão. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS (Jornalismo)

AGÊNCIA AFP. Disponível em: <<http://blogs.afp.com/makingof/?post/attentats-paris-reseaux-sociaux-le-vrai-l-a-moitie-vrai-et-le-completement-faux>>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO VIA UOL. Disponível em: <

francesa-registra-tiroteio-e-explosao-em-paris.shtml>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO VIA UOL. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/11/1709253-pressao-por-maior-cobertura-de-midia-de-paris-vem-do-publico.shtml?cmpid=topicos>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2016.

HUFFINGTON POST. Disponível em: http://www.huffingtonpost.com/entry/new-york-times-overhaul_us_56ae5e36e4b00b033aaf88d5?zdaq0k9=>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2016.

NIEMAN FOUNDATION BY HARVARD. Disponível em: <http://www.niemanlab.org/2015/12/reporters-from-digitalniche-outlets-are-replacing-daily-newspaper-reporters-in-washington-d-c-pew/>>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2016.

PEW RESEARCH CENTER. Disponível em: <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2016/01/07/in-21-states-local-newspapers-lack-a-dedicated-reporter-keeping-tabs-on-congress/>>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2016.

_____. Disponível em: <http://www.journalism.org/2015/07/14/the-evolving-role-of-news-on-twitter-and-facebook/>>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2016.

PORTAL PROXIMA. Disponível em: <http://www.proxima.com.br/home/social/2016/01/06/Twitter-esta-perto-de-permitir-textao.html>>. Acesso em: 7 de janeiro de 2016.

_____. Disponível em: <http://www.proxima.com.br/home/mobile/2015/12/18/Internet---meio-mais-indispens-vel-na-vida-do-brasileiro.html>>. Acesso em: 7 de janeiro de 2016.

_____. Disponível em: <http://www.proxima.com.br/home/social/2015/12/17/Cinco-tendencias-de-social-para-2016.html>>. Acesso em: 7 de janeiro de 2016.

_____. Disponível em:

<<http://www.proxima.com.br/home/conectados/2015/12/18/7-tendencias-em-tecnologia-e-marketing-para-2016.html>>. Acesso em: 7 de janeiro de 2016.

PORTAL LE FIGARO. Disponível em: <<http://attentats-paris.lefigaro.fr/>>. Acessos de novembro de 2015 a novembro de 2016.

PORTAL DO DAILY MAIL. Disponível em:

<<http://www.dailymail.co.uk/sciencetech/article-3318085/Are-friends-safe-Facebook-rolls-Safety-Check-wake-Paris-attacks-Twitter-users-offer-shelter-affected.html>>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2016.

PORTAL DA REVISTA DER SPIEGEL. Disponível em:

<<http://www.spiegel.de/politik/ausland/frankreich-explosion-schuesse-geiselnahme-in-paris-a-1062785.html>>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2016.

PORTAL DO JORNAL THE GUARDIAN. Disponível em:

<<http://www.theguardian.com/world/2015/nov/14/paris-terror-attacks-world-leaders-condemn-the-work-of-the-devil>>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2016.

PORTAL DA NBC NEWS. Disponível em:

<<http://www.nbcnews.com/storyline/paris-terror-attacks/world-leaders-express-shock-paris-attacks-n463286>>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2016.

PORTAL DO JORNAL CORRIERE DELLA SERA. Disponível em:

<http://www.corriere.it/esteri/15_novembre_13/attentati-parigi-hollande-stato-d-emergenza-frontiere-chiuse-9542e168-8a58-11e5-8726-be49d6f99914.shtml>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2016.

PORTAL DO JORNAL LE MONDE. Disponível em:

<http://www.lemonde.fr/societe/article/2015/11/14/apres-les-attaques-a-paris-des-manifestations-de-solidarite-a-travers-la-planete_4809538_3224.html>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2016.

PORTAL DE NOTÍCIAS DA REDE GLOBO / G1. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/11/tiroteios-em-paris->

autoridades-lamentam-ataques-leia.html>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2016.

PORTAL DA AGÊNCIA DE NOTÍCIAS REUTERS / VERSÃO EUA. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/france-shooting-world-idUSKCN0T303M20151114#7IpW3rxYeWFIMrLV.97>>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2016.

PORTAL DA AGÊNCIA DE NOTÍCIAS REUTERS / VERSÃO UK. Disponível em: <<http://uk.reuters.com/article/2015/11/14/france-shooting-world-idUKKCN0T303M20151114>>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2016.

PORTAL DA AGÊNCIA DE NOTÍCIAS AFP. Disponível em: <<http://www.msn.com/en-us/news/world/obama-leads-chorus-of-world-outrage-over-paris-attacks/ar-BBmZFWn..>>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2016.

PORTAL DO JORNAL LA SEXTA, COM CONTEÚDO DA AGÊNCIA EFE. Disponível em: <http://www.lasexta.com/noticias/mundo/merkel-profundamente-conmocionada-atentados-paris_2015111400010.html>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2016.

PORTAL DO JORNAL EL UNIVERSAL, COM CONTEÚDO DA AGÊNCIA EFE. Disponível em: <<http://www.eluniversal.com/internacional/151113/merkel-profundamente-conmocionada-por-atentados-en-paris>>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2016.

SCIENCE TIMES. Disponível em: <<http://www.sciencetimes.com/articles/7694/20151115/public-s-diverse-reaction-twiters-new-favorite-button.htm>>. Acesso em: 7 de janeiro de 2016.

SOCIALNOMICS. Disponível em: <<http://www.socialnomics.net/2016/02/18/8-ways-facebook-marketing-will-change-in-2016/>>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2016.

APÊNDICE A – PRIMEIRA SIMULAÇÃO DE LEITURA

CONTEÚDO DE CAPA DO BLDG CRIADO PELO JORNAL LE FIGARO PARA COBERTURA DOS ATENTADOS EM PARIS. URL INICIAL: <http://attentats-paris.lefigaro.fr/> Acesso em 29 de março de 2016.

SIMULAÇÃO 1. CLIC INICIAL

ATTENTATS DE PARIS

#ATTENTATS DE BUCHAREST 2016

Les passages forts de l'hommage de François Hollande aux victimes

Attentats de Paris: une statue en mémoire des victimes
L'association d'artistes parisiens veut immortaliser la réaction d'émotion devant les attentats par une œuvre en mémoire des victimes des attentats terroristes de 11 novembre. Une statue à Paris, un projet artistique en cours de réalisation.

Aux Invalides, La Marseillaise pour les morts et les vivants
Deux semaines après les attentats qui ont fait 130 morts et plus de 350 blessés, plus de 200 personnes se sont réunies dans la cour des Invalides, à Paris, lors d'une cérémonie d'hommage.

09/03/16



Minute par minute, le récit de la nuit du 13 novembre sur les réseaux sociaux

FOCUS - La nuit des attentats, les réseaux sociaux ont accompagné les Français durant des heures pour s'informer, s'organiser, témoigner et se rassurer. Retour sur une nuit de mobilisation exceptionnelle, minute par minute.

👍 (34) 🗨️ (74)



Les membres d'Eagles of Death Metal racontent leur soirée d'horreur au Bataclan

Dans une interview en novembre, les membres du groupe affirmant vouloir être les premiers à revenir jouer dans la salle parisienne quand elle rouvrira ses portes. En attendant, ils seront sur la scène de l'Olympia mardi 16 février.

👍 (18) 🗨️ (336)



Sept heures d'assaut et 5000 munitions: le récit d'une opération d'une violence rare

VIDEO - Plus de 110 policiers d'élite ont tué mercredi matin au moins deux terroristes dans un appartement «conspiratif». Le commanditaire présumé des attaques de vendredi dernier pourrait figurer parmi les membres du groupe islamiste.

👍 (251) 🗨️ (673)

L'ex-avocat du «logeur» des terroristes de Paris inquiété

INFO LE FIGARO - Me Sergolago, l'ex-conseil de Jawad Benaoud, fait l'objet d'une procédure disciplinaire de la part de l'ordre des avocats. Pour visiter son ex-client en prison, il a utilisé des faux. Il avait déjà été suspendu trois ans pour une autre affaire.

👍 (1) 🗨️ (41)



Depuis les attentats de Bruxelles, Salah Abdeslam ne parle plus

VIDEO - Samedi, au lendemain de son arrestation, il a fait d'Abdelhamid Abaaoud le principal responsable des attaques du 13 novembre 2015. Cette audition, qui a eu lieu avant les attaques de Bruxelles, n'a duré que deux heures. Depuis mardi, il ne coopère plus avec les enquêteurs.

👍 (180) 🗨️ (225)



Attentats de Paris : quatre hommes recherchés

Najim Laachraoui, alias Soufiane Kayal, est recherché car soupçonné d'être l'officier des attentats du 13 novembre ou d'avoir été coordinateur depuis la Belgique. Mohamed Abrini aurait quant à lui véhiculé à plusieurs reprises des terroristes impliqués dans les attentats. Enfin les frères El Bakraoui seraient recherchés depuis mardi dernier, c'est l'un d'eux qui aurait tout l'appartement perquisitionné à Paris, ainsi qu'une autre planque à Châtenay.

Bruxelles-Paris: une même équipe

VIDEO - Les kamikazes de Bruxelles étaient en lien avec Salah Abdeslam. Par ailleurs, le chauffeur de taxi qui a conduit les trois terroristes à l'aéroport a permis la découverte de 15 kg d'explosif.

👤 (102) 🗨️ (804)



Bruxelles-Paris: une même équipe

VIDEO/INFOGRAPHIE - Les kamikazes de Bruxelles étaient en lien avec Salah Abdeslam. Par ailleurs, le chauffeur de taxi qui a conduit les trois terroristes à l'aéroport a permis la découverte de 15 kg d'explosif.

🗨️ (1)



La France reste prioritaire pour juger Salah Abdeslam

VIDEO - La justice belge doit examiner le 31 mars le recours d'Abdeslam contre sa remise à la justice française, suite au mandat européen émis samedi par le parquet de Paris.

👤 (2) 🗨️ (3)



Les drôles d'«amis» de Jawad Bendaoud, le «logeur de Daech»

VIDEO - C'est dans le squat loué à Jawad Bendaoud que le carreau des attaques islamistes du 13 novembre et sa cuisine seront localisés cinq jours après l'attentat sur les hauteurs qui ont précède l'intervention du Raid lorsque le chemin de ce trafiquant de drogue et de son «associé» Soumah Dialla (cousin des terroristes).

👤 (10) 🗨️ (14)



Exclusivité ITELE: les nouvelles images de l'intervention des forces spéciales à Molenbeek

Ces images, prises sous un angle différent, montrent un homme essayer de prendre la fuite au 79 rue des Quatre-Vents à Molenbeek, avant qu'il soit maîtrisé par les forces spéciales. On voit aussi un autre homme exhiber du furtivement et visiblement blessé au genou. Deux hommes ont été blessés lors de l'intervention des forces spéciales: Salah Abdeslam et Amine Chouki.

🗨️ (0)



18 Français dénombrés sur la liste de 22.000 djihadistes de Sky News

Selon le quotidien allemand Süddeutsche Zeitung et les chaînes de télévision publiques NDR et WDR, Samy Ammour, Fouad Mahamoud Aggad et Omar Mostafai figurent dans la liste de contacts de 22.000 djihadistes obtenue par Sky News et authentifiée.

👤 (1) 🗨️ (9)

Laachraoui, l'artificier des attentats de Paris est mort en kamikaze à l'aéroport de Bruxelles

VIDEO - La terreur a été identifiée par la police comme étant le deuxième kamikaze de l'attentat de l'aéroport de Zaventem, mardi. Il était soupçonné d'être l'artificier des attaques du 13 novembre et de calles de Bruxelles.

👍 (147) 🗨️ (1673)



La traque de plusieurs suspects des attentats du 13 novembre continue

L'identification formelle de plusieurs suspects, encore en liberté et ayant participé à des degrés divers aux attaques kamikazes qui ont frappé Paris, permet d'ajouter quelques pièces au puzzle (pourant) loin d'être terminé, selon les propos du procureur fédéral belge.

👍 (1) 🗨️ (1)



La nébuleuse djihadiste belge

INFOGRAPHIE - Au lendemain de l'arrestation de Salah Abdeslam, unique rescapé des commandos du 13 novembre, le ministre de l'Intérieur belge avait indiqué que la menace terroriste était très élevée dans le pays.

Pierre Vermeren : «La Belgique, foyer djihadiste et plaque tournante de la drogue»

ENTRETIEN - L'interpellation de Salah Abdeslam et les attentats qui ont eu lieu ce mardi à Bruxelles invitent à étudier les liens qui existent en Belgique entre le terrorisme djihadiste et le trafic de drogue en provenance du Maroc, argumente le professeur d'histoire du Maghreb contemporain à l'université Paris-1 Panthéon-Sorbonne.

👍 (95) 🗨️ (329)



Attentats de Paris : ce que les victimes ont dit à François Hollande

À 17h30, le ministre français de la Justice leur a assuré lundi que tout était mis en œuvre pour prévenir la vague d'un suicide de Salah Abdeslam.

👍 (54) 🗨️ (30)



Salah Abdeslam: les enquêteurs espèrent des aveux détaillés

L'interpellation, vendredi, de Salah Abdeslam pourrait lever le voile sur les zones d'ombres du 13 novembre et dévoiler les modes opératoires de Daech.

👍 (4) 🗨️ (5)



18 Français dénombrés sur la liste de 22.000 djihadistes de Sky News

Selon le quotidien allemand Süddeutsche Zeitung et les chaînes de télévision publiques NDR et WDR, Samy Ammour, Foued Mohammed Aggad et Omar Moutari figurent dans la liste de contacts de 22.000 djihadistes obtenue par Sky News et authentifiée.

👍 (1) 🗨️ (9)



Un ancien soldat français arrêté au Maroc avec plusieurs armes dans son bagage

Un homme a été arrêté dimanche dernier à Fes (Maroc), en présence de Nantes, avec dans son bagage en outre tout un arsenal d'armes automatiques, entre autres des couteaux de combat, une mitrailleuse portable ou encore un réacteur gaz. L'homme est un ancien soldat français, cadre de l'armée après avoir été signalé comme radicalisé, qui avait été assigné à résidence après les attentats de Paris, jusqu'à la mi-février.

👍 (1)



Paris: au Mondial du tatouage, le souvenir des attentats de novembre

Le tatouage, pour le souvenir: Plusieurs tatoueurs qui officient ce week-end au Mondial du tatouage expliquent que depuis novembre dernier, une partie de leur clientèle demande des tatouages en lien avec les attentats.

👍 (1)



La vérité sur MOUTON

13 novembre: L'ex bourgmestre de Molenbeek se dit prêt à témoigner

Nicolas Hénaut, ancien bourgmestre de Molenbeek, ancien de familles de victimes des attentats du 13 novembre 2001, annonce à la fois son prêt à témoigner comme simple dans les enquêtes sur les attentats du 13 novembre 2001. L'ancien bourgmestre de Molenbeek, ancien de l'ouvrage La vérité sur Molenbeek se dit prêt à témoigner. Je ne suis pas celui qui ne se défendait, j'ai été obligé, avant de savoir ce qui s'était passé, de prendre la parole par rapport aux faits.



Galari Abdoulin se serait caché à Schaarbeek pendant trois semaines

Galari Abdoulin, ancien de Paris, ancien de l'ouvrage La vérité sur Molenbeek se dit prêt à témoigner. Je ne suis pas celui qui ne se défendait, j'ai été obligé, avant de savoir ce qui s'était passé, de prendre la parole par rapport aux faits.

SIMULAÇÃO 2, CUC INICIAL



Batactan : -À chaque rafale, on essaye de ramper le plus loin possible des tireurs-

- Hénaut de Paris : « C'est un scénario basé sur des faits réels, mais cela ne s'est pas passé »
- Hénaut de Paris : « C'est un scénario basé sur des faits réels, mais cela ne s'est pas passé »
- Hénaut de Paris : « C'est un scénario basé sur des faits réels, mais cela ne s'est pas passé »
- Hénaut de Paris : « C'est un scénario basé sur des faits réels, mais cela ne s'est pas passé »

Des intellectuels témoignent

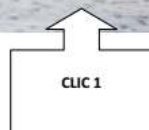


Plan du site | Charta | CGU | CGV | Infos cookies | FAQ | Contact | Abonnements | Services | Mentions légales | Publicité | Sitemap

SIMULAÇÃO DE NAVEGAÇÃO 1 – Interesse na memória dos atentados e tributo às vítimas

Início da navegação na URL: <http://attentats-paris.lefigaro.fr/>

Acesso em 29 de março de 2016.



CLIC 1 – redireciona para a URL <http://www.lefigaro.fr/politique/le-scan/citations/2015/11/27/25002-20151127ARTFIG00115-deuil-national-les-passages-forts-de-l-hommage-aux-victimes-de-francois-hollande.php>

Le Figaro
Premium

Les passages forts de l'hommage de François Hollande aux victimes

[LE SCAN](#) > [LES VERBATIMS](#) P [Mise de Son](#) | [Mx à jour le 27/11/2015 à 14:08](#) | [Publié le 27/11/2015 à 12:42](#)

LE FIGARO PREMIUM

1 mois d'essai offert sans engagement

LES AUTEURS 30

SUR LE MÊME SUJET 30


RÉAGIR (1/10) 30

PARTAGER

[f](#) [t](#) [g+](#) [v](#)

IMPRIMER

HAUT DE PAGE



LE SCAN POLITIQUE/VIDÉOS - Le président de la République a travaillé plusieurs jours sur ce discours qu'il a lui-même rédigé, comme ce fut le cas au lendemain des attentats du 7 janvier.

Exprimer seul l'hommage de toute la nation à l'instant crucial où la France célèbre ses morts dans la cour des Invalides, la tâche n'était pas simple pour le président de la République ce vendredi matin. Pour composer son discours, le chef de l'État devait trouver le juste équilibre entre la souffrance, la nécessaire résilience et la colère légitime qui traverse le pays. Une tâche à laquelle il s'est attelé depuis mercredi dernier, peaufinant son texte jusqu'à la dernière minute ce vendredi matin. Un hommage que le chef de l'État a voulu «beau» et «solennel». Le mot d'ordre à l'Élysée, rapporte le Figaro: incarner la «justesse du moment», de manière «sobrie», «ne pas en faire trop sans en faire trop peu». Le Scan politique a sélectionné certains passages forts de ce discours qui est, de l'avis général, réussi.

«130 noms. 130 vies arrachées. 130 destins fauchés. 130 rires que l'on n'entendra plus. 130 voix qui à jamais se sont tués». C'est par cette anaphore, un effet de style cher au président, qu'a été caractérisé le drame des attaques terroristes qui ont visé Paris. **«Ceux qui sont tombés le 13 novembre, étaient la France, toute la France»**, a salué le président de la République. **«Nous communions dans les mêmes émotions en faisant fi de nos différences, de nos origines, de nos croyances»**, a poursuivi François Hollande, soulignant que contrairement aux terroristes, les tombés du 13 novembre **«savaient que la France n'est l'ennemi d'aucun peuple»**. **«Cette génération est aujourd'hui devenue le visage de la France»**, a-t-il encore lancé.

LE FIGARO PREMIUM

1 mois d'essai offert sans engagement

LES AUTEURS 30

SUR LE MÊME SUJET 30


RÉAGIR (1/10) 30


PARTAGER

[f](#) [t](#) [g+](#) [v](#)


IMPRIMER

HAUT DE PAGE





ACHETER



Envie d'apprendre une nouvelle langue ?

Découvrez cours offert >



IMPRIMER 

HAUT DE PAGE 



1 mois d'essai offert sans engagement

LES AUTEURS 

SUR LE MÊME SUJET 

RÉAGIR (214) 

PARTAGER 



IMPRIMER 

HAUT DE PAGE 





Une référence à André Malraux

«Le visage de la France», une expression qui rappelle de manière frappante la formule d'André Malraux, prononcée en clôture du discours de panthéonisation de Jean Moulin. Le 19 décembre 1964, le ministre de la Culture avait lancé: «Jeunesse, puisses-tu penser à cet homme comme tu aurais approché tes mains de sa pauvre face informée du dernier jour, de ses lèvres qui n'avaient pas parlé; ce jour-là, elle était le visage de la France...»



Hollande : «Cette génération saura faire preuve de grandeur»

DIRECT 

Hommage national aux victimes

DIRECT L'HOMMAGE DE LA NATION

- Video exibido na própria página, sem redirecionamento para outra URL, e com opção de compartilhamento (abaixo):





Partager cette vidéo

Partager par email ou messagerie instantanée

Copier le lien

Partager directement sur ces sites




Le chef de l'État a également félicité ceux qui ont rejoint les manifestants. «**Il est la suite de la mort mais nous, nous avons l'amour, l'amour de la vie, et il est relevé. Au sujet des terroristes, il n'est pas une bande d'assassins à tuer (30 des autres et on a blessé des innocents au nom d'une cause fautive et d'un idéal traître). Une agression à laquelle la France répondra : nous mènerons un combat jusqu'au bout et nous le gagnerons.**» «**Ils ne chercheront ni la justice ni la haine, et ce la même pour nous, nous le méritons au service de la liberté au jour le jour, à travers François Hollande, rappelant que «La liberté ne demande pas à être vengée, mais à être servie.** Une réflexion que François Hollande veut élever en ce jour où les Français ont été invités à exprimer leurs condoléances aux proches de la victime. **«La patriote manifeste aujourd'hui n'a rien à voir avec je ne sais quel instinct de revanche ou le regret de l'autre, à moins d'être à l'origine de la mort de la République.**»



CLIC 2

La rédaction vous conseille :

- **Hommage aux invisibles, la classe politique s'est unie**
- **Le gouvernement veut créer un organe central d'état de crise**
- **Contre le terrorisme de guerre, Hollande veut redéfinir l'état d'urgence**

Besoin d'un nouveau 3G ?
 Retrouvez toute la collection.
 Le 3G+ ?

CLIC 2 – redirección para a URL <http://www.lefigaro.fr/politique/2015/11/26/01002-20151126ART000264-hommage-aux-invisibles-la-classe-politique-joue-l-unite-nationale.php>

Hommage aux Invalides : la classe politique joue l'unité nationale

ACTUALITÉ > POLITIQUE Par Emmanuel Gavero - Mis à jour le 26/11/2015 à 15:22 - Publié le 26/11/2015 à 13:44

LE FIGARO PREMIUM
1 mois d'essai offert sans engagement

LES AUTEURS

Sur le même sujet

RÉAGIR (140)

PARTAGER

IMPRIMER



LE FIGARO PREMIUM
1 mois d'essai offert sans engagement

LES AUTEURS

Sur le même sujet

RÉAGIR (140)

PARTAGER

IMPRIMER

VIDÉO - La cérémonie pour les victimes des attentats du 13 novembre rassemblera un nombre inédit d'élus et de responsables de tous les partis.

Dans la foule attendue vendredi dans la cour des Invalides, pour l'hommage national aux victimes des attentats du 13 novembre à Paris et en Seine-Saint-Denis, plusieurs personnalités ont confirmé leur présence auprès de l'Élysée, organisateur de l'événement. Plus d'un millier de personnes se retrouveront durant cette cérémonie de recueillement et l'affiche politique sera sans doute inédite dans l'histoire la République.

CLIC 3



LE FIGARO PREMIUM
1 mois d'essai offert sans engagement

LES AUTEURS

Sur le même sujet

RÉAGIR (140)

PARTAGER

IMPRIMER

PAIEMENT

Outre le président de la République François Hollande, le premier ministre Manuel Valls et le gouvernement au grand complet, on notera également la présence du président de l'Assemblée nationale Claude Bartolone, du président du Sénat Gérard Larcher et de la maire de Paris, Anne Hidalgo. Nicolas Sarkozy, président des Républicains, est invité en sa qualité d'ancien président de la République. Valéry Giscard d'Estaing, invité également, ne pourra s'y rendre en raison d'un déplacement prévu de longue date à Varsovie. Jacques Chirac ne devrait pas assister à la cérémonie en raison de son état de santé.

Chez les parlementaires, seuls les présidents des différents groupes au sein des deux assemblées sont invités tels Bruno Le Roux (PS), Christian Jacob (LR), Philippe Vigier (UDI), Barbara Pompili (EELV). Les parlementaires ayant des membres de leur famille victimes des attentats pourront également participer à la cérémonie.

ALLSIAVIA.COM

13 ANS de garantie, voir 14 - Pour les professionnels

PUBLICITE

Envie d'apprendre une nouvelle langue ?

Premier cours offert !

1 mois d'essai offert
sans engagement

LES AUTEURS

sur le même sujet

RÉAGIR (140)

PARTAGER

IMPRIMER

HAUT DE PAGE

ALLUSIAVIA.COM

1 mois d'essai offert
sans engagement

LES AUTEURS

sur le même sujet

RÉAGIR (140)

PARTAGER

IMPRIMER

HAUT DE PAGE

ALLUSIAVIA.COM

Le protocole a prévu d'inviter aussi tous les membres des bureaux du Sénat (8 vice-présidents, 3 questeurs, 14 secrétaires) et de l'Assemblée nationale (6 vice-présidents, 3 questeurs, 12 secrétaires). Seront là également les 18 députés de Paris, parmi lesquels Cécile Duflot, Bernard Dohère, et les 12 sénateurs de Paris, dont Chantal Jouanno (UDI) et Marie-Noëlle Lienemann (PS). Aussi, les six sénateurs et 12 députés de Seine-Saint-Denis tels Marie-George Buffet (PC) et Jean-Christophe Lagarde, président de l'UDI, sont attendus. Tous les maires d'arrondissement de Paris sont également conviés. Rachida Dati, maire du VII^e où se situent les Invalides, sera présente, de retour d'un déplacement à Nîmes.

À noter que les présidents des commissions des lois du Sénat et de l'Assemblée, le sénateur Philippe Bas (LR) et le député Jean-Jacques Urvoas (PS), sont également invités, ainsi que leurs homologues des commissions des affaires étrangères, Elizabeth Guigou (PS) et Jean-Pierre Raffarin (LR). Ce dernier est surtout invité en sa qualité d'ancien premier ministre comme l'ont été Michel Rocard (PS), Édith Cresson (PS), Édouard Balladur (LR), Alain Juppé (LR), Lionel Jospin (PS), Dominique de Villepin (LR), François Fillon (LR) et Jean-Marc Ayrault (PS).

Le Front national, qui n'avait pas participé à la grande marche du 11 janvier, sera représenté par sa présidente Marine Le Pen, Nicolas Bay, secrétaire général, et Florian Philippot, vice-président.

Du côté des partis politiques seront présents, chez les Républicains, Valérie Pécresse, présidente du groupe LR à la région Ile-de-France, Nathalie Kosciusko-Morizet, présidente du groupe LR au Conseil de Paris. Le Front national, qui n'avait pas participé à la grande marche du 11 janvier, sera représenté par sa présidente Marine Le Pen, Nicolas Bay, secrétaire général, et Florian Philippot, vice-président. Pour sa part, Nicolas Dupont-Aignan, président de Debout La France a annoncé sa présence.

À gauche, les chefs de parti seront présents, Jean-Christophe Cambadélis pour le PS, Emmanuelle Cosse pour EELV, Pierre Laurent pour le PCF. Le Parti de gauche sera représenté par Jean-Luc Mélenchon, Éric Coquerel et Danièle Simonnet.

LE FIGARO PREMIER

1 mois d'essai offert
sans engagement

LES AUTEURS

sur le même sujet

RÉAGIR (140)

PARTAGER

IMPRIMER

HAUT DE PAGE

ALLUSIAVIA.COM

» ZAPPING: La classe politique unie derrière les symboles de la France



Un hommage national aux victimes des attentats aura lieu le 27 novembre à Paris

27 NOVEMBRE 2015 | 10H30

LE PROGRAMME

5 ans d'essai offert sans engagement

LES ARTICLES

LES LIENS LIÉS

LES LIENS LIÉS

LES LIENS LIÉS

LES LIENS LIÉS

LES LIENS LIÉS

LE PROGRAMME

5 ans d'essai offert sans engagement

LES ARTICLES

LES LIENS LIÉS

LES LIENS LIÉS

LES LIENS LIÉS

LES LIENS LIÉS

LES LIENS LIÉS

Cette cérémonie, qui se tiendra dans la cour de l'Hôtel national des Invalides à Paris, commencera à 10h30. Selon Europe 1, des gardes républicains porteront les photos de chacune des victimes tombées sous les balles et les bombes de Daech.

L'hommage aura lieu vendredi à 10h30 dans la cour des Invalides. François Hollande présidera cette cérémonie, qui sera organisée deux semaines après les attentats de Paris et de Saint-Denis ayant fait 130 morts et 301 blessés.

Selon Europe 1, des gardes républicains porteront une photo de l'écrou des victimes tombées sous les balles ou les bombes des attentats de Daech. Les familles seront invitées. Plus de 1000 personnes seront conviées pour participer à la cérémonie.

Toutes les victimes identifiées

Cet hommage national se traduit au terme d'une intense semaine diplomatique pour le président français, qui doit rencontrer Barack Obama mardi à Washington, puis son homologue russe Vladimir Poutine jeudi à Moscou, afin d'établir une coalition pour lutter contre l'organisation Etat islamique. Après l'hommage, vendredi, le chef de l'Etat doit par ailleurs se rendre à la rencontre des chefs d'Etat de l'Union européenne qui se tiendra à Malte.

La présidence de la République avait déjà annoncé, à l'issue du Conseil des ministres, que les 130 victimes des attentats à Paris et à Saint-Denis avaient toutes été identifiées. L'organisateur principal de ces attaques terroristes, les plus meurtrières sur le sol français, Abdelhamid El-Banani, est mort dans l'assaut policier mené mercredi à Saint-Denis.

CANALI

ACHETER

Lutetia

ACHETER

APÊNDICE B - SEGUNDA SIMULAÇÃO DE LEITURA

SIMULAÇÃO DE NAVEGAÇÃO 2 – Interesse nos fatos do atentado

Início da navegação na URL: <http://www.lesfigaro.fr>. Acesso em 8 de abril de 2016.



CLIC 1

Bataclan : -À chaque rafale, on essaye de ramper le plus loin possible des tireurs-

- Ataque de Paris : «Plus que quelques heures pour les forces de l'ordre au Bataclan»
- Bataclan : «On se concentre sur les images pour faire un traitement de genre»
- Bataclan : «Les forces de l'ordre ont pu entrer dans le bâtiment»
- Ataque de Paris : «Régimes de tir de 15 secondes»

CLIC 1: redireciona para post sobre os fatos do atentado na casa de espetáculos Bataclan na URL: <http://www.lesfigaro.fr/actualite/france/2015/03/14/011016-20151114ARTF000006-bataclan-chaque-rafale-est-essaye-de-ramper-le-plus-loin-possible-des-tireurs.php>

Bataclan : «A chaque rafale, on essaye de ramper le plus loin possible des tireurs»

8 articles associés

1 mois d'essai offert sans engagement

Événements

Actualités

Actualités

Actualités

Actualités

Actualités



1 mois d'essai offert sans engagement



1 mois d'essai offert sans engagement



Un jeune qui était présent à l'intérieur de la salle de concert lorsque l'attaque s'est produite s'est confié au Figaro. Il raconte sa fuite et l'ambiance de terreur qui régnait sur place.

«C'était le chaos, j'étais sur la droite dans la salle du Bonaparte, une chanson de Cageles et d'André Martel était en train de se finir, quand j'entends des cris d'urgence comme des pétards, je vois la chanteuse vouloir se jeter, je me retourne, je vois un type armé d'une arme automatique qui tire en l'air... Tout le monde se couche au sol. À partir de là, c'est l'effroi qui reprend le dessus, à chaque rafale, on essaye de ramper le plus loin possible des zones dangereuses de peur que le nombre soit l'est passé trop vite, j'essaie avec d'autres personnes de monter sur la scène par la droite en regardant sans cesse des secours. Et là c'est le bordel, les gens ont peur, se précipitent pour s'enfuir, avec d'autres personnes on passe et tout des gens avec nous pour aller derrière la scène. On se réfugie dans une pièce sur la droite, sur la scène, pensant que cela peut être une sortie, mais non.

Un moment du personnel présent dans cette salle nous dit que la porte de secours est de l'autre côté de la scène. On attend quelques dix coups de feu. Après quelques secondes d'attente, plus rien, on se peut à travers la porte des gens bouger vers la sortie de secours par tous les sens. «Ça va se recharger quand j'y pense. Tout notre groupe présent de l'autre côté de la scène dirige plus de la scène, on parvient derrière le rebord de l'escalier. À partir de là, on prend la scène, on se retrouve dehors et on court vers les toilettes».

De second arrive des coups de feu dans le couloir pour se faire, je me me suis pas retourné, j'ai couru, comme tout le monde, cours jusqu'à l'escalier. Sur le chemin déjà, de excellent policiers en uniformes et toutes l'attenté en direction de la salle. Je suis rentré chez moi, je suis bien. Il n'y a pas eu présent pas être la même chose, je suis pas en danger, je me suis pas forcément changé. Cette jour ne peut oublier »

ALLSAVIATOMA.COM
 L'ART DE LA MODE ET DE LA CULTURE

De nouvelles arrivées pour le 15
 Découvrez nos collections

15/06/2015

Discographie 1
 100 nouvelles parties
 immédiatement à l'écoute.

[Voir la liste 1](#)

LE FIGARO PREMIUM
1 mois d'essai offert sans engagement

LES AUTEURS

SUR LE MÊME SUJET

RÉAGIR (19)

PARTAGER

IMPRIMER

HAUT DE PAGE

LUISVIAROMA.COM

Sur le même sujet

Bataclan Attentats à Paris

 **Attentats : le mystérieux Farouk Ben Abbes refait parler de lui**

- La commission d'enquête sur les attentats de Paris se rend au Bataclan
- Quand l'un des tueurs du Bataclan se faisait passer pour un sauveur du **CLIC 2**
- Bataclan : le leader des Eagles of Death Metal s'excuse pour ses propos

Thématique : Bataclan [Suivre](#)

CLIC 2: redireciona para post sobre acesso de um dos terroristas ao Bataclan na URL:
<http://www.lefigaro.fr/actualite-france/2016/03/16/01016-20160316ARTFIG00336-quand-l-un-des-tueurs-du-bataclan-se-faisait-passer-pour-un-sauveur-du-gign.php>

Quand l'un des tueurs du Bataclan se faisait passer pour un sauveur du GIGN

ACTUALITE > SOCIÉTÉ | Jean-Marc Laclaux | Mo. à jour le 17/03/2016 à 13:07 | Publié le 16/03/2016 à 18:11

LE FIGARO PREMIUM
1 mois d'essai offert sans engagement

LES AUTEURS

SUR LE MÊME SUJET

RÉAGIR (19)

PARTAGER

IMPRIMER

Attentats du 13 Novembre : témoignage choquant d'une rescapée du Bataclan



- Vidéo com 4 minutos de duração exibido na própria página da notícia, no blog, com opção para compartilhamento nas redes sociais.

LES AUTEURS

Sur le même sujet

RÉAGIR (10)

PARTAGER

IMPRIMER

HAUT DE PAGE



LE FIGARO PREMIUM

1 mois d'essai offert sans engagement

LES AUTEURS

Sur le même sujet

RÉAGIR (10)

PARTAGER

IMPRIMER

HAUT DE PAGE

LES AUTEURS

Sur le même sujet

RÉAGIR (10)

PARTAGER

IMPRIMER

HAUT DE PAGE

«Ouvrez la porte, c'est le GIGN, je viens vous sauver». C'est ce qu'a prétendu l'un des tueurs du Bataclan, le 13 novembre 2015. Il s'adressait à une quarantaine de victimes retranchées dans une loge de la salle de spectacle, 40 hommes et femmes entassés dans un cagibi de 9m² à peine. Ils avaient bloqué la porte avec un canapé, un mini frigo. Impossible pour le tueur d'entrer de force.

Devant la commission d'enquête parlementaire sur les attentats de 2015, présidée par le député Les Républicains du Rhône, Georges Fenech, l'une des victimes prises au piège, ce soir-là, a livré ce témoignage incroyable, le 15 février dernier, Caroline Langlade, jeune femme courageuse, cheveux bouclés, voix posée, raconte: «À chaque coup donné par le terroriste, on a tous tenu la porte, tenu le frigo, tenu le canapé...»

Elle ajoute: «J'ai fait éteindre la lampe, fermer les fenêtres, afin qu'on ne soit pas vus. (...) pour pas que le terroriste voit combien nous étions en regardant par l'interstice de la porte, qui s'entrebâillait à chaque coup qu'il donnait». Moments d'effroi. Trois heures durant, les victimes sont restées ainsi dans le noir.

La BRI transmet un code pour s'identifier

«Ouvrez la porte, c'est le GIGN, je viens vous sauver», a donc demandé l'un des terroristes, changeant de stratégie, après un long silence. Est-ce son accent ou simplement l'instinct de survie qui a dicté la réponse? Les victimes ont, en tout cas, refusé d'ouvrir. Mais, comme il y avait débat entre elles, elles ont procédé à un vote à main levée. Et le non l'a emporté d'une courte majorité. Un vote qui a sauvé leur vie.

Comment sont-elles sorties finalement? Les fonctionnaires de la Brigade antigang sont arrivés, après la mort de tous les terroristes. Et pour convaincre les victimes de la réalité de leur qualité de policiers, il a fallu transmettre un mot de passe, un code, aux personnes retranchées. Pour qu'elles appellent les services de police et se fassent confirmer le code. D'autres précautions ont été prises, en utilisant le téléphone d'un ami d'une victime enfermée dans la loge pour communiquer.

À la fin, c'est l'imprévisible qui a tout dénoué. L'un des otages retranchés a foncé vers la fenêtre de la loge, l'a ouverte, au risque d'être pris pour un terroriste et d'être abattu. Il a soudain crié dans la rue: «Maintenant ça suffit, vous en êtes où? Est-ce que c'est vous qui êtes derrière la porte? On veut sortir!»

FIGARO partner

Le monde en émotions
Sur terre comme sur mer, découvrez le meilleur de MSC Croisières

CLIQUEZ ICI

Partenariat avec
MSC
CROISIÈRES

PUBLICITÉ

Luisaviaroma

Rebillez vos envies avec Luisaviaroma

ALTERNANMAG.COM

DECOUVREZ A

The image shows a screenshot of a news article on the Bataclan attack. The main article is titled "Le terroriste a essayé de se faire passer pour un membre du GIGN" and includes a photo of a man in a dark jacket. Below the main article is a section titled "Sur le même sujet" (On the same subject) with a navigation bar for "1 novembre", "Georges Fenech", and "Bataclan". The section contains three articles:

- Attentats : le mystérieux Farouk Ben Abbes refait parler de lui**
 - La commission d'enquête sur les attentats de Paris se rend au Bataclan
- Bataclan : le leader des Eagles of Death Metal s'excuse pour ses propos**
- Plusieurs Français repérés sur les listes de l'EI, dont les terroristes du Bataclan**

A callout box labeled "CLIC 1" with an arrow points to the article "Bataclan : le leader des Eagles of Death Metal s'excuse pour ses propos".

CLIC 1: redirección para editoria de cultura do Le Figaro. Post sobre pronunciamento dos músicos da banda que foize show no Bataclan na noite dos atentados, na URL: <http://www.lefigaro.fr/culture/2015/03/17/03006-20150317ART00043-asses-battez-s-mocane-pour-se-insinuer-sur-la-securite-du-bataclan.php>



«Je ne suis plus moi-même depuis le 13 novembre»

«Mes insouciance et/ou les paroles des personnes affilées au Bataclan auraient pu jouer un rôle dans les événements du 13 novembre peut être fondement et respectables, et j'en assume l'entière responsabilité, à t'il assuré. Le retour a t'été d'expliquer que ses propres sont en partie liés au traumatisme subi. «Je suis en proie à des colères et à des incertains et je tente de trouver un sens à cette tragédie et cette folie en suivant une thérapie. «Je ne suis plus moi-même depuis le 13 novembre». à t'il écrit aussi»




«I humbly beg forgiveness from the people of France, the staff and security of the Bataclan, my fans, friends and anyone else hurt or affected by the attack in Paris. I made it my Fox News Channel interview. My suggestion that people affiliated with the Bataclan played a role in the events of November 13 are unfounded and baseless—and I take full responsibility for them. They do not reflect opinions of my bandmates or anyone associated with Eagles of Death Metal. The blame is 100% mine. I've been dealing with my own nightmares and struggling through therapy to make sense of this tragedy and tragedy. I haven't been myself since November 13. I realize there's no excuse for my words, but for what it's worth I am sincerely sorry for having hurt, disappointed or accused anyone.»



CLIC 4

Desde 10 marzo, le Bataclan está lleno a capacity con conciertos y eventos. En el momento de la publicación de este artículo, el Bataclan está lleno a capacity con conciertos y eventos. En el momento de la publicación de este artículo, el Bataclan está lleno a capacity con conciertos y eventos. En el momento de la publicación de este artículo, el Bataclan está lleno a capacity con conciertos y eventos.

CLIC 4: redirección para perfil na rede social Facebook da banda Eagles of Death Metal, na URL: <https://www.facebook.com/eaglesofdeathmetal/posts/10153854016381014-0>

- Até 6 de abril de 2016, post havia tido 10 mil curtidas, 1 mil comentários e 687 compartilhamentos.

Eagles Of Death Metal 11 de março às 21:31

A STATEMENT FROM JESSE HUGHES:

Ver tradução

"I humbly beg forgiveness from the people of France, the staff and security of the **Bataclan**, my fans, family, friends and anyone else hurt or offended by the absurd accusations I made in my Fox Business Channel interview. My suggestions that anyone affiliated with the **Bataclan** played a role in the events of November 13 are unfounded and baseless—and I take full responsibility for them. They do not reflect opinions of my bandmates or anyone associated with Eagles of Death Metal. The shame is 100% mine. I've been dealing with non-stop nightmares and struggling through therapy to make sense of this tragedy and insanity. I haven't been myself since November 13. I realize there's no excuse for my words, but for what it's worth: I am sincerely sorry for having hurt, disrespected or accused anyone."

Curtir Comentar Compartilhar

10 mil reações Principais comentários

687 compartilhamentos 1 mil comentários

Escreva um comentário...

CLIC 5: com um clic, retornamos do Facebook para a página da matéria, no blog Le Figaro. Próximo clic redireciona para um post da mesma data, 11 de março de 2016, com a reação do Bataclan à crítica inicial do músico Jesse Hughes, na URL:

<http://www.lefigaro.fr/musique/2016/03/11/03006-20160311ARTFIG00111-le-bataclan-reagit-aux-declarations-insensee-de-jesse-hughes.php>

Le Bataclan réagit aux «déclarations insensées» de Jesse Hughes

🏠 > CULTURE > MUSIQUE Par Mathilde Doezie | Mis à jour le 11/03/2016 à 16:50 | Publié le 11/03/2016 à 11:30

LE FIGARO PROMOTION

1 mois d'essai offert sans engagement

LES AUTEURS 31

SUR LE MÊME SUJET 31

RÉAGIR (100) 31

PARTAGER

IMPRIMER

HAUT DE PAGE

Le Bataclan n'a pas tardé à réagir aux accusations glaçantes de **Jesse Hughes**, le leader des Eagles of Death Metal. Mercredi 9 mars, le chanteur de la formation de stoner rock a **laissé entendre sur la chaîne de télévision américain Fox Business** que des vigiles étaient absents lors de l'attentat commis contre la salle de concert le 13 et que ceux-ci pourraient avoir des liens avec les terroristes.

Des sous-entendus que les propriétaires du lieu ont rapidement tenus à mettre au clair. Dans un communiqué, partagé jeudi 10 mars, ils ont tenu à rappeler que Jesse Hughes avait «proféré de très graves accusations diffamatoires à l'encontre des équipes du Bataclan».

Grand Litier

L'adresse de votre bien-être

Les GRANDS JOURS!

Promotions exclusives sur les grandes marques

LES AUTEURS

SUR LE MÊME SUJET

RÉAGIR (100)

PARTAGER

IMPRIMER

HAUT DE PAGE

«Tous les témoignages recueillis à ce jour démontrent le professionnalisme et le courage des équipes de sécurité présentes sur place le 13 novembre 2015. Des centaines de personnes ont vraisemblablement été sauvées grâce à leur intervention», rapportent-ils encore. Peu après la tuerie, qui a fait 80 victimes, **beaucoup avaient d'ailleurs loué le courage de «Didi»**, le responsable de sécurité de la salle, qui avait sauvé des dizaines de vies en conduisant les spectateurs vers les issues de secours au moment des premiers coups de feu.

Du 19 mars au 16 avril

Promotions exclusives sur les literies de grandes marques

En savoir plus

PUBLICITE

LES AUTEURS

SUR LE MÊME SUJET

RÉAGIR (100)

PARTAGER

IMPRIMER

HAUT DE PAGE



Communiqué Bataclan

Monsieur Jesse Hughes, membre du groupe « Eagles of Death Metals » a proféré de très graves accusations diffamatoires à l'encontre des équipes du Bataclan.

Une instruction judiciaire est en cours. Nous souhaitons laisser la justice travailler sereinement.

Tous les témoignages recueillis à ce jour démontrent le professionnalisme et le courage des équipes de sécurité présentes sur place le 13 novembre 2015.

Des centaines de personnes ont vraisemblablement été sauvées grâce à leur intervention. Aussi, nous ne commenterons plus les déclarations insensées de Monsieur Jesse Hughes, qui sont à mettre sur le compte de leur traumatisme subi.

Depuis ses accusations, nous avons reçu des nombreux messages de soutien de toutes les personnes présentes le soir du drame.

Toutes les équipes du Bataclan sont particulièrement touchées par ces marques spontanées de soutien. Nous vous remercions chaleureusement.

L'équipe du Bataclan



la salle assure avoir reçu de nombreux messages de soutien, dont ceux de personnes présentes le soir du drame.

Jusqu'ici, la sécurité du Bataclan n'avait jamais été remise en cause et Jesse Hughes n'avait pas fait part de ces remarques au début de l'enquête.

«Une

incroyable !

Cet homme parle couramment 8 langues

Voir le vidéo !

instruction judiciaire est en cours. Nous souhaitons laisser la justice travailler sereinement», ajoutent-ils. «Aussi nous ne commenterons plus les déclarations insensées de Jesse Hughes qui sont à mettre sur le compte du lourd traumatisme subi», écrivent-ils encore.

Depuis la tenue des propos de Jesse Hughes, la

Communiqué Bataclan

Monsieur Jesse Hughes, membre du groupe « Eagles of Death Metals » a proféré de très graves accusations diffamatoires à l'encontre des équipes du Bataclan.

Une instruction judiciaire est en cours. Nous souhaitons laisser la justice travailler sereinement.

Tous les témoignages recueillis à ce jour démontrent le professionnalisme et le courage des équipes de sécurité présentes sur place le 13 novembre 2015.

Des centaines de personnes ont vraisemblablement été sauvées grâce à leur intervention. Aussi, nous ne commenterons plus les déclarations insensées de Monsieur Jesse Hughes, qui sont à mettre sur le compte du lourd traumatisme subi.

Depuis ses accusations, nous avons reçu des nombreux messages de soutien de toutes les personnes présentes le soir du drame.

Toutes les équipes du Bataclan sont particulièrement touchées par ces marques spontanées de soutien. Nous vous remercions chaleureusement.

L'équipe du Bataclan

- Zoom (para permitir a leitura) do comunicado oficial do Bataclan, esclarecendo que há um processo judicial em curso para apurar as críticas iniciais do músico Jesse Hughes à falta de segurança da casa de shows.

APÊNDICE C – INTERAÇÃO GERADA POR REPORTAGEM VEICULADA UM ANO APÓS OS ATENTADOS

Reportagem publicada no blog Attentats de Paris em 12 de novembro de 2016 seguida por comentários dos leitores. Disponível no link: <http://www.lefigaro.fr/musique/2016/11/08/03006-20161108ARTFIG00199-le-concert-de-sting-au-bataclan-complet-en-moins-d-une-heure.php?> Acesso em 3 de dezembro de 2016.

LE FIGARO · fr

Sting au Bataclan: «Nous devons célébrer la vie et la musique»

VIDÉO - Le concert a débuté ce samedi soir vers 21h par une minute de silence. Les places mises en ventes mardi ont toutes été vendues en à peine une heure, la recette sera reversée aux associations de victimes.

🗨️ (346) 📄 (2662)



Chamada de capa para a reportagem "Sting no Bataclan: "Nós devemos celebrar a vida e a música"

Menu
En direct
Journal

LE FIGARO · fr
culture

Premium
Cinéma
Musique
◀ Le Live
Langue Française

Sting au Bataclan: «Nous devons célébrer la vie et la musique»

Par  lefigaro.fr | Mis à jour le 12/11/2016 à 23:17 / Publié le 08/11/2016 à 14:09



LE FIGARO PREMIUM
1 mois d'essai offert

346 commentaires



VIDÉO - Le concert a débuté ce samedi soir vers 21h par une minute de silence. Les places mises en ventes mardi ont toutes été vendues en à peine une heure, la recette sera reversée aux associations de victimes.



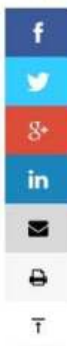
«Ce soir, nous avons deux tâches à concilier: d'abord se souvenir de ceux qui ont perdu la vie dans l'attaque, ensuite célébrer la vie, la musique dans ce lieu historique». C'est par ces mots que Sting a débuté son concert samedi soir, au Bataclan, où 90 spectateurs avaient été tués il y a un an. Le chanteur, en compagnie du musicien Ibrahim Maalouf, faisait face à une salle pleine.



Il a ensuite entamé le premier morceau intitulé «Fragile», suivie du tube «Message in a Bottle». Dans la salle de près de 1500 places, des rescapés et familles de victimes et des fans émus. Certains étaient en pleurs. Quelques officiels étaient aussi présents. Selon notre journaliste sur place ([@LenaLutaud](#) sur Twitter), la ministre de la Culture Audrey Azoulay était toujours absente à 21H30.

346

Les Eagles of Death Metal refoulés



Après avoir chanté «Insallah», «Englishman in New York» et «Every breath you take», le chanteur a largement dépassé les 60 minutes de concert prévu. Il a notamment interprété «The empty chair», en hommage à son ami photographe tué en Syrie mais aussi à toutes les familles de victimes présentes. Le concert s'est terminé peu avant 23H.

Au même moment, on apprenait que la direction du Bataclan avait refoulé à l'entrée deux membres des Eagles of Death Metal, le groupe qui jouait le soir des attentats. «Ils sont venus, je les ai virés, il y a des choses qu'on ne pardonne pas», a déclaré Jules Frutos, le codirecteur de la salle de concert. Le chanteur, Jesse Hughes, l'un des deux membres refoulés samedi soir, avait en mars dernier multiplié les théories complotistes et racistes, accusant notamment «la sécurité du Bataclan d'être de mèche avec les terroristes». Plus tôt dans la journée, Jules Frutos avait déjà prévenu sur France Info: «Ils ne passeront pas au Bataclan, c'est mon choix».



«Retrouver une vie normale»

Quelques jours plus tôt, les ventes de places s'étaient écoulées en moins de soixante minutes et le concert de Sting affichait complet. «Toutes les places pour le concert de l'ex-leader du groupe Police ont été vendues, merci de votre compréhension», pouvait-on lire mardi matin sur le site de la salle de spectacle. L'ancien leader de Police devrait se tenir sur scène pour un court set d'une heure.

346

f

Twitter

g+

in

✉

🔖

📄



 **Lena Lutaud**
@LenaLutaud

Suivre

Après 1 mn de silence et "Fragile", #Sting fait danser et chanter tout le #Bataclan. La vie est revenue!!!

18:25 - 12 Nov 2016

👤 4 ❤️ 6

f

Twitter

g+

«C'est important que (la salle) redémarre, que ça reste un lieu de concerts après ce qui s'est passé. On a besoin de retrouver une vie normale», estimait le chanteur britannique dans *Le Parisien*, samedi, dans un entretien réalisé avant l'annonce officielle de sa venue au Bataclan.

346

f

Twitter

g+

in

✉

🖨

T



Lena Lutaud
@LenaLutaud

Suivre

Avec "Insallah", Sting rends hommage aux migrants venus se réfugier en Europe sur des batx de fortune.

18:37 - 12 Nov 2016

↩️ ↻️ 1 ❤️ 1

f

Twitter

g+

in

✉

🖨

T

«C'est avant tout le jour pour se souvenir des victimes». «En même temps, le Bataclan qui rouvre, c'est aussi un beau message [car la vie continue](#). Le rôle de l'Etat est de faire (...) que cette reconstruction soit possible», soulignait sur Europe 1 la secrétaire d'Etat à l'aide aux victimes Juliette Méadel, qui devait être présente ce soir.

Un ample dispositif de sécurité a été mis en place par la préfecture de police avec passage des démineurs, pré-filtrage et filtrage. Dès 20h, les premiers messages sur Twitter ont été postés par les personnes dans la salle, dont notre journaliste [Léna Lutaud](#):

346

f

Twitter

g+

in

✉

🖨

T



 **Lena Lutaud**
@LenaLutaud

[Follow](#)

#Bataclan la fosse de remplie

4:41 PM - 12 Nov 2016

↩ ↻ 10 ❤ 7

346

f

Twitter

g+

in

✉

🖨

T

La présence de Sting traduit la volonté de «faire un maximum de bruit», selon Jérôme Langlet, le patron de la branche Lagardère Live Entertainment, propriétaire de la salle parisienne. «Un an après les attentats, la France et le monde entier vont voir que le Bataclan revit.» La star ne prendra pas de cachet et la recette de ce premier concert sera reversée à deux associations de victimes: Life for Paris et 13 novembre: Fraternité et Vérité.

Pour cette renaissance, le Bataclan a été refait à l'identique en huit mois de travaux. Tout a été changé «du toit au plancher, de la peinture aux carrelages». Seul le hall d'entrée a été rendu plus lumineux. Et un «BATACLAN» en lettres rouges dansantes trône désormais sur la devanture. Le concert, filmé, sera rediffusé dans la nuit de dimanche à lundi (à 00h55) par France 2 puis lundi soir (à 22h50) par France 4, ainsi que par TV5 Monde sur tous les continents.

Dimanche, jour de commémoration, la salle restera fermée.



346

f

Twitter

g+

in

✉

📄

T

(Avec agences)

METAL, QUI JOUAIT SUR LA SCÈNE DU BATACLAN LE SOIR DE LA TUERIE, POURRAIENT ASSISTER À

00:00 02:15

La rédaction vous conseille

- ▶ «Avec Sting, le monde entier va voir le Bataclan revivre!»
- ▶ Le Bataclan rouvre avec un concert de Sting le 12 novembre
- ▶ Surprise! Sting revient avec son nouvel album 57th & 9th

Convergência de mídias, com texto, vídeo, foto, interação com redes sociais, repercussão de posts nas redes sociais e índice para postagem anteriores (contextualização) dividindo a mesma página.



 **Jean le patriote**

Une messe en hommage aux victimes aurait été plus adaptée !

Le 13/11/2016 à 13:50

alerter ▲ Répondre ➔

 **Katyn**

Les aigris passent leur temps à tout critiquer. Ils ont sans doute un compte à régler avec leur vie ratée. Ils s'en prennent donc à tous eux qui agissent. Bravo à Sting et à ceux qui sont venus faire revivre le Bataclan.

Le 13/11/2016 à 12:11

alerter ▲ Répondre ➔

Exemplo de comentário seguido por resposta antagonista¹

¹ Jean o patriota: Uma missa em homenagem às vítimas seria mais adequada.

Katyn: Os azedos passam seu tempo criticando tudo... Parabéns ao Sting e a todos que fizeram o Bataclan reviver.

 **vincent36**
 "on a besoin de retrouver une vie normale" dit Sting ! "on"... ah bon, sa vie a été changée a lui ?
 Je ressens cette soirée non pas comme une commémoration mais comme une vaste farce, juste un rassemblement de gauchos donneurs de leçons.
 Le 13/11/2016 à 08:11

Masquer la **réponse** à ce commentaire ↵ | Alerter ▲ | Répondre ➔

 **capucine I**
 Mais ce monsieur est en pleine promotion de son album....."on a besoin de retrouver une vie normale" dit Sting .Mais de qui parle-t-il? On On On On .Qu'il s'occupe d'aller faire la Police chez lui.De plus la question sur le burkini et sa réponse était d'un total irrespect lors de cette douloureuse commémoration
 Le 14/11/2016 à 01:59

Alerter ▲ | Répondre ➔

Exemplo de comentário seguido por aprovação de outro leitor²

 **Anouk75**
 " Nous devons célébrer la vie et la musique, inch allah " ?! Les familles des victimes vont surement apprécier.
 Le 13/11/2016 à 02:10

Masquer la **réponse** à ce commentaire ↵ | Alerter ▲ | Répondre ➔

 **Till l'Espiègle**
 Oui, elles apprécieront, puisque Sting a promis de reverser les recettes aux familles des victimes.
 Le 13/11/2016 à 03:25

Alerter ▲ | Répondre ➔

² Vincent36: "nós temos que retomar a vida", diz Sting! "nós"?... Ah bom, a vida dele mudou?... Eu vejo esta noite não como uma comemoração, mas como uma grande farsa...

Capucine I: Este senhor é em plena promoção do seu álbum. "Nós temos que retomar a vida", diz Sting. Mas de quem ele fala, nós, nós, nós, nós?

**sophiealexandra**

c'est un peu réducteur non ? Les familles vont toucher de l'argent donc cette réouverture est parfaite . Ne croyez vous pas que les choses sont un peu plus compliquées ? On peut aussi considérer que les propriétaires se donnent bonne conscience par ce don pour réouvrir leur salle et recommencer l'exploitation . On peut le comprendre mais parler de solidarité me paraît un peu naïf .

Le 13/11/2016 à 07:08

alerter  Répondre 

**Jemaintiendrai**

Vous n ' achèterez pas toujours le silence des victimes avec quelques piécettes ou des montagnes d ' or.

Le 13/11/2016 à 05:05

**Till l'Espiègle**

C'est qu'on appelle un don, la solidarité. C'est normal quand on est humain. Mais cela doit vous échapper.

Le 13/11/2016 à 06:13

alerter  Répondre 

**Choukhov**

Le don, le don, le don. Et pourquoi ce don ? Les raisons vous en échappent. Déni bien-pensant passager. En cas de fuite d'eau pensez à couper l'eau avant de passer la serpillière. Votre discours répétitif et simpliste fait la part bonne aux bourreaux dans l'ombre. En passant, il n'y a pas que l'argent qui vaille.



Jemaintiendrai
 L'humanité consiste à protéger les citoyens de la barbarie, pas de les y exposer pour des motifs idéologiques. Rassurez - vous, vos motivations ne m' échappent pas.

Le 13/11/2016 à 07:38

Alerter  Répondre 

Exemplo de comentário incitando diálogo / controvérsias em seis respostas³



Georges Duroy
 Honteux. Le Bataclan laisse Sting chanter "Inshallah" et réfout les Eagles Of Death Metal. Quel affront envers les victimes.

Le 13/11/2016 à 01:45

Lire les 9 réponses à ce commentaire  Alerter  Répondre 

Exemplo de comentário seguido por nove respostas controversas.

³ Anouk75: Nós devemos celebrar a vida e a música (diz a música de Sting Inshallah)... até parece que as famílias das vítimas vão apreciar.

Till o brincalhão: Sim, apreciarão, porque Sting prometeu reverter a renda às famílias das vítimas.

SophieAlexandra: É um pouco simplista, não? Se as famílias vão tocar no dinheiro esta reabertura é perfeita. O senhor não acredita que as coisas são um pouco mais complicadas?...

Eu me mantereí: Você não encontrará o silêncio das vítimas em moedas ou em uma montanha de ouro.

Till o brincalhão: Isto é o que designamos um dom, a solidariedade. É normal quando somos humanos. Mas isto deve escapar da sua alçada.

Choukhov: o dom, o dom, o dom... As razões escapam de vocês... Não há dinheiro que compense...

Eu me mantereí: A humanidade consiste em proteger os cidadãos da barbárie, e não em os expor por motivos ideológicos. Fiquem tranquilos. As motivações de vocês não passam despercebidas.



Georges Duroy

Honteux. Le Bataclan laisse Sting chanter "Inshallah" et réfole les Eagles Of Death Metal. Quel affront envers les victimes.

Le 13/11/2016 à 01:45

Masquer la réponse à ce commentaire ▲ | Alerter ▲ | Répondre ➔



Till l'Espiègle

Où est l'affront? Sans parler que les recettes du concert seront reversées aux familles des victimes.

Le 13/11/2016 à 03:27

Alerter ▲ | Répondre ➔



dinah moukne

@till

Croyez vous que l'argent puisse acheter l'honneur?

Le 13/11/2016 à 04:10

Alerter ▲ | Répondre ➔



Jemaintiendrai

Les trotskistes, nombreux sur ce fil, le croient hélas, dinah. La vie humaine n' a pour eux aucune valeur.

Le 13/11/2016 à 04:41

Alerter ▲ | Répondre ➔



Till l'Espiègle

Qu'avez-vous fait, vous, pour la mémoire des victimes?

Le 13/11/2016 à 06:14

Alerter ▲ | Répondre ➔

**Jemaintendrai**

@ till

Je n'ai pas fait ce que vous avez fait, à savoir militer pour une immigration incontrôlée. Je ne porte aucune responsabilité. Je n'ai donc pas de comptes à rendre, contrairement aux responsables et coupables.

Le 13/11/2016 à 07:45

Alerter

Répondre

**Démissiondesincapables**

Un tel titre est vraiment déplacé en effet. Jusqu'ou iront les bobos dans la négation de la réalité ?

Le 13/11/2016 à 02:12

Alerter

Répondre

**Jemaintendrai**

Nos dirigeants ont une profonde haine pour les peuples européens. Ils iront jusqu' où nous les arrêterons.

Le 13/11/2016 à 04:59

Alerter

Répondre



Nicolas Sheep
c'est qui "nous" ?
Le 13/11/2016 à 08:57
Alerter ▲ Répondre ➔

daniel 64
oui, mais quand !!!
Le 13/11/2016 à 07:55
Alerter ▲ Répondre ➔

Mesmos leitores utilizam comentários para sair em defesa dos mesmos argumentos.⁴

⁴ Georges Duroy: Vergonhoso. O Bataclan deixa Sting cantar Inshallah e condena o Eagles of Death Metal. Que afronta para as vítimas.

Till o brincalhão: Onde está a afronta? Sem contar que a receita do concerto vai para a família das vítimas.

Dinah Moukne: O senhor acredita que o dinheiro pode comprar a honra?

Eu me mantere: Os trotskistas acreditam nisso... a vida humana para eles não tem nenhum valor.

Till o brincalhão: E o que você fez pela memória das vítimas?

Eu me mantere: Eu não fiz o que o senhor fez, militar por uma imigração descontrolada. Eu não carrego nenhuma responsabilidade nem tenho conta a prestar, ao contrário dos responsáveis e culpados.

Demissão dos Incapazes: ... até onde irão os bobos negando a realidade?

Eu me mantere: Nossos dirigentes nutrem um ódio profundo dos povos europeus. Eles irão até onde nós os enfrentarmos.

Nicolas Ovelha: Quem é "nós?"

Daniel 64: Sim, mas quando?